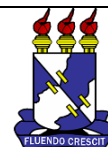




GOVERNO DE SERGIPE  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
GEOGRAFIA

## ANAIS DO SIMPÓSIO DO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS: 2017-2018



São Cristóvão  
Março de 2018

Anais do Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras: 2017-2018/ Maria Augusta Mundim Vargas, Jorgenaldo Calazans dos Santos, Vanessa Santos Costa. (Organizadores). Aracaju. 2018

1. Encontro Cultural de Laranjeiras. 2.Festas. 3.Cordel. 4. Patrimônio. 5.Memória. 6.Tradição

**ISBN 978-85-7822-607-7**

## SUMÁRIO

---

	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>04</b>
<b>1</b>	<b>SIMPOSIO 2017: CANTORIA: DA VIOLA AO CORDEL</b>	<b>05</b>
1.1	CIRCULAR	06
1.2	PROGRAMAÇÃO	13
1.3	RESUMOS	16
1.3.1	Eixo: Pesquisa e produção da literatura de cordel	17
1.3.2	Eixo: Práticas festivas tradicionais e contemporâneas	23
1.3.3	Eixo: Memória, espaços e tempos da cultura popular	30
1.3.4	Eixo: Gestão, patrimônio e políticas da cultura	34
<b>2</b>	<b>SIMPOSIO 2018: NOSSO PALCO É A RUA</b>	<b>40</b>
2.1	CIRCULAR	41
2.2	PROGRAMAÇÃO	48
2.3	PALESTRA: Tradição e contemporaneidade nas festas de rua: o exemplo de Salvador	51
2.4	RESUMOS	68
2.4.1	Eixo: Performances: tradições e contemporaneidades	69
2.4.2	Eixo: Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas	78
2.4.3	Eixo: Práticas festivas tradicionais e contemporâneas	105
2.4.4	Eixo: Memória, espaços e tempos da cultura popular	129
2.4.5	Eixo: Gestão e políticas de cultura	138
<b>3</b>	<b>INDICE REMISSIVO</b>	<b>143</b>

## APRESENTAÇÃO

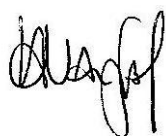
---

O Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras foi concebido como espaço de integração e junção de saberes e práticas entre produtores de cultura, e a academia e as organizações governamentais e não governamentais. Desde sua primeira edição em 1976, realiza-se com a sólida parceria entre a Prefeitura Municipal de Laranjeiras (PML), a Secretaria de Estado da Cultura (SECULT) e a Universidade Federal de Sergipe (UFS), independente de governos e dirigentes.

A trajetória do Simpósio é marcada pela grande contribuição de pesquisadores, estudantes e produtores de cultura que se prontificaram em trazer para o debate suas ideias e produções nos diversos eixos temáticos propostos a cada ano, a despeito da intermitência da publicação de suas produções. Trilhando os caminhos solidários, o Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Geografia, assume em 2017, a publicação interrompida dos Anais do Simpósio. Essa publicação disponibiliza os Anais dos trabalhos apresentados nas edições de 2017/ 2018 com as temáticas: *Cantoria: da viola ao cordel* e *Nosso palco é a rua*, respectivamente. Apresentamos os requisitos catalográficos da publicação: ISBN número 978-85-7822-607-7, Ano de edição: 2017/18, tipo de suporte: PDF disponibilizado na internet.

Desejamos que se amplie a participação do público presente até então nas edições anteriores (pesquisadores e estudantes, produtores e promotores de cultura e suas representações, representantes de organizações não governamentais e de instituições públicas e, demais envolvidos com a cultura, o folclore, o patrimônio e as festas populares), assim como que permaneça a integração entre agentes e sujeitos da cultura no fortalecimento das identidades e da autoestima do povo sergipano.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 06 de janeiro de 2018.



Profª Drª Maria Augusta Mundim Vargas  
Lider do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura

## 1. SIMPÓSIO 2017: CANTORIA DA VIOLA AO CORDEL

---



## 1.1 CIRCULAR

---

**SIMPÓSIO DO XLII DO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS/  
V FÓRUM NACIONAL PATRIMÔNIO E FESTAS  
TEMA 2017: CANTORIA: DA VIOLA AO CORDEL**

**SEGUNDA CIRCULAR (30/10/2016)**

A Comissão Científica do Simpósio do XLII Encontro Cultural de Laranjeiras e do V Fórum Nacional Patrimônio e Festas informa à comunidade acadêmica a nova data do Simpósio que acontecerá entre os dias **12 e 14 de janeiro de 2017**, no campus da Universidade Federal de Sergipe/ Campus Laranjeiras/SE. Até o dia **18 de novembro de 2016** a Comissão Científica receberá as inscrições de trabalhos a serem submetidos à avaliação de acordo com as normas contidas na primeira circular e reapresentadas nessa Segunda Circular, com indicação nos seguintes eixos temáticos:

1. Pesquisa e produção da literatura de cordel;
2. Cantorias e suas modalidades;
3. Práticas festivas tradicionais e contemporâneas;
4. Memória, espaços e tempos da cultura popular;
5. Gestão, patrimônio e políticas de cultura;

Os trabalhos poderão ser apresentados nas modalidades oral ou pôster, de acordo com a indicação do autor no momento da inscrição.

Serão aceitos resumos de até 500 palavras para as apresentações oral e pôster, de acordo com a indicação no momento da inscrição.

O encaminhamento de trabalho completo é opcional e aqueles aceitos pela Comissão serão encaminhados para publicação em Anais.

Serão aceitas inscrições com coautoria. Cada proponente poderá se inscrever em até 02 (dois) trabalhos como autor e outro como coautor.

Aracaju, 30 de outubro de 2016.

**ANEXO 01**  
**NORMAS PARA SUBMISSÃO DE RESUMOS –**  
**MODALIDADES PÔSTER E APRESENTAÇÃO ORAL**  
**SIMPÓSIO DO XLII DO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS/**  
**V FÓRUM NACIONAL PATRIMÔNIO E FESTAS**  
**CANTORIA: DA VIOLA AO CORDEL**

- O prazo final para submissão de trabalhos é dia **18 de novembro** de 2016.
- As seções de pôsteres e apresentação oral serão divididas em três grupos de acordo com o tipo da produção:
  - A)** *Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação, Extensão e afins;*
  - B)** *Relatos de Experiência de professores da Educação Básica, produtores de cultura e afins;*
  - C)** *trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins;*
- O **resumo** deve ser encaminhado para apreciação da comissão científica do encontro através do e-mail: **[simposio.laranjeiras.2017@gmail.com](mailto:simposio.laranjeiras.2017@gmail.com)**, **juntamente com a ficha de inscrição.**
- O **resumo** deve obedecer às normas estabelecidas;
- O conteúdo do texto deve ser analisado criteriosamente por um profissional de gramática de responsabilidade do autor;
- O **resumo** deverá ser digitado em Word for Windows e conter **no máximo 500 palavras**;
- O trabalho deve ter **no máximo três autores**;
- Cada autor pode submeter no máximo 02 trabalhos;
- Cada proponente poderá se inscrever em até 02 trabalhos como autor e outro como coautor.
- Ao encaminhar o resumo o(s) autor(es) deve (m) definir o eixo temático, o tipo de produção, assim como a modalidade de apresentação pôster ou oral. Os eixos temáticos são:
  1. *Pesquisa e produção da literatura de cordel;*
  2. *Cantorias e suas modalidades;*
  3. *Práticas festivas tradicionais e contemporâneas;*
  4. *Memória, espaços e tempos da cultura popular;*
  5. *Gestão, patrimônio e políticas de cultura.*
- A Comissão Científica encaminhará o resumo para os pareceristas que o analisarão observando: a) sua qualidade científica; b) sua pertinência em relação ao eixo temático; c) o tipo de produção e, c) o respeito às normas;
- **Estrutura do Trabalho:** **Título do trabalho:** todo em maiúsculo, tamanho 14, negrito, centralizado. **Nome dos autores:** centralizados logo abaixo do título, tamanho 12, espaçamento simples; embaixo do nome, colocar as informações referentes à(s) instituição(ões) a que pertence(m), grupo (s) de pesquisa (s) que participa/coordena, bem como endereço postal e o(s) correio(s) eletrônico(s) do(s) autor(es). Após o nome dos autores indicar o eixo temático e o tipo de produção.



- **Resumo:** dois espaços abaixo dos nomes dos autores com espaçamento simples e em língua portuguesa com no máximo 500 palavras.
- **OS RESUMOS APROVADOS NA MODALIDADE PÔSTER DEVEM SER FORMATADOS DE ACORDO COM AS SEGUINTE NORMAS:**
  1. O pôster deverá ter a seguinte dimensão: **0,60m (largura) x 0,90m (altura)**;
  2. Em destaque deverá aparecer **o título, o(s) nome(s) do(s) autor(es) e vínculo institucional**;
  3. **Ilustrações:** As figuras, fotografias, desenhos, gráficos, mapas, quadros, tabelas etc., deverão ser apresentadas de acordo com as normas da ABNT.
  4. **Palavras-chave:** Entre três e cinco e devem representar o conteúdo do texto.
  5. **Citações:** com mais de 03 (três) linhas devem ser destacadas com recuo da margem esquerda, justificado, espaçamento simples, mesma fonte, tamanho reduzido e sem aspas, sem parágrafo e sem itálico. (ver normas ABNT).
  6. Os resumos aprovados na modalidade apresentação oral devem indicar na ficha de inscrição a forma de apresentação com ou sem *Datashow*.
  7. **Referências:** Entre linhas simples, Espaçamento entre parágrafos antes de 6pts, alinhamento de texto a esquerda, ordenado alfabeticamente. Para organização das referências, deve-se seguir as normas da ABNT e relacionar somente os autores citados. Exemplos:

Livro:

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Parte de Livro:

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. (Org.). **Memória e Patrimônio. Ensaio Contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

Artigo:

PELEGRINI, Sandra C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**, UNESP/FCLAs/CEDAP, v.3, n.1, p. 95-109, 2007.

Endereço Eletrônico:

UNESCO. **Patrimônio Cultural no Brasil**. Disponível em: <http://www.unesco.org/pt/brasil/culture-in-brazil/world-heritage-in-brazil/cultural-heritage-in-brazil/>. Acessado em: 30 de Junho de 2011.

Dissertações/Teses:

SILVA, José Borzacchiello da. **Movimentos sociais populares em fortaleza: uma abordagem geográfica**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986. 268p. (Tese, doutorado em Ciências: Geografia Humana).

**ANEXO 02**  
**NORMAS PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS COMPLETOS (opcional)**  
**SIMPÓSIO DO XLII DO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS/**  
**V FÓRUM NACIONAL PATRIMÔNIO E FESTAS**  
**CANTORIA: DA VIOLA AO CORDEL**

- Enquadram-se nessas normas os resumos aceitos pela Comissão Científica e que foram desenvolvidos por seu (s) autor(es).
- O período para envio dos **artigos** é de **18 de novembro a 2 de dezembro 2016.**
- O artigo deve ser encaminhado para apreciação da comissão científica do encontro através do e-mail: **simposio.laranjeiras.2017@gmail.com**
- O artigo deve obedecer às normas estabelecidas;
- O conteúdo dos textos deve ser analisado criteriosamente por um profissional de gramática de responsabilidade do autor;
- O artigo deverá ser digitado em Word for Windows e **ter entre 10 e 15 páginas;**
- O artigo deve ter no máximo dois autores;
- Cada autor pode submeter no máximo 02 trabalhos.
- Cada proponente poderá se inscrever em até 02 trabalhos como autor e outro como coautor.
- Ao encaminhar o trabalho completo o(s) autor(es) devem definir o eixo temático, assim como o tipo de produção e a modalidade de apresentação pôster ou oral. Os eixos temáticos são:
  - 1. Pesquisa e produção da literatura de cordel;*
  - 2. Cantorias e suas modalidades;*
  - 3. Práticas festivas tradicionais e contemporâneas;*
  - 4. Memória, espaços e tempos da cultura popular;*
  - 5. Gestão, patrimônio e políticas de cultura;*
- **Configuração da página:** formato A4; orientação retrato (em todo o trabalho); margens: superior e esquerdo 3,0 cm; inferior e direita 2,0 cm; cabeçalho e rodapé 1,5 cm.
- **Formatação:** Fonte Times New Roman; tamanho 12, justificado; recuo inicial de parágrafo 1,25 cm, espaçamento 1,5; sem espaço entre os parágrafos; sem paginação.
- **Estrutura do Trabalho:** Título do trabalho: todo em maiúsculo, tamanho 14, negrito, centralizado. Nome dos autores: centralizados logo abaixo do título, tamanho 12, espaçamento simples; embaixo do nome, colocar as informações referentes à(s) instituição(ões) a que pertence(m), grupo (s) de pesquisa (s) que participa/coordena, bem como endereço postal e o(s) correio(s) eletrônico(s) do(s) autor(es). Após o nome dos autores indicar o eixo temático e o tipo de produção.

- **Resumo:** dois espaços abaixo dos nomes dos autores com espaçamento simples e em língua portuguesa com no máximo 200 palavras.
- **Textos e Ilustrações:** Apresentar o texto em um único arquivo com ilustrações (figuras, fotografias, desenhos, gráficos, mapas, quadros, tabelas etc.), centralizados na página e inseridos em seus devidos lugares (conferir normas ABNT).
- **Palavras-chave:** Entre três e cinco e devem representar o conteúdo do texto.
- **Citações:** com mais de 03 (três) linhas devem ser destacadas com recuo de 4,0 cm da margem esquerda, justificado, espaçamento simples, mesma fonte, tamanho 11 e sem aspas, sem parágrafo e sem itálico. (ver normas ABNT).
- **Notas de rodapé:** deve ser utilizando o recurso “inserir notas de rodapé” e apresentadas em ordem crescente, em algarismos arábicos, com fonte Times New Roman, tamanho 10, justificado.
- **Referências:** Entre linhas simples, Espaçamento entre parágrafos antes de 6pts, alinhamento de texto a esquerda, ordenado alfabeticamente. Para organização das referências, deve-se seguir as normas da ABNT, e relacionar somente os autores citados. Exemplos:

Livro:

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Parte de Livro:

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. (Org.). **Memória e Patrimônio. Ensaios Contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

Artigo:

PELEGRINI, Sandra C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**, UNESP/FCLAs/CEDAP, v.3, n.1, p. 95-109, 2007.

Endereço Eletrônico:

UNESCO. **Patrimônio Cultural no Brasil**. Disponível em: <http://www.unesco.org/pt/brasil/culture-in-brazil/world-heritage-in-brazil/cultural-heritage-in-brazil/>. Acessado em: 30 de Junho de 2011.

Dissertações/Teses:

SILVA, José Borzacchiello da. **Movimentos sociais populares em fortaleza: uma abordagem geográfica**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986. 268p. (Tese, doutorado em Ciências: Geografia Humana).

**REALIZAÇÃO:**

Secretaria Estadual de Cultura – SECULT

**Parceiros:**

Secretaria do Turismo e do Esporte de Sergipe- SECTUR

Secretaria de Estado de Comunicação - SECOM

Secretaria Municipal de Cultura de Laranjeiras

Universidade Federal de Sergipe – Campus Laranjeiras e PPGeo/Campus São Cristóvão

**Apoio:**

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

**COMISSÃO CIENTÍFICA****Coordenação:**

Maria Augusta Mundim Vargas: Grupo e Pesquisa Sociedade & Cultura  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal de Sergipe

Auceia Matos Dourado – S&C/PPGeo/UFS – UFAL

Anete Marília Pereira - UNIMONTES

Ângela Fagna Gomes de Souza – S&C/PPGeo/UFS – UNB

Antônio Alves do Amaral – CEC/SE

Caio Augusto Amorim Maciel - UFPE

Daniella Pereira de Souza Silva – S&C/PPGeo/UFS

Fernando Antônio Santos de Souza – UFS

Isabel Nascimento - SECULT

Jorgenaldo Calazans dos Santos– S&C/PPGeo/UFS

José Rogério Lopes - UNISINOS

Jussara Rosa Tavares – UFS

Lindolfo Alves do Amaral Filho – SECULT/SE

Luis Gustavo Molinari Mundim – IEPHA/MG

Kleber Rocha Queiroz – IPHAN/SE

Maria Augusta Mundim Vargas – S&C/PPGeo/UFS

Maria Geralda de Almeida - UFG

Maria Salomé Lopes Fredrich - S&C/PPGeo/UFS - UFOPA

Mercia Sylviane Rodrigues Pimentel - UFAL

Pericles Moraes de Andrade Junior - UFS

Priscila Maria de Jesus – UFS

Roseane Cristina Santos Gomes – S&C/PPGeo/UFS

Rosiane Dias - UFG

Rodrigo Herles dos Santos – S&C/PPGeo/UFS – IBAMA

Rodrigo Santos Lima - S&C/PPGeo/UFS

Solimar Guindo Messias Bonjardim – Fundação Raul Bauab

Suely Gleyde Amancio Martinelli – UFS

Vanessa Santos Costa - S&C/PPGeo/UFS

Verônica Nunes – UFS

## 1.2 PROGRAMAÇÃO

---

**XLII SIMPÓSIO  
ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS  
PROGRAMAÇÃO 2017**

**12/01/2017 – Quinta feira – MANHÃ**

09h – Cerimonial abertura: homenagens aos Mestres: Sales (Laranjeiras), Rindú (São Cristovão), Idelfonso (Carmópolis) e Neguinho (Japaratuba)  
Palavras de Aglaé d'Ávila Fontes (SE)  
9h40 – Exibição do documentário: “A cantoria”, de Geraldo Sarno  
10h – Conferência de abertura – Prof. Jackson da Silva Lima (SE)  
12h – Exibição do documentário: “Jornal do sertão”, de Geraldo Sarno  
12h20 – Almoço

**12/01/2017 – Quinta feira – TARDE**

14h30 – Exibição do documentário “Cordel” de Fátima Goes e Edu Freitas  
14h50 – Mesa com poetas populares  
Coordenação Klévisson Viana (CE)  
Participantes cordelistas sergipanos: Luiz Alves,  
Izabel Nascimento  
Salete Nascimento  
Pedro Amaro  
Zezé de Boquim  
Chiquinho do Além Mar  
Ronaldo Dória  
17h – Apresentação do Imbuça – “A peleja de Leandro na Trilha do Cordel”

**13/01/2017 – Sexta feira - MANHÃ**

9h – Mesa: “A pesquisa e a produção da literatura de cordel”  
Coordenação Prof<sup>a</sup>. Aglaé d'Ávila Fontes.  
Participantes: Rosilene Alves de Melo (CE)  
Clotilde Tavares (RN)  
Klévisson Viana (CE)  
11h – Mesa: “As cantorias e suas modalidades”  
Coordenação: Prof<sup>o</sup>. Antonio Amaral (SE)  
Participantes: Ivanildo Vilanova (PE)  
Raullino Silva (PE)  
Rogério Menezes (PE)  
Raimundo Caetano (PE)  
João Miguel (DF)  
13h – Almoço

**13/01/2017 – Sexta feira – TARDE**

14h30 – Comunicações – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Augusta Mundim Vargas/ UFS  
17h – Apresentação de violeiros: Ivanildo Vilanova e Raullino Silva (PE)  
Rogério Menezes e Raimundo Caetano (PE)  
Vem, Vem do Nordeste e João Bezerra (SE)

**14/01/2017 – Sábado – MANHÃ**

9h – Mesa: “Eneás Tavares: percurso de um poeta e xilogravurista”

Hildênia Oliveira – Museu Théo Brandão (AL) e Moises Oliveira - UFAL (AL)

10h – Mesa: “Bráulio do Nascimento: presente!”

Coordenação: Cássia Frade (RJ)

Participantes: José Fernando (PE)

Beatriz Góis (SE)

Aglaé d’Ávila (SE)

Jackson da Silva Lima (SE)

Luiz Fernando Ribeiro Soutelo (SE)

12h – Lançamento do selo comemorativo dos 50 anos do Conselho Estadual de Cultura.

Lançamento do folheto de cordel “Rio Caiçá de Simão Dias e sua súplica pela vida” Gilmar Ferreira

12h30 – Moções e congratulações

13 h – Escolha do tema do para o XLIII Encontro Cultural de Laranjeiras

13h30 – Encerramento.

### **Exposições**

#### **12/01/2017 – Quinta feira – MANHÃ**

Exposição “Xilogravura: Esculpir a madeira para expor a vida!”

Organização: Secretaria de Estado da Cultura

Local: Museu Afrobrasileiro de Sergipe.

Exposição “Os folguedos laranjeirenses em cores, ritos e significados”

Local: Salão de entrada do Campus de Laranjeiras.

Organização: Universidade Federal de Sergipe

Exposição “Cordéis de Chiquinho D’Além Mar e de Crianças laranjeirenses” – no salão de entrada do Campus de Laranjeiras.

## 1.3 RESUMOS

---



### **1.3.1 Eixo: Pesquisa e produção da literatura de cordel**

---

#### **A (des)naturalização do gênero: leitura de um folheto de cordel de Valeriano Felix dos Santos**

Edleide Santos Roza

#### **A representação do cangaço nos cordeis de Manoel D'Almeida Filho: um recorte temático**

Izabel Cristina Santana do Nascimento

Wagner Gonzaga Lemos

#### **A utilização do cordel no ensino de geografia nas séries iniciais: um relato de experiência**

Marcos Vinicius dos Santos Souza

Jonatas Ribeiro Marques Barbosa

#### **Cultura popular em cordel: o projeto Cordel e Cia. e sua contribuição para a educação pública**

Uedson José da Silva

Sergiana Vieira dos Santos

#### **A dança e o cordel**

Clécia Correa dos Santos

Ianca Caroline Carregosa Silva

Antony Felipe dos Santos

## **A (DES)NATURALIZAÇÃO DO GÊNERO: LEITURA DE UM FOLHETO DE CORDEL DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS**

Edleide Santos Roza  
Universidade Federal de Sergipe  
Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)  
E-mail: edlsanroza@hotmail.com

O estudo do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, objetiva discutir a questão da (des)naturalização do gênero a partir da análise da construção da personagem principal da narrativa – Dorotéia Carvalhal – uma mulher caracterizada, em sua ampla maioria, por signos, tradicionalmente, concebidos como próprios do masculino que, como diz o próprio título, já se casou dezoito vezes e, como versado no interior da obra, continua donzela e louca para casar. A versão escolhida como objeto de estudo é a original, sem data, cujo registro mais antigo datado, que se tem conhecimento, é de 1972. Atualmente, a obra continua sendo publicada pela Editora Luzeiro. O projeto será aplicado na Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antonio Barreto, vinculada a Rede Municipal de Ensino, em Riachão do Dantas/SE, cidade natal do referido autor do folheto. A turma escolhida é a 8ª série (denominação ainda utilizada na escola), composta por vinte e cinco alunos. O trabalho encontra-se dividido em dois capítulos: o primeiro versa sobre o letramento de um modo geral, delimitando, a partir deste, o letramento literário, cujo gênero escolhido foi a literatura de cordel e o recorte feito foi o folheto citado; o segundo constará do relato acerca das atividades de leitura e interpretação desenvolvidas na turma mencionada a partir do estudo do referido folheto. A delimitação feita neste projeto veio ao encontro dos fatores que justificaram a sua realização: a necessidade do letramento literário e do estudo de uma obra escrita por um filho do município onde vivem e estudam os alunos envolvidos no projeto; a atualidade do tema (a mulher e as questões de gênero); a possibilidade da realização de uma leitura verbal e visual da obra, da análise acurada da construção de sua personagem principal. Espera-se que os alunos compreendam o modo como é construída a personagem e sua importância para a efetivação da narrativa; reflitam sobre a questão do gênero, passando a ter um olhar crítico acerca das concepções de "mulher" existentes no meio social; e passem a valorizar mais o meio em que vivem, passando a atuar de modo transformador sobre ele.

**Palavras-chave:** Letramento; letramento literário; folheto de cordel; gênero; personagem.

## A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO NOS CORDEIS DE MANOEL D'ALMEIDA FILHO: UM RECORTE TEMÁTICO

Izabel Cristina Santana do Nascimento  
Faculdade São Luís de França  
E-mail: izabel.cordel@hotmail.com

Wagner Gonzaga Lemos  
Faculdade São Luís de França/USP  
E-mail: wagnerlemos@usp.br

Este trabalho de caráter bibliográfico trata da representação do cangaço na literatura de cordel do poeta Manoel de Almeida Filho (1914-1995). Embora paraibano de nascimento, Almeida se radicou em Aracaju, Sergipe, onde escreveu a maior parte de sua produção que a casa de centenas de livretos e ocupa, ao lado de nomes como Leandro Gomes de Barros destacado lugar na poesia popular brasileira. Analisamos nas obras “*Os Cabras de Lampião*”, “*Vida, Vingança e Morte de Corisco*” e “*Zé Baiano, Vida e Morte*”, como o poeta representou o cangaço nos versos, bem como tecemos considerações acerca do papel do cordel como elemento de comunicação, além de recurso didático.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel; Cangaço; Sergipe; Manoel d’Almeida Filho.

## **A UTILIZAÇÃO DO CORDEL NO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Jonatas Ribeiro Marques Barbosa  
Universidade Federal de Sergipe  
jonatasmarquestb@hotmail.com

Marcos Vinicius dos Santos Souza  
Universidade Federal de Sergipe  
marcosgeoufs@hotmail.com

O presente trabalho objetiva apresentar um relato de experiência de utilização da literatura de cordel como ferramenta de ensino no estágio curricular obrigatório de Geografia, desenvolvido na Escola Municipal Dr. Martinho Dorta de Oliveira Bravo, no município de São Cristóvão/SE. Além disso, discute-se o papel e a importância da utilização de metodologias que elucidem a geografia escolar nas séries iniciais, bem como, podendo despertar a compreensão do sentido das relações entre os sujeitos nos múltiplos lugares, que estão sempre rodeadas de símbolos, significados, representações, trocas, dentre outros elementos que perpassam pelo conteúdo identitário desses sujeitos. O percurso metodológico se fez por meio de pesquisa bibliográfica, que contribuiu para a construção do referencial teórico-metodológico pertinente a utilização do cordel no ensino da geografia. Utilizou-se autores que refletem acerca do ensino de Geografia na educação básica, tais como Almeida (1991), Calai (2005), Kaercher (2011) e Selbach (2010). Desse modo, observou-se que a utilização do cordel como recurso didático no ensino de Geografia proporcionou aos discentes uma dinâmica pouco, ou quase nunca vivenciada em sala de aula, além de estimular a interação, o conhecimento da cultura local-global, a escrita, criatividade, como também reconhecer-se agente integrante e modificador do espaço geográfico.

**Palavras-chaves:** Cordel, Geografia Escolar, Ensino.

## **CULTURA POPULAR EM CORDEL: O PROJETO CORDEL E CIA. E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA**

Uedson José da Silva

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Universidade Federal de Alagoas.

E-mail: [ueds@bol.com.br](mailto:ueds@bol.com.br)

Sergiana Vieira dos Santos

Universidade Federal de Alagoas.

E-mail: [serg\\_santos49@ymail.com](mailto:serg_santos49@ymail.com)

Este trabalho faz uma análise do cordel *A Saga de Berenice com seu Boizinho Encantado* do autor e cordelista alagoano João Gomes de Sá. A presente obra foi contemplada com o Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel de 2010, Edição Patativa do Assaré do Ministério da Cultura. O cordel levanta questões sobre os conflitos sociais que vivenciamos em nossos dias, como: a questão agrária, a desigualdade social e o abuso de poder, as crianças em situação de risco e a pobreza refletida no lixo. Um conto popular com uma narrativa envolvente. Dividida em sete partes que trazem a estória da menina Berenice e suas aventuras com seu Boizinho Encantado passando por lugares e encontrando outros personagens que remontam a vida sertaneja no seu período de estiagem. Berenice tem a missão de encontrar seus pais e sua irmã que desapareceram em busca de um lugar para viver longe da seca do sertão. A proposta de João Gomes de Sá vai além da escrita de cordéis, seu trabalho envolve o Projeto Cordel e Cia. que leva essa expressão artística popular para as escolas de São Paulo, onde o autor reside atualmente. Em 2015 lançou vários outros cordéis, entre eles Literatura de Cordel: Atividades, onde o autor propõe atividades lúdicas para acompanhar a leitura de seus textos e de outros cordelistas. Traz sugestões para os professores onde os mesmos podem fazer um roteiro com atividades que incentivem o interesse dos estudantes por esse gênero literário, além de contribuir com discussões que envolvam o cotidiano e nossa relação com o “outro”.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; literatura de cordel; educação.

## A DANÇA E O CORDEL

Clécia Correa dos Santos  
Escola Municipal Maria de Souza Campos  
[teia30correa@gmail.com](mailto:teia30correa@gmail.com)

Ianca Caroline Carregosa Silva  
Escola Municipal Maria de Souza Campos

Antony Felipe dos Santos  
Escola Municipal Maria de Souza Campos

Brincar e cantar faz parte do universo infantil e acontece naturalmente com as crianças. Uma boa brincadeira cantada é uma atividade apropriada para os momentos de lazer e de socialização, para o exercício da memorização, da dramatização e, especialmente, para disseminação da cultura infantil brasileira. As brincadeiras cantadas tem um valor ainda maior na atualidade, quando as crianças são bombardeadas pela mídia com programas que deixam em último plano a cultura da infância, levando-as a passarem precocemente para o mundo adulto. Este trabalho oferece as crianças a importante oportunidade de resgatar a leitura, através do **cordel e da dança**. Ao fazerem isso, além de brincarem, cantarem, divertirem-se e aprenderem sobre a importância dos textos para a nossa cultura, os alunos vão ler, escrever e refletir sobre textos cujos conteúdos já conhecem ou estão conhecendo através do nosso trabalho. As crianças que leem e escrevem de forma convencional, por sua vez, tem a possibilidade de avançar em seus conhecimentos, preocupando-se com questões como a ortografia e a segmentação, das palavras, aprimorando-se no uso das estratégias de leitura que já construíram. O trabalho com brincadeiras cantadas pode contribuir com diversas finalidades no cotidiano das crianças entre elas: ampliar o repertório de brincadeiras, para os momentos de lazer, divertir o grupo, ensinar uma brincadeira para um grupo de crianças. Neste caso, para se colocar diante de um público numa situação de comunicação oral precisarão desenvolver habilidades, como falar de maneira clara, na sequência de passos adequados à brincadeira, em um tom de voz que todos consigam escutar, dando a entonação necessária a cada parte da brincadeira, retomando partes não compreendidas pelos ouvintes e seguindo a instrução à partir dali. A cultura brasileira é muito focada na oralidade, nos ritmos, na musicalidade presente na língua portuguesa com sua variada sonoridade espalhados por nosso vasto território, podemos encontrar os tiradores de versos, os repentistas, as pessoas que memorizam imensas histórias contadas em forma de versos - a **literatura de cordel** - e que entretêm o público ao recitarem em praças públicas, nos quintais das casas, nos terreiros das fazendas e nas mais variadas formas e lugares.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel; Dança; Música; Prática pedagógica.

### **1.3.2 Eixo: Práticas festivas tradicionais e contemporâneas**

---

#### **Comunicação, sociabilidade e tradição no Entrudo de Arraias, Tocantins**

Verônica Dantas Meneses  
Bianca de Carvalho Martins  
Nayara Keicyane Bueno Borges

#### **Cultura popular: um olhar acerca da tradição dos caminhoneiros de Itabaiana/SE**

Letícia Menezes Santos  
Leylane Menezes Martins

#### **Festa como performance e contradição : negros e índios , caboclos e escravos em conflito**

Vanessa Regina dos Santos

#### **Os significados da tradicional festa do padroeiro São José da comunidade Alto dos Coelhos em Água Branca – AL**

Patrícia Quirino Rocha  
Angela Fagna Gomes de Souza

#### **Reelaboração, comunicação e cultura popular: Taieiras e Cavallhada no Tocantins**

Verônica Dantas Meneses  
Maria Eduarda Campos de Sá Ferraz  
Lauane Silva dos Santos

#### **Sociabilidade tradicional, festas e modernização em Cabo Verde, África**

José Rogério Lopes  
Anelise Fabiana Paiva Schierholt

## COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADE E TRADIÇÃO NO ENTRUDO DE ARRAIAS, TOCANTINS

Verônica Dantas Meneses  
Universidade Federal do Tocantins  
[veronica@uft.edu.br](mailto:veronica@uft.edu.br)

Bianca de Carvalho Martins  
Universidade Federal do Tocantins

Nayara Keicyane Bueno Borges  
Universidade Federal do Tocantins

O trabalho aborda a valorização dos modos de ser, fazer e viver das comunidades e grupos que não estão no padrão de visibilidade da grande mídia e da sociedade em geral a partir do estudo da festa do Entrudo, na cidade de Arraias, Tocantins. A pesquisa integra o Projeto Cultura e Comunicação: folclore, identidades culturais e memória, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). O entrudo é a principal comemoração do carnaval de Arraias, abrindo os festejos nas alvoradas de quinta à terça-feira de carnaval, agregando novos valores a este período ao mobilizar moradores da cidade que, com coletivismo, alegria e simbolismos próprios, buscam dar visibilidade ao lugar, reforçar o sentimento de pertencimento e a imagem de preservadores da tradição. O folclore e as manifestações folclóricas e populares tem se revelado cada vez mais como um discurso afirmativo de identidades culturais, de vocação turística e econômica, e de comunicação da cultura do lugar, que estão sujeitos às transformações inerentes à própria dinâmica do cotidiano. A pesquisa de campo foi realizada a partir da proposta etnográfica conduzidas pelas referências teórico-metodológicas da folkcomunicação. O entrudo tem suas origens em Portugal, chegando ao Rio de Janeiro ainda no século XVII, logo levado a outras cidades do Brasil. Em Arraias, um dos poucos relatos da realização do Entrudo atualmente no Brasil, a festa começou a partir do ciclo familiar, nas casas dos coronéis, na zona rural, mas logo o entrudo popular, com brincadeiras mais pesadas, que misturavam tinta, cal e lama, e impunham a brincadeira aos que não queriam participar, ganhou adesão. Aos poucos estes excessos foram banidos pela comunidade, e motivou a criação de uma comissão organizadora, a única com permissão para entrar nas casas e convidar os moradores para brincar. O início da festa acontece por volta das 7 horas da manhã e é marcado por um rojão. Os foliões percorrem as ruas da cidade com baldes d'água e entoando marchinhas com bandas locais, ou a banda da Polícia Militar ou a banda própria dos foliões, com sanfona e triângulo, representando o jeito bem sertanejo, "bem do nosso interior". Para os moradores o entrudo de Arraias é uma festa democrática, que não identifica ricos nem pobres. Diferente da folia do carnaval, no entrudo existem algumas regras, como homem molha mulher e vice-versa e a adesão explícita à brincadeira de quem estiver na rua. Os participantes também se oferecem para ser anfitriões servindo lanches e bebidas aos brincantes. Há também marcações simbólicas que reforçam a identidade da festa, como expressões próprias ("chibungagem" - quando homem molha homem ou mulher molha mulher; "Afofar" - quando se solicita que a pessoa puxe a camisa na parte das costas para ser molhada). Orgulho e pertencimento são destacados pelos símbolos e slogans espalhados, como a etiqueta colada em baldes dizendo "Eu amo Arraias". A água do Entrudo também funciona como uma espécie de batizado, pois os membros da comunidade trazem o outro, molham e ao mesmo tempo o inserem dentro do lugar e do movimento.

**Palavras-chave:** Identidades; Comunidade; Entrudo; Arraias; Tocantins.



## CULTURA POPULAR: UM OLHAR ACERCA DA TRADIÇÃO DOS CAMINHONEIROS DE ITABAIANA/SE

Letícia Menezes Santos  
Universidade Federal de Sergipe.  
let.turismo@gmail.com

Leylane Meneses Martins  
Universidade Tiradentes  
leylaneturismo@yahoo.com.br

O presente artigo visou compreender os processos históricos, econômicos e culturais no espaço itabaianense e como se manifestou ao longo dos anos. O transporte de carga no município de Itabaiana é uma das atividades mais tradicionais, sendo uma cultura que perpassa as gerações, a qual afeta a economia local significativamente, pois está ligada diretamente à circulação de mercadorias e pessoas, tornando a cidade uma das grandes referências nacional e principalmente regional no que diz respeito à indústria de carroceria, com grande oferta de fábricas de carrocerias, lojas de autopeças, oficinas, revendedoras de caminhões entre outras atividades. Esta pesquisa tem como objetivo central construir o conhecimento a cerca da tradição do Caminhoneiro de Itabaiana/Se através das vertentes sociais, culturais e econômicas do município, bem como entender a importância do profissional do caminhão com o passar dos anos. Conhecer as atividades desenvolvidas por eles, fortalecidas por suas religiosidades e crenças, alicerçadas pelas relações sociais e econômicas. Com um olhar mais aguçado sobre o caminhoneiro, pretendeu-se analisar sua interferência na vida diária da comunidade itabaianense e mostrar sua influência na educação das crianças. O desenvolvimento deste trabalho teve como embasamento metodológico a pesquisa bibliográfica através de materiais já elaborados como livros e artigos científicos, trabalhos acadêmicos, periódicos em geral e materiais eletrônicos, encontrados através do acesso a sites ligados ao tema e/ou específicos, cujas principais temáticas foram cultura, identidade, tradição e desenvolvimento local, além de visitas in loco para descobrir a força do caminhoneiro através de conversas informais com a população. O município foi pesquisado de forma minuciosa em todos os seus aspectos, processos históricos, econômicos e culturais. Ser caminhoneiro é motivo de muito orgulho na cidade, além de ter mês tradicional para comemorar esta profissão: A Festa do Caminhoneiro que acontece anualmente em junho, junto com a Feira Nacional do Caminhão, proporcionando a todos, principalmente aos caminhoneiros, a oportunidade de conhecer as novidades, tendências e produtos do setor de cargas, caminhão e carrocerias. A proposta foi estudar a tradição de ser caminhoneiro, constatando sua influência nos âmbitos sociais, culturas e econômicos da cidade.

**Palavras-chave:** Caminhoneiro; Cultura popular; Desenvolvimento Local; Itabaiana e Tradição.

## **FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO : NEGROS E ÍNDIOS , CABOCLOS E ESCRAVOS EM CONFLITO**

Vanessa Regina dos Santos  
Universidade Federal de Sergipe  
vanessa.regina1984@gmail.com

A festa conhecida como “teatro a céu aberto” tem como cenário as ruas de Laranjeiras, uma pequena cidade localizada no interior do Estado de Sergipe-Brasil em que sua história foi construída por conflitos de classes entre brancos, negros e índios, seu nome é Festa dos Lambe Sujos versus Caboclinhos. A luta apresentada teatralmente é a saga do negro em busca de liberdade, fugidos das fazendas de cana de açúcar, constroem seus refúgios nas matas, caçados e capturados pelos índios. Etnograficamente descrita, as ações servem exatamente para direcionar o olhar acerca dos símbolos, a priori desorganiza a estrutura social já que sai do que se define como cotidiano, permitindo excessos e exageros, mas que os papéis e personagens que ali se encontram dentro de um tempo e espaço específico através da performance, seguem uma lógica de acontecimentos sociais, perpassa além dos muros do teatro já que possui sentido e sua fundamentação é legitimada pelo momento festivo. O diálogo apresentado entre performance e festa enaltece durante o evento dramas e as contradições sociais no sentido de se festejar a própria derrota (lambe sujos) embasada pelo contexto, mas tomam destaque pela euforia, pela efervescência coletiva, num curto espaço de tempo revela a multiplicidade de sentidos vivenciadas por aqueles que dão continuidade aos grupos ano a ano . Revelam-se por meio dos gestos, da oralidade (perceptível pelas músicas, suas letras entoadas e falas elaboradas) pelas indumentárias como roupas e adereços, símbolos que buscam compor a história pungente da cidade de Laranjeiras.

**Palavras-chave:** Festa cultural, rito, dramas sociais.

## OS SIGNIFICADOS DA TRADICIONAL FESTA DO PADROEIRO SÃO JOSÉ DA COMUNIDADE ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL

Patrícia Quirino Rocha  
Universidade Federal de Alagoas  
patricia.rocha.geo@gmail.com.

Angela Fagna Gomes de Souza  
Universidade Federal de Alagoas  
angelafagna@hotmail.com

A comunidade tradicional de Alto dos Coelhos pertence ao município de Água Branca – AL, a presença do catolicismo na comunidade existe desde a sua fundação. Segundo os relatos dos moradores o senhor Antônio Coelho, um dos primeiros moradores da localidade, era uma pessoa de muita fé. Por ser religioso ensinou desde cedo a seus filhos a fé católica e, construiu a igreja católica da comunidade onde é celebrada as missas e festejos católicos. Dessa forma, esse artigo busca compreender quais são os significados que a festa tem para os moradores e para isso realizamos entrevistas, pesquisas de campo, registros fotográficos e observações empíricas, utilizando a metodologia geoetnografia visando estar inseridos na festa não apenas como observador passivo, mas como um agente participativo sempre buscando compreender a festa a partir da percepção dos próprios moradores. Atualmente a principal festa promovida pela comunidade é a festa do Padroeiro, São José, que é celebrada no mês de março com missas, procissão, nove noites de novena e show musical. Todos os moradores de alguma forma participam da festa, seja participando das missas, das novenas, dos bingos; recebendo parentes e amigos em suas casas ou apenas indo aos shows musicais. De diferentes maneiras todos estão envolvidos no festejo inclusive os que são de religiões diferentes da católica, pois é o momento em que a comunidade se reúne para festejar o padroeiro e, portanto, sua própria comunidade. A festa do padroeiro São José, não acontece somente no momento da missa ou da festa com banda musical, mas é um processo de construção ao longo das semanas que antecede. O significado da festa está para além do momento da celebração, está em todo o processo de realização e motivação que estimula a comunidade a se envolver em função de um único objetivo, a celebração. Os moradores mencionam a festa como sendo o principal momento do ano em que a comunidade se reúne. Algo interessante dessas confraternizações é que os moradores da comunidade não participam da festa da mesma forma, pois uns preferem os momentos de realização das novenas, outros das bandas de música, outros dos jogos de sorte, porém todos consideram esses momentos de fundamental importância enquanto integrantes da comunidade. Nesse sentido, o morador Zé Padre afirma, *“tudo faz parte da festa do padroeiro a parte religiosa e também outras partes que não são religiosas, que vem gente de fora né, bota barraca aí, tem banda de fora, armam um palco.”* Portanto, percebemos que a realização da festa está intimamente atrelada a religiosidade e a fé, pois os moradores são muito ligados à religião católica sendo, portanto, um elo de fortalecimento tanto da fé como da sua própria história e, ainda, da sua identidade, pois “A festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social.” (Guarinello, 2001 apud ARAÚJO; HAESBEART, 2007, p.73). Logo, a festa de São José é uma produção social construída pela e para a comunidade que fortalece a identidade territorial dos seus moradores.

**Palavras-chave:** Festa de padroeiro; geoetnografia; comunidade tradicional.

## REELABORAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA POPULAR: TAIEIRAS E CAVALHADA NO TOCANTINS

Verônica Dantas Meneses  
Universidade Federal do Tocantins  
[veronica@uft.edu.br](mailto:veronica@uft.edu.br)

Maria Eduarda Campos de Sá Ferraz  
Universidade Federal do Tocantins

Lauane Silva dos Santos  
Universidade Federal do Tocantins

O artigo estuda as Taieiras, município de Monte do Carmo, e as Cavalhadas, município de Taguatinga, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre os processos de comunicação articulados à memória e às identidades culturais regionais, presentes no folclore e outras manifestações da cultura popular no Tocantins. A pesquisa integra o Projeto Cultura e Comunicação: folclore, identidades culturais e memória, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Schmidt (2011, p.1) analisa que “são diversas as formas de expressão popular que fazem a transmissão de valores e sentimentos como mídias próprias ao seu público”. Estas manifestações, como parte da cultura, mudam, agregam novos significados, pois “sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias, aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo” (BARRETO, 2005, p.85). A pesquisa segue o suporte teórico-metodológico da Folkcomunicação. Desenvolveu-se entrevistas e observação não-participante e a produção de vídeo etnográfico. As Cavalhadas narram a batalha entre mouros e cristãos. Em Taguatinga, a festa teve início em 1936, foram interrompidas em 1946, e retornaram na década de 1990, sempre no mês de agosto junto com os festejos da padroeira do município, Nossa Senhora D’abadia. Os taguatinguenses se envolvem durante todo o período, mas o último fim de semana é o mais movimentado, pois os cavaleiros saem em campo, dramatizando o fato histórico e participando de competições. Personagens como rainhas, princesas, imperador e madrinha são eleitos a cada ano. Os cavaleiros, ao contrário, entram no grupo por meio de convite caso possuam uma vida socialmente bem vista, mas só são dispensados em caso de descumprimento de regras ou por vontade própria. Interpretar estas personagens é sinônimo de orgulho, especialmente o cavaleiro. Como agentes folkcomunicacionais, eles reproduzem a imagem de honra e tradição, descrevendo o sentimento de toda a comunidade durante todo o ano; é um papel que vem acompanhado de glória e responsabilidade. Já Monte do Carmo realiza simultaneamente a festa do Divino Espírito Santo, da Padroeira Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora do Rosário, esta última realizada há mais de 200 anos. Rainha, rei, imperador, imperatriz, taieiras, caretas, tamborzeiros e congos são as principais personagens. Durante os quatro últimos dias de festa, a celebração a Nossa Senhora do Rosário movimenta ainda mais o pequeno município: caçada da rainha, folia das mulheres, jantar do imperador, banquetes, café e licor, preparados e oferecidos pelos personagens anfitriões naquele ano. A Folia das Mulheres foi inserida à festa há alguns anos. As mulheres saem de casa em casa entoando um hino criado pela mestra Bela para arrecadar contribuições no meio urbano para as despesas da Festa. É na festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário que as Taieiras se apresentam. As Taieiras de Monte do Carmo, compostas por 12 mulheres vestidas com saias rodadas, colares no pescoço e adereços na cabeça - vestimentas que lembram a tradição e herança negra, saem pelas ruas acompanhadas pelos congos bailando e entoando hinos durante o cortejo da rainha.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Invenção; Monte do Carmo; Taguatinga.

## **SOCIABILIDADE TRADICIONAL, FESTAS E MODERNIZAÇÃO EM CABO VERDE, ÁFRICA**

José Rogério Lopes

Universidade do Vale do rio dos Sinos-Unisinos/ Universidade Federal do  
Tocantins

jrlopes@unisinos.br

Anelise Fabiana Paiva Schierholt

Universidade do Vale do rio dos Sinos-Unisinos

nise\_paiva@yahoo.com.br

A apresentação inicia por descrever e analisar os processos de modernização (sobretudo a urbanização) que ocorreram em Cabo Verde, África, desde a independência do país, em 1975, buscando expor como tais processos ultrapassam sua delimitação territorial, em ondas de “extensão funcional para além de suas fronteiras físicas” (SIMMEL, 1967, p. 23). O que se percebe em Cabo Verde é que essa extensão funcional da modernização não opera por ondas lineares, mas em circunvolução. Isso significa que as ondas de modernização se estendem de acordo com a capacidade de as mesmas desenraizarem os modos de organização social de suas culturas tradicionais (HARVEY, 1993) e influenciarem mudanças nos mesmos, em uma formação inclusiva (WILLIAMS, 1979). Tal extensão funcional de uma modernização por circunvolução, ao gerar mudanças através de uma crescente formação inclusiva, também produz apropriações circulares entre os modos de modernização e os modos de organização tradicionais da sociedade cabo-verdiana. É aqui, supomos que essas apropriações circulares se expressam regularmente nas lógicas de sociabilidade cotidianas de sua população, principalmente naquelas que se reproduzem em comunidades e localidades do interior das ilhas que compõem o país. E é buscando reconhecer o alcance de tal suposição, assim como compreender a maneira como tal circularidade de apropriações vai constituindo a modernização dos modos de organização locais, que esse estudo objetiva descrever e analisar as dinâmicas culturais que se reproduzem em duas comunidades do interior da Ilha de Santiago: as zonas de São Francisco e do Ribeirão do Chiqueiro. Da descrição etnográfica por essas zonas destacamos alguns quadros da experiência das comunidades locais que configuram lógicas de sociabilidade cotidiana e se reproduzem ou ampliam em contextos festivos. Destacam-se desses quadros, para análise, alguns referentes de territorialidade em torno de arranjos familiares e de vizinhança, que se articulam com processos de modernização dos territórios, em torno dos códigos de interação reconhecidos entre os indivíduos. Esses arranjos e articulações, por seu lado, operam segundo uma lógica local de adequação das coisas para as celebrações e se reproduz em outros contextos festivos de Cabo Verde, embora em escalas distintas, conforme os processos de modernização tenham afetado de maneira mais ou menos intensa os modos de organização tradicionais com os quais interagem.

**Palavras-Chave:** Sociabilidade tradicional; festa; modernização.

### **1.3.3 Eixo: Memória, espaços e tempos da cultura popular**

---

**Memória e identidade: o ofício das rezadeiras em Delmiro Gouveia, sertão alagoano.**

Sergiana Vieira dos Santos  
José Moisés de Oliveira Silva

**No trilhar da percepção: a procissão de Nosso Senhor dos Passos e seus sentidos**

Acácia Santos de Araújo  
Genésio José dos Santos

**A escola e o compromisso com a sergipanidade: um estudo sobre a presença das manifestações culturais nas práticas curriculares**

Kátia Simone Lima Santos  
Maria de Fátima Campos da Silva

## **MEMÓRIA E IDENTIDADE: O OFÍCIO DAS REZADEIRAS EM DELMIRO GOUVEIA, SERTÃO ALAGOANO**

Sergiana Vieira dos Santos  
Universidade Federal de Alagoas  
serg\_santos49@ymail.com

José Moisés de Oliveira Silva  
Universidade Federal de Alagoas  
moisesoliveira.sociais@hotmail.com

O estudo da memória e das representações no ofício das rezadeiras tem sido amplamente apropriado pelas Ciências Humanas contribuindo para um aprofundamento de várias análises sobre esse ofício. Neste trabalho, a proposta é de um estudo do ritual, sob uma visão antropológica, onde o mesmo será descrito e analisado: sentidos do ritual; representação ritualística; memória e identidade das rezadeiras, símbolos presentes nessas práticas e alguns apontamentos sobre a eficácia resultada pela cura dos “males que rezador cura”. Delmiro Gouveia é uma cidade interiorana do Sertão de Alagoas que é contemplada com a presença desses importantes personagens da cultura popular, rezadeiras ou benzedadeiras, que se constituem com sua contribuição como referências para o estudo da identidade, da memória indissociável da cultura, e das representações através da prática ritualística do rezar ou do benzer que figuram no imaginário popular de cidades do interior. Suas práticas voltadas à cura de infortúnios materializados nas mais variadas doenças ou no “mal que rezador cura” tem sido objeto de pesquisa de muitas outras áreas no mundo acadêmico. É nesse sentido que este trabalho, em vias de desenvolvimento, contribuirá para a discussão de uma resignificação e reinterpretação desse ofício que carrega consigo influências dos povos indígenas, ibéricos e africanos, trazendo noções sobre quem são as rezadeiras e quais são os elementos presentes nos rituais de cura, sorte ou presságios e sua simbologia. Na intenção de dar visibilidade à prática ritualística que se constitui uma resistência desse ofício de mulheres rezadeiras é que se ancora a justificativa desse trabalho.

**Palavras-chave:** Memória; Rezadeiras; Antropologia.

## NO TRILHAR DA PERCEPÇÃO: A PROCISSÃO DE NOSSO SENHOR DOS PASSOS E SEUS SENTIDOS

Acácia Santos de Araújo  
Universidade Federal de Sergipe - UFS  
acaciaraujo\_geo@hotmail.com

Genésio José dos Santos  
Universidade Federal de Sergipe - UFS  
genesio250754@gmail.com

Pessoas de diversos povoados, municípios e estados se deslocam em peregrinação, trajando roupas de cor roxa ou branca, e carregando consigo objetos pessoais ou objetos produzidos especialmente para essa ocasião. Aos poucos vão chegando, seja de ônibus, vans, carros, bicicletas e muitos a pé, todos motivados pela fé e com um objetivo: Trilhar os passos de Jesus de Nazaré antes de sua morte, que é reproduzida num cenário histórico, onde se encontra consolidado uma identidade religiosa, pelas influências que obteve da igreja católica, sendo também a antiga capital de Sergipe, a terra que sediou grandes batalhas e que é a 4º Cidade mais antiga do Brasil, embora não seja tão conhecida nacionalmente. Estamos nos referindo a cidade de São Cristóvão que reproduz, em dois dias durante a quaresma, os 7 passos sofridos por Jesus antes de sua crucificação. A procissão ocorre no centro histórico da cidade, que enfeitada de tecidos da cor roxa recebe diversos fieis e visitantes que são atraídos pelo som da matraca que segue as imagens de Nosso Senhor dos Passos com sua coroa de espinhos em sua cabeça e Nossa Senhora das Dores, portando em suas mãos, um lenço que seriam para enxugar o suor, o sangue e as lágrimas de seu filho, reflexo da dor em seus últimos passos carregando a cruz que posteriormente serviria de base para pregar seu corpo. Durante a celebração religiosa que revive os últimos passos de Jesus, há o pagamento de promessas feita por fieis em diversas modalidades, mas o que chama a atenção de todos são os objetos que são colocados no interior da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, que fazem parte da devoção ao Nosso Senhor dos Passos. Devido a quantidade de peças, resultado da religiosidade popular que foram depositadas no claustro dessa igreja durante diferentes épocas, foi-se criando de forma natural um museu neste local, conhecido como Museu de Ex-voto de Sergipe, onde estão expostas essas peças expressas de gratidão e fé. Além da motivação religiosa que atraem pessoas para São Cristóvão durante a quaresma, há também diversas pessoas que são motivadas por outros fatores. Da mesma forma que diversos moradores esperam ansiosamente esse evento religioso por conter um sentido espiritual, outros têm a mesma ansiedade pela chegada desse evento, mas que sobre passa o objetivo religioso. Considerando que existem outros fatores que guiam as pessoas para acompanharem a procissão de Nosso Senhor dos Passos, este trabalho tem como objetivo analisar, compreender e destacar os sentidos, os símbolos e significados desse evento, além do religioso, para os visitantes e moradores da cidade a partir do método Fenomenológico, fazendo o uso, para auxiliar esta pesquisa, relatos informais de moradores, frequentadores e organizadores da cerimônia religiosa, referenciais teórico e pesquisas acadêmicas, que foram essenciais para a construção deste trabalho.

**Palavras-chave:** Procissão, fé, percepção.



## **A ESCOLA E O COMPROMISSO COM A SERGIPANIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NAS PRÁTICAS CURRICULARES**

Kátia Simone Lima Santos  
Universidad Autonoma del Sur – UNASUR  
kamony26@hotmail.com

Maria de Fátima Campos da Silva  
Universidad Autonoma del Sur – UNASUR  
fatimacamposjornalista@hotmail.com

Este Trabalho tem por objetivo, a abordagem analítica acerca da inserção das Disciplinas Cultura Sergipana e Sociedade e Cultura, na grade curricular das unidades de ensino da rede estadual, municipais e até escolas particulares do Estado de Sergipe, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – para aplicabilidade efetiva a partir do primeiro semestre de 1998. O que não aconteceu, mesmo estando de acordo com parâmetros específicos próprios relativos à valorização das Culturas e manifestações populares e suas memórias, aprovada e respaldada pela Constituição do Estado de Sergipe em seu Art. 215, VII, pelo então Secretário de Estado da Educação, Luiz Antônio Barreto. O estudo priorizou pesquisas documentais, entrevistas e relatos de alguns integrantes de grupos culturais, paralelamente à aplicação de questionários aos professores do Colégio Estadual Professora Zizinha Guimarães e Escola Municipal Dr. Lourival Batista, do Município de Laranjeiras/Se, onde foram encontrados documentos comprovando a existência legal e formal para que as salas de aula recebam profissionais que apliquem seus conhecimentos lecionando essas disciplinas que são um diferencial de inestimável valor para a preservação da imensa riqueza do povo laranjeirense e sergipano, a manutenção da sua identidade histórica, folclórica e cultural, e dessa maneira estimular a partir das escolas, a conexão dos antepassados, seus espaços, tempos e toda sua bagagem cultural com o presente, através de uma contextualização e leitura educacional contemporânea sobre as manifestações culturais em todo Estado, observando as principais características, físicas, étnicas e sociológicas de identificação da Sergipanidade, buscando a participação de estudiosos e pesquisadores da U.F.S., para escolhas na inclusão de livros sobre as culturas e conhecimentos regionais, e/ou criação de uma Comissão regional ou local que possa avaliar e dar o *feedback* de escolha desses livros, através da Secretaria de Estado da Educação conjuntamente com Universidade Federal de Sergipe no sentido de estimular os estudantes da área de interesse a escolherem cursos direcionados para essas matérias, aumentando assim, a cadeia de estudos e a relação ensino/aprendizagem das disciplinas sobre a cultura e conhecimentos regionais/locais, enquanto demanda escolar para todas as unidades do Estado, no sentido de aumentar o índice de progressão por absorção de conhecimentos regionais, e as diversas formas de manifestações, eventos, danças, artesanatos e culinária que as disciplinas Sociedade e Cultura e Cultura Sergipana poderão oferecer aos estudantes da terra, de forma a fazê-los (as) descobrir o verdadeiro significado de Sergipanidade.

**Palavras-chave:** Disciplinas; Cultura Sergipana; Valorização; Contextualização; Identidade; Conhecimentos Regionais; Sergipanidade.

### **1.3.4 Eixo: Gestão, patrimônio e políticas da cultura**

---

**Notas Sobre o patrimônio e o pertencimento: uma análise dos resultados no estudo sobre a Igreja e Convento Nossa Sr.<sup>a</sup> Dos Anjos, Penedo, AL**

Sergiana Vieira dos Santos

Levy Felix Ribeiro

**O chão da festa: sobre resíduos, catadores e carnaval**

Dumara Regina de Lima

André Felipe Simões

**Renda de Bilro - tecendo história com identidade, memória e meio de viver na cidade de São Sebastião - AL**

Levy Felix Ribeiro

José Moisés de Oliveira Silva

Sergiana Vieira dos Santos

**Reflexões da construção do roteiro integrado da civilização do açúcar no estado de Alagoas (2007 –2011)**

Levy Felix Ribeiro

José Moisés de Oliveira Silva

Sergiana Vieira dos Santos

**Revalorização da cultura educacional no município de Laranjeiras – SE**

Maria de Fátima Campos da Silva

Kátia Simone Lima Santos

## **NOTAS SOBRE O PATRIMÔNIO E O PERTENCIMENTO: UMA ANÁLISE DOS RESULTADOS NO ESTUDO SOBRE A IGREJA E CONVENTO NOSSA SR.<sup>a</sup> DOS ANJOS, PENEDO, AL**

Sergiana Vieira dos Santos  
Universidade Federal de Alagoas  
serg\_santos49@ymail.com

Levy Felix Ribeiro  
Universidade Federal de Alagoas  
levyfelixtur@gmail.com

Este trabalho é uma análise dos resultados obtidos com a pesquisa sobre a relação que envolve o pertencimento dos moradores da cidade de Penedo – AL, com seu patrimônio. A cidade foi tombada Patrimônio Histórico e Cultural em 1996, desde então várias obras envolvendo reparos e restauros tem acontecido. A análise proposta nesse trabalho versará sobre as ações da Educação Patrimonial que tem o papel, nessa discussão como meio para ajudar a construir uma identidade coletiva na relação comunidade-patrimônio. Nesse sentido, o trabalho aqui proposto traz uma abordagem que pode contribuir para o entendimento de questões como a do pertencimento e de como perceber o patrimônio como algo ligado diretamente a história de cada sujeito dessa comunidade. Vale salientar que essa busca pela compreensão do que a comunidade entende como bem cultural a ser preservado se faz imperativo, pois, a educação patrimonial não pode em hipótese alguma surgir como um mecanismo impositivo de “sugestão” daquilo que deve ou não ser preservado. No Brasil, pelo modo como se deu a formação de nossa identidade nacional, fincadas em preceitos eurocêntricos, a manutenção da relação entre o patrimônio cultural e o sentimento de pertencimento se dá de maneira relativamente restrita. No que se refere ao patrimônio cultural edificado, este não deixa “apenas suas paredes” como elemento agregador de elemento identitário, mas sim toda significação e ressignificação que foi empregado no processo histórico. Com uma metodologia pautada em entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários, a análise dos dados coletados se deu através de uma discussão pautada no conceito de História Oral além da transformação dos dados em gráficos e sua respectiva interpretação. A Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos representa para além da devoção um lugar importante pela sua história. Nos relatos orais colhidos através de entrevistas dirigidas é perceptível na fala dos entrevistados os mesmos sempre se reportando ao tempo de construção da Igreja, ao que representa a mesma para a afirmação da cidade de Penedo como *lócus* histórico e turístico. Contudo, no que concerne o alcance das ações de Educação Patrimonial para contribuir na melhoria da relação comunidade-patrimônio, muito há o que se fazer. Apesar de ações desenvolvidas, como as do NUPEAH/Sertão acontecerem desde 2012, e de outras pontuais, como recentemente a fundação da Casa do Patrimônio, uma grande parcela dessa comunidade ainda desconhece essas ações e/ou sequer ouviram falar desse termo. Nesse sentido este trabalho tem como objetivo analisar a existência ou não do sentimento de pertencimento da comunidade de Penedo com o patrimônio, mais especificamente a Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos, erguidos no século XVII, e com isso apresentar a relação de identidade e interesse dentro do que os mesmos entendem como preservação desse patrimônio.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Pertencimento; Educação Patrimonial.

## O CHÃO DA FESTA: SOBRE RESÍDUOS, CATADORES E CARNAVAL

Dumara Regina de Lima  
Universidade de São Paulo  
dumaralima@usp.br

André Felipe Simões  
Universidade de São Paulo  
afsimoes@usp.br

As imagens de centenas de catadores vindas de distantes aterros e lixões sempre surpreendem os olhares mais atentos, tanto pelo desperdício espetacular da sociedade de consumo como pelas condições degradantes de trabalho e vida destinadas a uma parcela da população. Porém, muito mais próximas de nós estão as festas populares que, ao se transformam em megaeventos realizados nos espaços públicos das cidades, passam também a gerar resíduos em grande quantidade e a abrigar centenas de catadores de materiais recicláveis, cujo trabalho se realiza de forma precária e sem qualquer proteção. Não fossem as multidões apinhadas a ocupar praças, ruas e avenidas, um olhar sobre o chão das festas nos faria ver a massa de resíduos produzida e a vasta população que se ocupa dela, tal como os distantes aterros e lixões. Assim, a partir da problemática dos resíduos sólidos urbanos e buscando uma aproximação com o campo festivo, o presente trabalho discute o renascimento do Carnaval de Rua de São Paulo, recentemente disciplinado pelo Decreto 56.690 de 7 de dezembro de 2015, e sua transformação, em curto espaço de tempo, em grande gerador de resíduos sólidos urbanos. Por meio de revisão bibliográfica, análise documental e fotodocumentação, buscou-se identificar os novos arranjos institucionais na organização da festa, sua nova espacialidade e os impactos socioambientais associados aos resíduos gerados. Os resultados indicam a entrada da política de cultura na organização direta do Carnaval- historicamente organizado na cidade exclusivamente como política de turismo desde a década de 1960 – e, em especial, a necessidade da gestão sustentável dos resíduos gerados por meio da plena adequação à Política Nacional de Resíduos Sólidos –arcabouço legal de cumprimento obrigatório, instituído em 2010 – o que compreende educação ambiental, gestão compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos e inclusão social de catadores.

**Palavras-chave:** resíduos sólidos urbanos; catadores de materiais recicláveis; Carnaval; gestão sustentável; políticas públicas

## **RENDA DE BILRO - TERCENDO HISTÓRIA COM IDENTIDADE, MEMÓRIA E MEIO DE VIVER NA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO – AL**

Levy Felix Ribeiro  
Universidade Federal de Alagoas  
levyfelixur@gmail.com

José Moisés de Oliveira Silva  
Universidade Federal de Alagoas  
moisesoliveira.sociais@hotmail.com

Sergiana Vieira dos Santos  
Universidade Federal de Alagoas  
serg\_santos49@ymail.com

O trabalho tem como foco principal demonstrar a importância da renda de bilro para o desenvolvimento social, econômico e cultural de algumas famílias da cidade de São Sebastião – AL, e bem como salientar a importância e proteção através da memória e de práticas de saberes passada de mãe para filha no processo de construção desde as almofadas até a peça final a renda de bilro. Pretende-se assim levantar questionamentos sobre patrimônio imaterial, cultura, sociedade e a memória que possam assim nortear qual a melhoria que a renda de bilro possa trazer para as moradoras da cidade de São Sebastião, uma vez que não é reconhecida como turística, mas o gestor explora a renda de bilro como uma atividade que possa movimentar e que proporciona melhoria e até reconhecimento para a cidade como uma identidade cultural.

**Palavras-chave:** Gestão, Renda de Bilro, Patrimônio, Identidade Cultural, Memória.

## **REFLEXÕES DA CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO INTEGRADO DA CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR NO ESTADO DE ALAGOAS (2007 – 2011)**

Levy Felix Ribeiro  
Universidade Federal de Alagoas  
levyfelixur@gmail.com

José Moisés de Oliveira Silva  
Universidade Federal de Alagoas  
moisesoliveira.sociais@hotmail.com

Sergiana Vieira dos Santos  
Universidade Federal de Alagoas  
serg\_santos49@ymail.com

O trabalho busca refletir sobre o desenvolvimento do Roteiro Integrado da Civilização do Açúcar em Alagoas, entre os anos de (2007 – 2011) com acompanhamento da implantação, desenvolvimento e consolidação do roteiro, através de políticas públicas voltadas para os patrimônios históricos que compõe a roteirização. A construção do Roteiro Integrado da Civilização do Açúcar é formada pelos Estados de Alagoas, Paraíba e Pernambuco e os municípios que fazem parte deste roteiro foram aqueles que até hoje tem uma representatividade histórica no ciclo açucareiro remontando essa monocultura ao período colonial, assim como seu patrimônio histórico e os produtos artesanais. O estudo buscou analisar dados econômicos, fatos sociais, fontes bibliográficas e documentais que foram desenvolvidas para elaboração do produto (roteiro), livros, artigos e outros, além de algumas entrevistas com os gestores públicos. De fato, o trabalho traz em sua temática abordagens teóricas que relacionam turismo, políticas públicas e patrimônio.

**Palavras-chave:** Roteiro Integrado da Civilização do Açúcar; Turismo Cultural; Políticas Públicas; Patrimônio Material e Imaterial.

## REVALORIZAÇÃO DA CULTURA EDUCACIONAL NO MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS – SE

Maria de Fátima Campos da Silva  
Universidad Autonoma del Sur – UNASUR  
fatimacamposjornalista@hotmail.com

Kátia Simone Lima Santos  
Universidad Autonoma del Sur – UNASUR  
kamony26@hotmail.com

Este Trabalho tem por objetivo analisar e verificar como estão sendo aproveitadas as diversas formas de expressão da cultura, folclore e movimentos artísticos em sua totalidade e sua relação com a educação escolar no município de Laranjeiras/Se, por intermédio de ações de políticas públicas para manutenção e preservação dessas riquezas culturais e patrimoniais tão próprias da região, no sentido de revalorizar e fortalecer os índices de desempenho dos estudantes do município, para que a partir da escola, eles aproveitem toda infraestrutura histórica, patrimonial e cultural, enquanto instrumento de qualificação profissional sustentável. Os estudos foram efetuados através de entrevistas e aplicação de questionários com representantes de grupos locais e empresários da região, coleta de informações estatísticas atuais sobre as escolas municipais, estaduais locais para dar melhor entendimento de como outras cidades históricas como São João Del Rei, Olinda, Parati e Porto Alegre, se sobressaíram ao adotarem o ensino de suas culturas e tradições a partir das escolas do ensino fundamental básico, e assim, desenvolveram a cultura do turismo histórico, religioso, do livro, e outras atrações regionais que aguçam a curiosidade dos que gostam de usufruir dos conhecimentos culturais e históricos de qualidade. Como grande parte da cidade de Laranjeiras é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, por suas ruas em pedras, igrejas, casarios e estruturas de construção barroca, sua cultura popular e folclórica riquíssima, porém, com alto índice de reprovação, evasão escolar e abandono de estudos nas escolas da rede municipal, é imprescindível a atuação da gestão municipal no sentido reverter a situação atual e trazer de volta as características da Laranjeiras da época da Professora Zizinha Guimarães, quando a cidade foi apelidada de “Atenas Sergipana”. Para isso são necessárias atitudes de gestão que modifiquem o perfil canavieiro para o turístico de qualidade, que mantenha os costumes e valores culturais da população de forma sustentável. A cidade não possui uma programação voltada para o turismo religioso, nem um calendário para esses eventos. De acordo com empresários locais, os gestores do Município têm como proporcionar as condições para que a cidade viabilize seu polo turístico adequadamente, e que as manifestações culturais tenham organização, no sentido de mobilizar o setor de serviços e o comércio local, tendo em vista que atualmente, de acordo dados oficiais, não há trabalho de fortalecimento nesse sentido, nem investimentos que criem reais condições para que a revalorização cultural aconteça. E mesmo partindo das escolas de ensino básico, a revalorização cultural empreende forças que podem revitalizar qualquer município que tem uma Zizinha com referência para a Educação.

**Palavras-chave:** Movimentos Artísticos, Riquezas Culturais, Patrimoniais, Educação, Revalorização Cultural.

## 2 SIMPÓSIO 2018: NOSSO PALCO É A RUA

---





## 2.1 CIRCULAR

---

**XLIII SIMPÓSIO DO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS/  
VI FÓRUM NACIONAL PATRIMÔNIO E FESTAS  
NOSSO PALCO É A RUA**

**PRIMEIRA CIRCULAR (07/08/2017)**

A Comissão Científica do Simpósio do XLIII Encontro Cultural de Laranjeiras e do VI Fórum Nacional Patrimônio e Festa convida a comunidade acadêmica e os produtores de cultura a participarem do encontro que acontecerá entre os dias 04 e 06 de Janeiro de 2018, na Universidade Federal de Sergipe/ Campus Laranjeiras/SE.

A realização do Simpósio insere-se nesse tradicional evento, fruto de parceria entre a Secretaria Estadual de Cultura – SECULT com a Universidade Federal de Sergipe – UFS e a Prefeitura Municipal de Laranjeiras que ao longo de décadas tem garantido um espaço de diálogo entre a sociedade, a academia e os produtores de cultura.

Essa edição tem como tema “**NOSSO PALCO É NA RUA**”!

No período entre **11 de setembro a 10 de novembro de 2017** a Comissão Científica receberá as inscrições de trabalhos a serem submetidos à avaliação de acordo com as normas contidas nesta circular e com indicação nos seguintes eixos temáticos:

6. *Performances: tradições e contemporaneidades;*
7. *Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas;*
8. *Práticas festivas tradicionais e contemporâneas;*
9. *Memória, espaços e tempos da cultura popular;*
10. *Gestão e políticas de cultura;*

As normas para apresentação dos trabalhos e a ficha de inscrição estão nos Anexos 1, 2 e 3 desta Circular.

Aracaju 07 de Agosto de 2017.

## **COMISSÃO CIENTIFICA**

**Coordenação:** Maria Augusta Mundim Vargas: Grupo e Pesquisa Sociedade & Cultura

Programa de Pós-Graduação em  
Geografia  
Universidade Federal de Sergipe

Auceia Matos Dourado – S&C/PPGEO/UFS – UFAL  
Anete Marília Pereira - UNIMONTES  
Ângela Fagna Gomes de Souza – S&C/PPGEO/UFS – UNB  
Antônio Alves do Amaral – CEC/SE  
Caio Augusto Amorim Maciel - UFPE  
Daniella Pereira de Souza Silva – S&C/PPGEO/UFS  
Fernando Antônio Santos de Souza – UFS  
Jorgenaldo Calazans dos Santos– S&C/PPGEO/UFS  
José Rogério Lopes - UNISINOS  
Jussara Rosa Tavares – UFS  
Lindolfo Alves do Amaral Filho – SECULT/SE  
Luis Gustavo Molinari Mundim – IEPHA/MG  
Kleber Rocha Queiroz – IPHAN/SE  
Maria Augusta Mundim Vargas – S&C/PPGEO/UFS  
Maria Geralda de Almeida - UFG  
Maria Salomé Lopes Fredrich - S&C/PPGEO/UFS - UFOPA  
Mercia Sylviane Rodrigues Pimentel - UFAL  
Pericles Moraes de Andrade Junior - UFS  
Priscila Maria de Jesus – UFS  
Roseane Cristina Santos Gomes – S&C/PPGEO/UFS  
Rosiane Dias - UFG  
Rodrigo Herles dos Santos – S&C/PPGEO/UFS – IBAMA  
Rodrigo Santos Lima - S&C/PPGEO/UFS  
Solimar Guindo Messias Bonjardim – Fundação Raul Bauab  
Suely Gleyde Amancio Martinelli – UFS  
Terezinha Oliva - IHGS  
Vanessa Santos Costa - S&C/PPGEO/UFS  
Verônica Nunes – UFS

### **REALIZAÇÃO:**

Secretaria Estadual de Cultura – SECULT

### **Parceiros:**

Secretaria de Estado de Comunicação - SECOM

Secretaria Municipal de Cultura de Laranjeiras

Universidade Federal de Sergipe – Campus Laranjeiras e PPGEO/Campus São Cristóvão

### **Apoio:**

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - IHGS

## ANEXO 01

### NORMAS PARA SUBMISSÃO DE RESUMOS

- O prazo final para submissão de trabalhos é dia **17 de novembro de 2017**.
- O período para envio de **resumos** é de **11 de setembro a 10 de novembro de 2017**.
- As seções de pôsteres e apresentação oral serão divididas em três grupos de acordo com o tipo da produção e que deverão ser especificados na ficha de inscrição:

**A) Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação, Extensão e afins;**

**B) Relatos de Experiência de professores da Educação Básica, produtores de cultura e afins;**

**C) Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins;**

- O **resumo** deve ser encaminhado para apreciação da comissão científica do encontro através do e-mail: **simposio.laranjeiras2018@gmail.com**, **juntamente com a ficha de inscrição (Anexo 03)**.
- O **resumo** deve obedecer às normas estabelecidas;
- O conteúdo do texto deve ser analisado criteriosamente por um profissional de gramática de responsabilidade do autor;
- O **resumo** deverá ser digitado em Word for Windows;
- O trabalho deve ter **no máximo três autores**;
- Cada autor pode submeter no máximo 02 trabalhos;
- Cada proponente poderá se inscrever em até 02 trabalhos como autor e outro como coautor.
- Ao encaminhar o resumo o(s) autor(es) deve(m) definir o eixo temático, o tipo de produção, assim como a modalidade de apresentação pôster ou oral. Os eixos temáticos são:

6. *Performances: tradições e contemporaneidades;*
7. *Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas;*
8. *Práticas festivas tradicionais e contemporâneas;*
9. *Memória, espaços e tempos da cultura popular;*
10. *Gestão e políticas de cultura;*

- A Comissão Científica encaminhará o resumo para os pareceristas que o analisarão observando: a) sua qualidade científica; b) sua pertinência em relação ao eixo temático; c) o tipo de produção e, c) o respeito às normas;
- **Estrutura do Trabalho:** Título do trabalho: todo em maiúsculo, tamanho 14, negrito, centralizado. Nome dos autores: centralizados logo abaixo do título, tamanho 12, espaçamento simples; embaixo do nome, colocar as informações

referentes à(s) instituição(ões) a que pertence(m), grupo (s) de pesquisa (s) que participa/coordena, bem como endereço postal e o(s) correio(s) eletrônico(s) do(s) autor(es). Após o nome dos autores indicar o eixo temático e o tipo de produção.

- **Resumo:** O resumo deve conter **no mínimo 700 palavras e o máximo de 1000 palavras, considerando do título às referências**, observando:

- Iniciar dois espaços abaixo dos nomes dos autores com espaçamento simples e em língua portuguesa;
- O texto deve conter: i) Introdução do tema com objetivos; ii) Desenvolvimento/metodologia de trabalho; iii) Conclusões / considerações finais; iv) referências.
- Ao término do texto (antes das referências) apresentar entre três e cinco palavras-chave que representem o conteúdo do texto.
- As referências devem ser digitadas entre linhas simples; espaçamento entre parágrafos antes de 6pts, alinhamento de texto a esquerda, ordenado alfabeticamente. Para organização das referências, deve-se seguir as normas da ABNT e relacionar somente os autores citados. Exemplos:

#### Livro:

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

#### Parte de Livro:

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. (Org.). **Memória e Patrimônio. Ensaios Contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

#### Artigo:

PELEGRI, Sandra C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**, UNESP/FCLAs/CEDAP, v.3, n.1, p. 95-109, 2007.

#### Endereço Eletrônico:

UNESCO. **Patrimônio Cultural no Brasil**. Disponível em: <http://www.unesco.org/pt/brasil/culture-in-brazil/world-heritage-in-brazil/cultural-heritage-in-brazil/>. Acessado em: 30 de Junho de 2011.

#### Dissertações/Teses:

SILVA, José Borzacchiello da. **Movimentos sociais populares em fortaleza: uma abordagem geográfica**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986. 268p. (Tese, doutorado em Ciências: Geografia Humana).

## ANEXO 02

### NORMAS PARA APRESENTAÇÃO PÔSTER E ORAL

- Os trabalhos aprovados nas modalidades Pôster e Oral devem cumprir os seguintes prazos:
  - 10 de novembro de 2017: prazo máximo para envio dos resumos;
  - 24 de novembro de 2017: prazo máximo de envio da avaliação pela Comissão Científica;
  - 8 de dezembro de 2017: prazo máximo de recebimento dos trabalhos corrigidos;
  - 15 de dezembro de 2017: envio da circular 02 com programação final e distribuição das salas de apresentação Oral e local de exposição dos Pôsteres

- **OS RESUMOS APROVADOS NA MODALIDADE PÔSTER DEVEM SER FORMATADOS DE ACORDO COM AS SEGUINTE NORMAS:**

1. O pôster deverá ter a seguinte dimensão: **0,60m (largura) x 0,90m (altura)**;
2. Em destaque deverá aparecer **o título, o(s) nome(s) do(s) autor(es) e vínculo institucional**;
3. **Ilustrações:** As figuras, fotografias, desenhos, gráficos, mapas, quadros, tabelas etc., deverão ser apresentadas de acordo com as normas da ABNT.
4. **Palavras-chave:** Entre três e cinco e devem representar o conteúdo do texto.
5. **Citações:** com mais de 03 (três) linhas devem ser destacadas com recuo da margem esquerda, justificado, espaçamento simples, mesma fonte, tamanho reduzido e sem aspas, sem parágrafo e sem itálico. (ver normas ABNT).
6. **Referências:** Conforme especificado no ANEXO 01.

- **OS RESUMOS APROVADOS NA MODALIDADE ORAL DEVEM SER APRESENTADOS DE ACORDO COM AS SEGUINTE NORMAS:**

1. Os resumos aprovados na modalidade apresentação oral devem indicar na ficha de inscrição a forma de apresentação com ou sem *Datashow*;
2. O trabalho deve ser apresentado em no máximo 15 minutos;

### ANEXO 03 FICHA DE INSCRIÇÃO

EIXO TEMÁTICO	
Performances: tradições e contemporaneidades	
Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas	
Práticas festivas tradicionais e contemporâneas	
Memória, espaços e tempos da cultura popular	
Gestão e políticas de cultura	

TIPO DE PRODUÇÃO	
Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação, Extensão e afins	
Relatos de Experiência de professores da Educação Básica, produtores de cultura e afins	
Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins	

MODALIDADE	
Pôster	
Oral	

<b>NOME AUTOR:</b>
<b>NOME COAUTOR(ES):</b>

<b>TÍTULO:</b>

<b>PALAVRAS-CHAVE:</b>

## 2.2 PROGRAMAÇÃO

---



## PROGRAMAÇÃO

### Dia 4 de janeiro

- 8h30** - **Cortejo de grupos folclóricos:**
- Cacumbi mirim
  - Samba de Pareia mirim
  - São Gonçalo mirim
- 9h30** - **Abertura:**
- Palavras de boas vindas do Prefeito Municipal de Laranjeiras - Paulo Hagenbeck e do Secretário de Estado da Cultura- João Augusto Gama
- 10 horas** - **Lei do Patrimônio Vivo - As experiências de Pernambuco e Ceará**
- Fabiano Piuba Secretário de Estado da Cultura/CE
  - Marcelino Granja - Secretário de Estado da Cultura/PE
  - Mestres dos grupos de Laranjeiras : Zé Rolinha e Maria da Conceição
- 11h30 - Patrimônio Imaterial: um debate aberto**
- Katia Bogéa- Presidente do Iphan Nacional
  - Fernando Aguiar – professor e membro do Conselho Estadual da Cultura
  - Edílio José Soares Lima- Representante do IPHAN/SE
- 13 horas** - **Intervalo para o almoço**
- 14h30** - As festas tradicionais e os diferentes processos de atualização:
- Oswaldo Trigueiro/PB
  - Oswald Barroso/CE
- 15h** - **Apresentação do projeto do Largo da Gente Sergipana**
- Ézio Deda – Diretor do Museu da Gente Sergipana

### Dia 5 de janeiro

- 9 horas** - **Nosso palco é na rua: Tradição e contemporaneidade nas festas de rua**
- Angelo Perret Serpa/BA
  - Alexandra Dumas/SE
- 11 horas** - **Mesa: A diversidade do palco e da rua:**
- As manifestações populares: fontes para a construção de novas abordagens nas artes - Lindolfo Amaral
  - Nosso palco é o canavial Projeto Teatro na Usina com Performances Folkcomunicacionais - Severino Lucena : professor do Programa de Pós Graduação no Posmex na Universidade Federal Rural de Pernambuco e Italo Romany – mestrando do programa de pós-graduação do Posmex na Universidade Rural de Pernambuco
  - Encontro Nordeste de Cultura: multiplicidade de linguagens- Neu Fontes/SE e Tiara Câmera/SE
  - Mestre Satu e o enterro do boi
  - Aglaé d'Ávila/SE
- 13 horas** - **Intervalo para o almoço**
- 14h30 - Apresentação de comunicações**
- Coordenação: Maria Augusta Mundim Vargas

### Dia 6 de janeiro

- 9 horas** - **Mesa: Políticas Públicas para Arte Pública**
- Amir Hadad/RJ
  - Representante do MinC
- 11 horas** - **Mesa: Os mestres e seus saberes**
- Mestre Dió (Samba de Coco do Mosqueiro)

- Mestre Sabaú (Reisado do Marimbodo)
- Dona Holanda (Samba de Coco da Barra)
- Mestra Barbara (Taieira de Laranjeiras)
- **Mediador:** Antonio Amaral – presidente do Conselho Estadual de Cultura

**13 horas - Moções**

**13h30 - Escolha do tema do XLIV Simpósio e Encerramento**

## 2.3 PALESTRA

---

## TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE NAS FESTAS DE RUA: O EXEMPLO DE SALVADOR<sup>1</sup>

Angelo Serpa<sup>2</sup>

### Introdução

No período contemporâneo, o “consumo cultural” parece ser o novo paradigma para o desenvolvimento urbano. As cidades são reinventadas a partir da reutilização das formas do passado, gerando uma urbanidade que se baseia, sobretudo, no consumo e na proliferação (desigual) de equipamentos culturais. Nasce a cidade da “festa-mercadoria”. Esta nova (velha) cidade folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares, roubando-lhes a alma<sup>3</sup>. É a cidade das requalificações e revitalizações urbanas, a cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas e dos lugares-espetáculo.

Em cidades como Salvador tudo vai sendo organizado para tornar-se espetáculo em prol do incremento da atividade turística, reproduzindo, tanto no centro antigo como nos municípios praianos de sua região metropolitana, a velha lógica de concentrar os lucros nas mãos de poucos empreendedores e de empregar a população local em funções subalternas, sem programas efetivos de qualificação de mão de obra ou de estímulo às microempresas do turismo. É um turismo majoritariamente financiado pelo Estado, em parceria com organismos financiadores internacionais. O discurso é sempre o da geração de empregos e do planejamento estratégico, baseado na parceria público-privado.

Em sua dissertação de mestrado, Dias mostra que, em 2001, os empregos gerados no carnaval de Salvador, em sua maioria, eram precários e mal

---

<sup>1</sup> Versão revista e atualizada de artigo publicado em 2007 na revista Espaço e Cultura (SERPA, 2007), para apresentação no XLIII Simpósio do Encontro Nacional de Laranjeiras.

<sup>2</sup> Professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, pesquisador 1B do CNPq. E-mail: [angserpa@ufba.br](mailto:angserpa@ufba.br)

<sup>3</sup> “Alma seria o que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo – mas não existe sem um corpo. Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos de ‘desalmado’ (...) Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar” (YÁSIGI, 2001, p. 24).

remunerados. 50.000 trabalhadores exerciam função de cordeiros<sup>4</sup>, recebendo entre 8 e 12 reais por dia trabalhado. Um contingente ainda maior de catadores de lata precisava recolher em torno de 60 unidades para alcançar um quilo pelo qual eram pagos de 1 a 1,5 reais. Em contraponto a isso, um cantor ou cantora de fama regional ou nacional recebia, por dia de apresentação, algo entre 100.000 e 150.000 reais (DIAS, 2002, p. 161). O autor cita dados relativos ao carnaval de 2001 para mostrar que 79,41% dos empregos gerados no carnaval eram ocupados pelas camadas mais pobres da população, representadas pelos cordeiros, seguranças de bloco, catadores de lata, ambulantes, barraqueiros e baianas de acarajé, mas apenas 5,13% dos lucros gerados nos negócios realizados no período momesco eram apropriados por estes segmentos. Em 2001, o carnaval de Salvador movimentou, segundo a própria EMTURSA<sup>5</sup>, mais de 500 milhões de reais (DIAS, *op. cit.*, p. 160-161).

Portanto, a cidade-festiva, que se reinventa para o espetáculo e para o turismo, prepara uma “festa” centralizadora e concentradora de renda. Nasce a “festa-mercadoria”, que nega a invenção lúdica<sup>6</sup> e vai transformando história, cultura e tradição em divertimento e lazer.

Segundo Arendt (2002) a expressão “cultura de massa” origina-se de outra, não muito mais antiga, “sociedade de massa”, e evidencia o relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura. A “sociedade de massa” sobrevém quando a massa da população se incorpora à sociedade, com a eliminação de instâncias mediadoras. Sociedade de massa e cultura de massa parecem ser fenômenos inter-relacionados, porém seu denominador comum não é a massa, mas a sociedade onde as massas foram incorporadas. A autora aponta ainda um antagonismo entre sociedade e cultura que é anterior à ascensão da sociedade de massa: o monopólio da cultura pela sociedade, em função de seus objetivos próprios, tais como posição social e *status*, evidenciando o caráter objetivo do mundo cultural, na medida em que este

---

<sup>4</sup> O cordeiro tem a função de não permitir invasões na área do bloco por qualquer pessoa ou grupo que não sejam seus associados (cf. DIAS, 2002).

<sup>5</sup> Empresa Municipal de Turismo do Salvador.

<sup>6</sup> Expressão cunhada por Henri Lefebvre no sentido de “dar ao tempo prioridade sobre o espaço” e de “por a apropriação acima do domínio” (LEFEBVRE, 1991, p. 132-133).

contém coisas tangíveis, compreende e testemunha todo o passado registrado da humanidade (Compare: ARENDT, *op. cit.*).

Com as leis do mercado penetrando na substância dos objetos culturais e tornando-se imanentes a eles como leis estruturais, tudo – difusão, escolha, apresentação e criação – se orienta, nos setores amplos da cultura, de acordo com estratégias de venda do mercado. Em Salvador, o processo de mercantilização de algumas festas populares segue o caminho da “retradicionalização” ou da “modernização” por intervenção direta do mercado ou do “Estado-Espetáculo”. “É possível que no futuro todas as manifestações populares da Bahia estejam estatizadas” (ALBERGARIA, 2003, p. 7). A Bahia e sua capital transformam-se em produtos turístico-publicitários, com a distribuição desigual e segregadora de equipamentos culturais no tecido urbano-regional. Assistimos à emergência de “novas” tradições reinventadas a cada dia para um consumo turístico cada vez mais segmentado e diferenciado.

É um consumo de classes médias urbanas com “capital escolar” elevado, norteado por uma “conduta de acumulação”, baseada, sobretudo, na sensação da “descoberta”. Busca-se tudo aquilo que pode ser assimilado nas tradições locais e regionais, a fim de confirmar sua própria identidade cultural de classe. É uma lógica homogeneizante, que exprime uma posição “de força”, afirmando a universalidade dos valores culturais das classes médias urbanas, se apropriando de tudo que parece digno de ser extirpado das classes populares, num processo de “vampirismo cultural”. Vista neste contexto, a atividade turística faz com que as populações locais reinventem seu cotidiano e, nesta reinvenção, a lógica da atividade turística se sobrepõe às tradições locais e à própria identidade dos lugares, impactados por novos valores, novos símbolos, novas referências e expectativas (FONTELES, 1999).

Questiona-se nesse contexto:

- Por que algumas manifestações estão aparentemente mais “aptas” para os processos de espetacularização e retradicionalização? Quem são os agentes desses processos?
- Qual a história dessas manifestações populares? Quem as organiza? Que tipo de apoio recebem?

- Ao serem incorporadas à cultura de massa perdem suas características originais?
- Até que ponto essas manifestações oferecem parâmetros alternativos à lógica homogeneizante das cidades organizadas para o consumo cultural e turístico?
- Como resgatar o sentido lúdico da festa, como proposto por Lefebvre (*op. cit.*), em espaços turísticos cada vez mais “transversais”? Como reconstruir a “centralidade lúdica” em espaços cada vez mais dominados pela troca e pela circulação?

### **Mudança social e tradição: Para entender os processos de “retradicionalização” e espetacularização**

As teorias sociais que buscam explicar as mudanças da sociedade consideram em geral tradição e modernidade como categorias antitéticas, contrapondo as sociedades ditas tradicionais à sociedade moderna. Essa perspectiva – compartilhada por autores como Spencer, Durkheim e Weber – descreve os processos de mudança social em termos essencialmente evolucionários, seja explicando a mudança social como a substituição gradual de uma solidariedade mecânica por uma solidariedade orgânica<sup>7</sup> (como em Durkheim), seja como uma tendência gradual e irreversível em direção a formas mais complexas e impessoais de organização (como em Weber), onde o mundo exterior participa apenas como fornecedor de estímulos à adaptação (BURKE, 2002, p. 184).

De acordo com isso, as sociedades tradicionais possuem baixo grau de mobilidade social e seus membros tendem a ser mais hostis à mudança, por vezes sequer tomando conhecimento das transformações sociais em curso. Já os membros das sociedades modernas não só têm pleno conhecimento dessas transformações, como as esperam e aprovam. Assim, se nas sociedades modernas as mudanças são rápidas e constantes, nas sociedades tradicionais, formadas por grupos pequenos e de convívio direto, as mudanças são mais lentas e encontram em geral maior resistência de seus membros. Submetidas à

---

<sup>7</sup> Segundo Burke (2002), a solidariedade mecânica é a solidariedade do semelhante e a solidariedade orgânica é a solidariedade da complementaridade, que se origina de uma crescente divisão de trabalho da sociedade.

“modernização”, as comunidades tradicionais cederiam lugar a uma grande “sociedade” impessoal.

Vista nesse contexto, a “festa” é um fenômeno social, sujeito às transformações e mudanças da sociedade. Concorde-se com Corrêa (2005) que os estudos realizados sobre esse fenômeno social permanecem reféns de uma ótica durkeimiana, articulando uma estreita relação entre o ritual e a festa e “não estabelecendo reflexões inovadoras sobre o tema” (CORRÊA, 2005, p. 142). Em Durkheim, a festa proporciona a comunicação entre os indivíduos, a partir da superação das distâncias sociais entre eles, suscitando um estado de “efervescência psíquica”, para transmutá-los do mundo ordinário do trabalho e reintegrá-los com sua “natureza primordial”. A festa é, pois, um momento de ruptura e transgressão das normas coletivas, que na vida cotidiana identificam os indivíduos como seres sociais (CORRÊA, *op. cit.*). Ainda sob o olhar durkheimiano, “as principais características da festa são delimitadas por uma fronteira flutuante com a religião e consideradas pelo autor sob uma perspectiva universal” (CORRÊA, *op. cit.*, p. 142).

As festas e as tradições religiosas pertencem à esfera da experiência, constituindo-se das impressões que o psiquismo incorpora na memória, das excitações que jamais se tornaram conscientes e que, transmitidas ao inconsciente, deixam nele traços mnêmicos duráveis. Memórias individual e coletiva fundem-se nas sociedades tradicionais através da festa e do culto, onde episódios significativos do passado coletivo são rememorados, “permitindo a cada indivíduo incorporar essas memórias à sua própria experiência, e recordar-se delas, ao mesmo tempo em que recorda seu próprio passado. Os dias festivos se destinam a provocar conscientemente essas rememorações, e nesse sentido pertencem ao domínio da memória involuntária” (ROUANET, 1987, p. 49).

Mas a incorporação dos bairros populares da cidade contemporânea ao processo de produção capitalista vai produzir mudanças evidentes, incluindo o desaparecimento gradual da experiência, privando os moradores de sua história e da capacidade de integrar-se numa tradição (SERPA, 2004). Pode-se mesmo falar, como Benjamin (1996), em um “violento abalo da tradição”, que se relaciona intimamente com os movimentos de massa de nossos dias. Deste



modo, retiram-se os objetos culturais de seu invólucro, destruindo-se sua aura. E, no momento em que os critérios da autenticidade e da unicidade deixam de aplicar-se à produção cultural, toda a função social desta produção se transforma. No mundo massificado do capitalismo atual, o homem tem um tipo de percepção voltado para o idêntico e para o contato direto com as coisas, o que exclui a unicidade e a distância que definem a aura (Compare: ROUANET, *op. cit.* e BENJAMIN, *op. cit.*). Para Adorno e Horkheimer (1985), a cultura contemporânea confere a tudo um “ar de semelhança”.

Assim, pode-se pensar os processos de “retradicionalização” e espetacularização das festas e outras manifestações da cultura popular como sua transferência da esfera da tradição para a esfera do consumo, descartando e/ou domesticando diletantismos ingênuos e inoportunos. Assim, algumas das manifestações culturais das classes populares vão sendo lapidadas e aperfeiçoadas como mercadorias, tornando-se lazer, diversão e espetáculo para o consumo imediato. O participante transmuta-se em espectador, que não tem necessidade de nenhum pensamento próprio, já que “o produto prescreve toda a reação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128).

Para compreender essa mudança social, como a cultura popular transmuta-se em cultura de massas, devemos analisar como ela acontece, já que em geral as teorias sociais já mencionadas fazem pouca referência à dinâmica da mudança. Esse tipo de procedimento alimenta o falso pressuposto de unilinearidade, fazendo o processo de mudança social parecer uma seqüência automática de estágios sucessivos, da “sociedade tradicional” a “era do consumo de massa”. Mas, “em vez de unilinear, a mudança social parece multilinear. Há mais de um caminho para a modernidade” e esses caminhos não são “necessariamente suaves” (BURKE, *op. cit.*, p. 196).

### **Os ingredientes da “retradicionalização” (e da espetacularização) ou como construir um produto cultural de massas: um exemplo do universo soteropolitano**

Pretende-se agora retomar as questões formuladas, buscando respondê-las a partir da análise de um exemplo de manifestação cultural em bairros populares de Salvador. Segue-se o pressuposto de Burke (*op. cit.*), de que o processo de mudança social que transforma objetos/manifestações culturais populares em

mercadorias para o consumo de massas precisa ser destrinchado quanto à sua dinâmica “multilinear”, a partir da caracterização dos agentes sociais envolvidos no processo, assim como dos lugares onde esses processos se manifestam.

A questão central, norteadora da análise aqui proposta, parece já ter sido formulada por Harvey (2005), quando o autor reconhece que na contemporaneidade a cultura e as manifestações culturais parecem ter se transformado em algum gênero de mercadoria: “Como a condição de mercadoria de tantos desses fenômenos se harmoniza com seu caráter específico?” (HARVEY, 2005, p. 221). A este questionamento inicial acrescentamos outras questões, que nos servem aqui de norte: Onde buscar esse caráter específico das manifestações culturais populares? Por que algumas delas parecem estar mais aptas à transmutação em produto mercadológico para o consumo de massa? Quem transforma e com que objetivos?

Harvey constrói sua argumentação a partir de uma análise conceitual da “renda monopolista”, para compreender como os processos de globalização do período contemporâneo se relacionam com os diferentes lugares e formas culturais. O autor, ao invocar o conceito de “renda monopolista”, dentro da lógica de acumulação capitalista, quer demonstrar

que o capital possui meios de se apropriar e extrair excedentes das diferenças locais, das variações culturais locais e dos significados estéticos, não obstante a origem. Nos Estados Unidos, a indústria da música, por exemplo, tem grande êxito na apropriação da fantástica criatividade de origem popular e localizada dos músicos de todos os tipos (quase sempre em benefício da indústria e não dos músicos). A desavergonhada transformação em *commodities* e comercialização de tudo são, afinal, indicadores de nossos tempos (HARVEY, *op. cit.*, p. 237).

É preciso então questionar se essa lógica também é válida para metrópoles regionais de países da periferia capitalista, se também podemos pensar nesses termos para a análise das manifestações culturais em Salvador. Partimos do pressuposto de que também na capital baiana essa lógica está presente, enquanto estratégia de inserção da cidade nos circuitos turísticos nacional e internacional, pinçando também do universo de manifestações culturais populares aquelas mais aptas ao consumo enquanto mercadorias, a fim de

extrair rendas monopolistas também nos campos da cultura, da história, do patrimônio e da estética.

O resgate da história oral dos bairros populares de Salvador, das diferentes visões de mundo e de “espaços vividos”, no âmbito das atividades do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação (DGEO/POSGEO/UFBA), mostra que são múltiplas as representações desses espaços, entre os grupos/agentes que compõem suas redes de relações sociais. Descobre-se que os bairros são culturas transversais, que abarcam muitas e múltiplas subculturas: “da pesca”, “do remo”, “jovem”, “negra”, “capoeirista”, “afro-brasileira” ou “bairrista”; o outro lado da moeda traz para dentro dos bairros o mundo e suas subculturas: “turística”, “patrimonialista” ou “conservacionista” (BRITO; SERPA, 2004).

Nos bairros populares das metrópoles capitalistas são os moradores os verdadeiros agentes de transformação do espaço. Eles articulam-se em “rede”, de acordo com o tema em foco. Temos que diferenciar, por exemplo, os tópicos específicos dos jovens, das mulheres casadas, os tópicos dos homens adultos etc., em cada lugar concreto, e também diferenciar os tópicos das etnias, nas diversas formas em que podem se apresentar suas culturas e subculturas (VILLASANTE, 1996). Para os bairros com mais chances de incorporação ao circuito turístico da cidade, as imagens hegemônicas, associadas ao *marketing* turístico, vão, aos poucos, sobrepondo-se aos espaços de representação dos moradores e contrapondo-se às suas práticas espaciais cotidianas (Compare: LEFEBVRE, 2000).

Há um nítido deslocamento da esfera da experiência para a esfera da vivência, transformando determinadas práticas e manifestações culturais e tornando-as residuais no cotidiano de cada lugar. No entanto, por trás das imagens hegemônicas, pode-se ainda pinçar, nos depoimentos dos moradores, manifestações culturais às vezes “esquecidas” pela mídia e pelo *marketing* turístico: a capoeira, as rendeiras, a costura artesanal, as festas de pescadores, o teatro popular, as festas e palestras promovidas pelas associações de moradores, a pescaria, os costumes, os corais, os carnavais de

bairro, os autos de natal, os blocos afro, os terreiros de candomblé, o maculêlê<sup>8</sup>, o Movimento Negro Unificado, as danças afro.

A questão das subculturas aponta, nos bairros pesquisados, para a importância da questão étnica e para inúmeras tentativas de afirmação de uma identidade afro-brasileira. Na maioria das vezes, é no espaço das Associações de Moradores, das Paróquias e dos Terreiros de Candomblé, que essas subculturas encontram algum espaço de expressão. Ao mesmo tempo, muitas dessas manifestações vão desaparecendo, permanecendo vivas apenas na memória de alguns moradores (SERPA, 2004, 2005a, 2005b).

### **O Ilê Aiyê e a reinvenção das tradições afro-brasileiras: “namoro” com o mercado?**<sup>9</sup>

Pode-se dizer, em certos casos, que o resgate de algumas subculturas residuais (ou mesmo excluídas) e sua transformação em emergentes, vai aos poucos impregnando a vida dos bairros pesquisados, reafirmando e transformando valores do passado e deflagrando novos – ou renovados – processos identitários: No Curuzu, são notáveis os aspectos culturais que demonstram sua forte ligação com as tradições afro-brasileiras. As manifestações culturais “emergentes” (COSGROVE, 1998), relacionadas com a atuação de terreiros de candomblé e do bloco Ilê Aiyê, tornam-se, gradativamente, hegemônicas no bairro. Elas só podem ser consideradas “emergentes” vistas no contexto da cidade, como afirmação da cultura negra numa metrópole desigual e segregacionista. A emergência do bloco Ilê Aiyê a partir do bairro do Curuzu, irradiando seu sucesso para a cidade e o Mundo, parece indicar a possibilidade de revalorização da experiência para as manifestações culturais populares, no sentido indicado por Benjamin (1996), baseada numa filosofia do tribalismo e numa visão coletivista (SERPA, 2004).

Para Dantas (1996), a liderança de Antônio Carlos dos Santos, o Vovô do Ilê, proporcionou uma nova significação para a comunidade negra baiana:

A ressonância de sua visão de agrupamento da população negra em torno de um discurso ideológico uno iria remeter a símbolos

<sup>8</sup> Maculêlê: Misto de jogo e dança de Bastões, de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.

<sup>9</sup> Dados relativos às pesquisas de Bruno Carvalho Soares e Flávia Silva de Souza, bolsistas de iniciação científica do PIBIC/CNPq.

importantes da ancestralidade negra, como os quilombos ou mesmo os reinos tribais da África medieval. A relação do líder com os rituais de candomblé, por outro lado, trar-lhe-ia uma legitimidade hierárquica quase mítica no grupo (DANTAS, *op. cit.*, p.158).

Primeiro bloco afro da Bahia, o Ilê inicia sua história em 1º de novembro de 1974, no Curuzu. O objetivo da entidade é preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira. Para isso, desde que foi fundado, vem homenageando os países, nações e culturas africanos, bem como lembrando e enaltecendo as revoltas dos escravos, visando ao fortalecimento da identidade étnica e da auto-estima do negro brasileiro, tornando populares os temas da história africana e vinculando-os com a história do negro no Brasil, buscando construir um passado comum, uma linha histórica da negritude. O seu movimento rítmico musical revolucionou o carnaval baiano. A partir desse movimento, a musicalidade do carnaval da Bahia ganha força com os ritmos oriundos da tradição africana, favorecendo o reconhecimento de uma identidade baiana, marcadamente negra.

O Ilê Aiyê foi fundado por jovens negros do Curuzu, com faixa etária de 17 a 19 anos. Esses jovens sempre buscaram formas de entretenimento no bairro, organizando passeios, grupos de samba, rezas de Santo Antonio, carurus de São Cosme, times de futebol. Com três mil associados, o Ilê Aiyê é hoje um patrimônio da cultura baiana, um marco no processo de reafricanização do Carnaval da Bahia. Nos ensaios da Banda Ilê Aiyê, composta por 150 integrantes, são cobrados ingressos (a preços que variavam de 10 a 30 reais em 2006). O público é composto por soteropolitanos, mas também por turistas. Esses últimos, principalmente no período que antecede o carnaval, participam de forma efetiva destes eventos. Enquetes realizadas no âmbito das atividades do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação, junto ao público participante de um desses ensaios às vésperas da folia momesca, em 2006, comprovam que mais de 50% do público presente eram turistas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, França, Itália e Argentina; dentre os soteropolitanos, a maioria provinha de outros bairros da cidade, com veículo próprio.

A estrutura organizacional do Ilê é composta pela presidência, a diretoria e seus assessores. A organização é departamental, incluindo os departamentos

comercial, financeiro, de projeto, administrativo, de *marketing*, de patrimônio etc. Há pessoas do corpo administrativo do bloco que cuidam especificamente do carnaval, outras que cuidam dos projetos pedagógicos etc. A estrutura organizacional é a um só tempo hierárquica e hereditária:

Essas organizações, cuja inserção social e econômica se concretiza por intermédio de expressão de uma identidade cultural que está na origem das raízes étnicas da negritude, introduziram novas formas de gestão, singulares e bem-sucedidas. Também inauguraram um novo estilo de relação entre o mundo organizacional e a realidade exterior e social. Um novo modelo se esboça a partir dessas organizações. Criadas sob forma de associações e grupos culturais, elas passam por um processo de transformação, saindo de um *status* informal e até de uma certa marginalidade em relação ao mercado para se tornarem produtos valorizados da indústria cultural (DANTAS, *op. cit.*, p.151).

Ainda segundo Dantas (*op. cit.*),

Os blocos afro do carnaval da Bahia tornaram-se uma nova força na economia local. Parte fundamental do imaginário baiano, eles influenciam a música e a cultura, ao mesmo tempo em que criam empregos, acumulam lucros e investimentos e também diversificam suas atividades e produtos, começando a desenvolver uma espécie de nicho de mercado (DANTAS, *op. cit.*, p.152).

De acordo com alguns diretores e pessoas envolvidas diretamente com a organização e manutenção do Ilê, o bloco contava, na época de nossas pesquisas, com quatro patrocinadores ligados diretamente às atividades sociais e culturais desenvolvidas: Petrobras S. A., Extra Supermercados, Brahma e Claro Telefonia Celular. A Claro e a Brahma eram parceiras na organização do carnaval, o Extra, além de também patrocinar o Carnaval, apoiava a organização anual da Noite da Beleza Negra<sup>10</sup>, além de outros projetos, como a cozinha do Ilê e o festival do Wa Jean<sup>11</sup>. Já a Petrobras, tida à época como uma das maiores parceiras do Ilê, financiava os cursos profissionalizantes e apoiava os projetos na área social. Outras parcerias, com o BNDES e a Eletrobras (além da Petrobras), viabilizaram a construção da

<sup>10</sup> Este evento é uma tentativa de mostrar que existe um padrão de beleza diferente dos padrões de beleza europeus. Em 2006, a Noite da Beleza Negra elegeu a 27ª Deusa do Ébano do Ilê Aiyê (representante do bloco durante o carnaval da Bahia de 2006), Kátia Alves de Jesus, de 20 anos. O concurso de beleza aconteceu no Festival de Verão de Salvador e contou com a participação de 15 jovens.

<sup>11</sup> O festival Wa Jean, que significa “vamos comer”, é um festival da culinária africana e baiana.

nova sede do bloco no Curuzu. O prédio, inaugurado em novembro de 2003, tem oito andares, com cinco mil metros quadrados de área construída, incluindo área de eventos para quatro mil pessoas, estúdio, restaurante, escolas formal, de dança, de percussão e profissionalizante, espaço para ensaio da Banda Erê e cozinha-escola (Jornal A Tarde, 22/2/2004, p.3).

Os argumentos das empresas parceiras para justificar o apoio prestado ao Ilê variavam do “*marketing* de causas” a uma estratégia de aproximação com o público consumidor:

Existe uma premissa no mercado e aplicável a toda e qualquer empresa, independente do seu tamanho: a chamada ética da responsabilidade social. É através deste pilar que se constrói uma relação saudável com o mercado e com as comunidades em seu entorno. É certo que tais investimentos agregam muitos benefícios para as empresas, entre os quais, respeito e valorização de suas marcas no mercado e considerável retorno institucional para as corporações. Mas o maior benefício ainda é o de valor humano e sentimento de missão cumprida. O Grupo Pão de Açúcar defende o chamado *marketing* de causas e nele tem se apoiado cotidianamente. Detectamos a importância de valorizar a cultura afro-brasileira uma vez que 70% dos cidadãos soteropolitanos são de descendência negra. Queríamos nos aproximar do nosso público. Entendemos que iniciativas como o Ilê trazem identificação e resgate da cultura aos cidadãos e contribuem para uma sociedade mais culta e responsável (Departamento de *Marketing* do Extra Supermercados).

Porém, o discurso das empresas era, por vezes, ambíguo, negando expectativas quanto ao retorno do apoio em termos de “imagem”, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo a importância e a visibilidade do Ilê Aiyê:

O patrocínio de projetos sociais não é considerado como investimento de retorno de imagem. A ação faz parte do programa Petrobras Fome Zero, que tem como uma de suas linhas de atuação a formação profissional. O Ilê é um dos grupos carnavalescos mais importantes para a cultura do carnaval baiano além de sua história e de seu engajamento em prol de uma sociedade mais justa e igualitária (Departamento de *Marketing* da Petrobras S. A.).

Raciocinando nos termos de Benjamin (*op. cit.*), observamos que o “valor de exposição” das manifestações afro-brasileiras, no caso do Ilê Aiyê, coloca em risco seu “valor de culto” original e as possibilidades de resgate da memória coletiva através da cultura. O que significa, afinal, o impacto, na vida do bairro, de quatro mil visitantes nos ensaios do bloco? Não estaríamos assistindo mais

uma vez a um processo de superposição da vivência à experiência, detectado por Benjamin (*op. cit.*) na percepção do homem moderno, quando da consolidação do capitalismo nas grandes cidades? Afinal, o processo de “retradicionalização” das manifestações culturais nos bairros populares de Salvador não estaria transformando cultura em lazer e diversão, ao “devorar os objetos do mundo” e transformá-los em “mercadorias”, como pressupõe Arendt (*op. cit.*)?

### **À guisa de conclusão: As festas de rua e a cidade-espetáculo**

Guy Debord preconizou a sociedade do espetáculo e a alienação do espectador contemporâneo, que quanto mais contempla, menos vive; que ao reconhecer-se nas imagens dominantes, menos pode compreender sua existência e seu desejo; que não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. O estágio espetacular da sociedade resulta da combinação de cinco fatores: a ininterrupta renovação tecnológica, a fusão mercado-Estado, o segredo generalizado, a mentira não contestada e o presente eterno.

Nesse contexto, as cidades são reinventadas a partir das formas do passado, gerando uma urbanidade que se baseia no consumo e na busca de vantagens no mercado globalizado das imagens turísticas. As manifestações culturais locais se organizam evitando os imprevistos e impondo uma nova temporalidade, útil às exigências do espetáculo. As relações são regidas por códigos pré-determinados que vão favorecer mecanismos de controle e “pacificação” social.

Em Salvador o Natal também se transformou em espetáculo. O Dique do Tororó se tornou mais uma vez, em 2014, “palco da cena natalina”, para encenação do show “Salvador: cidade natal do Brasil”, durante quatro dias de dezembro, com participação de atores, bailarinos e cantores e missa campal organizada pela Arquidiocese de Salvador, parceira da Prefeitura. Foi o segundo ano da iniciativa que, desde 2013, atraiu milhares de espectadores, segundo o jornal *A tarde*. A declaração do prefeito no lançamento do evento de 2014 diz muito sobre seu objetivo: “Promover o espírito cristão e fortalecer esse tipo de produto, que visa incentivar o turismo”. O secretário de



Desenvolvimento, Turismo e Cultura quer, com a continuidade do Natal-espetáculo, tornar a cidade uma “referência nacional de festa natalina”, vendo o projeto como estímulo para o “turismo religioso”.

Ultimamente nos acostumamos ao discurso oficial de que Salvador deverá se tornar referência para a festa de ano novo, para as feiras de artesanato e gastronomia, e agora também para os festejos natalinos. A lógica do espetáculo vai se apropriando da cultura local para vender a cidade aos turistas. Mas também para justificar parcerias público-privado duvidosas, como a concessão de exclusividade para a venda de uma marca de cerveja no Dois de Fevereiro, substituindo as cores azul e branco de Yemanjá pelo laranja da “marca exclusiva” na tradicional festa popular. O espetáculo adquire aqui ares de mercantilização explícita.

Não há dúvida de que a história da Cidade do São Salvador da Baía de Todos os Santos é uma história de dias santos e procissões, de festas religiosas católicas; mas também de festas das religiões afro-brasileiras, que permeiam e dão novos sentidos a manifestações religiosas sincréticas que pontuam seu calendário religioso. A questão é se ainda nos reconhecemos nestas manifestações da religiosidade popular. Ou estamos naquela situação do personagem do filme “O Show de Truman”, que passou sua vida inteira em uma cidade que era, na verdade, um estúdio gigantesco, iludido de que vivia ali uma “vida real”?

E por que, afinal, devemos sempre aceitar sem ressalvas o discurso oficial recorrente de que tudo deve virar “produto” para o consumo turístico? (...)

Em tempo: Notícia veiculada no Correio da Bahia no dia 4/1/2018, intitulada “Diversão e Dindin”, destaca:

O calendário de eventos de Salvador é assim, uma verdadeira maratona de rua: começa dia 11 de janeiro, com a Lavagem do Bonfim, segue com as festas de São Lázaro, no final de janeiro, e de Iemanjá, dia 2 de fevereiro. E, depois de tudo isso, chega o Carnaval. Mas não é só curtição: de acordo com a prefeitura da capital, as festas populares devem fazer circular R\$ 3,9 bilhões na cidade, só no primeiro trimestre de 2018. A estimativa é da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult), que também aguarda por 2,5 milhões de turistas na cidade somente entre janeiro e fevereiro. Do total de

visitantes esperados, segundo a prefeitura, 85% são brasileiros e 15% estrangeiros. Segundo o setor, a maior parte dos brasileiros vêm do Sul e Sudeste do Brasil e de países como Chile, Argentina e Uruguai.

(<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/diversao-e-dindin-festas-populares-vao-movimentar-r-39-bi-em-salvador/>).

## Bibliografia

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALBERGARIA, Roberto. Festas populares baianas: pós-modernização ou retraditionalização? *Jornal A Tarde*, 1º Caderno, p. 7, 4/12/03.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*, 5ª Edição, Coleção Debates/Política. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política / Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*, 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Percepção e Cultura na Periferia de Salvador: O Bairro em Imagens, uma Experiência de Ensino, Extensão e Pesquisa. In: CUNHA, Eleonora Schettini; CARVALHO, Alysson Massote (Org.). *(Re) Conhecer Diferenças – Construir Resultados*. Brasília: UNESCO, 2004. p. 154-161.

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORRÊA, Aureanice de Mello. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: A festa do Candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: Temas sobre cultura e espaço* (Org.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005. p. 141-171.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

DANTAS, Marcelo. Gestão, Cultura e *Leadership* – o Caso de Três Organizações Afro-Baianas. In: FISCHER, Tânia (Org.). *Gestão Contemporânea – Cidades Estratégicas e Organizações Locais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 151-163.

DIAS, Clímaco. *Carnaval de Salvador*. Mercantilização e produção de espaços de segregação, exclusão e conflito. 2002. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

DIVERSÃO e dindin: Festas populares vão movimentar R\$ 3,9 bi em Salvador. *Jornal Correio da Bahia*, 04/01/2017. <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/diversao-e-dindin-festas-populares-vao-movimentar-r-39-bi-em-salvador/>. Acessado em 04/01/2017.

FONTELES, José Osmar. Comunidade de pescadores de Jericoacara-Ceará entra na rota turística. In: VASCONCELOS, Fábio Perdigão (Org.). *Turismo e Meio Ambiente*. Fortaleza: Editora Funece/Universidade Estadual do Ceará, 1999.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, 4<sup>e</sup> édition. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIDERANÇA com toques de ousadia. *Jornal A Tarde*, Caderno Emprego & Mercado, 22/02/2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. Do Trauma à Atrofia da Experiência. In: *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1987.

SERPA, Angelo. Cultura de massa versus cultura popular na cidade do espetáculo e da retraditionalização. *Espaço e Cultura (UERJ)*, v. 22, p. 79-96, 2007.

SERPA, Angelo. Por uma Geografia das Representações Sociais. *OLAM – Ciência e Tecnologia*, Rio Claro-SP, v. 5, n. 1, p. 220-232, 2005a.

SERPA, Angelo. Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. *Geografia*, Rio Claro-SP, v. 30, n. 2, p. 211-222, 2005b.

SERPA, Angelo. Experiência e Vivência, Percepção e Cultura: Uma Abordagem Dialética das Manifestações Culturais em Bairros Populares de Salvador. *Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba-PR, v. 8, n. 8, p. 19-32, 2004.

SOARES, Bruno Carvalho. *As relações entre manifestações culturais, identidade social e urbanização popular, nos bairros do Curuzu e São Tomé de Paripe, Salvador-BA*. Relatório Final de Pesquisa. Salvador: PIBIC/CNPq, UFBA, 2006.

SOUZA, Flávia Silva de. *Identidade de Bairro e Manifestações Culturais em Áreas de Urbanização Popular de Salvador: Estudos de Caso nos Bairros do Curuzu e São Tomé de Paripe*. Relatório Final de Pesquisa. Salvador: PIBIC/CNPq, UFBA, 2004.

VILLASANTE, Tomás R. Metodologia dos Conjuntos de Ação. In: FISCHER, Tânia (org.). *Gestão Contemporânea – Cidades Estratégicas e Organizações Locais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. p. 37-51.

YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar – Turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

www.ileaiye.com.br. Acessado em 12/05/06 e 01/06/06; e em 07/01/2017.

## 2.4 RESUMOS

---

### **2.4.1 Eixo: Performances: tradições e contemporaneidades**

---

**Performance artística ou experiência com o sagrado? O olhar de Walter Firmo e José Castello sobre Arthur Bispo do Rosário**

Tayara Barreto de Souza Celestino

**A queijadinha de Dona Marieta em São Cristóvão/SE no contexto do folkturismo como estratégia para o desenvolvimento local**

Flávio Menezes Santana

Severino Alves de Lucena Filho

**Processo de investigação em dança: alimentando-se poeticamente dos elementos das Taieiras de Laranjeiras/SE**

Amanda Cristina da Conceição

## **PERFORMANCE ARTÍSTICA OU EXPERIÊNCIA COM O SAGRADO? O OLHAR DE WALTER FIRMO E JOSÉ CASTELLO SOBRE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO**

**Tayara Barreto de Souza Celestino**

Mestranda no Programa Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT-UFS)

Integrante do Grupo de Estudos em Memória e Patrimônio Sergipano - (GEMPS/CNPq)

tay.celestino@gmail.com

Eixo temático: 01. Performances: tradições e contemporaneidades

Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de pós-graduação e afins.

A presente comunicação discute as circunstâncias de produção e a repercussão do ensaio fotográfico e matéria jornalística realizada em parceria pelo fotógrafo Walter Firmo com o jornalista José Castello e publicada na revista “IstoÉ” no ano de 1985 a respeito de Artur Bispo do Rosário, com a apresentação de fotografias produzidas naquela ocasião e com relatos da experiência de trabalho dos profissionais da revista, expressos no documentário “Walter Firmo: um olhar sobre Bispo do Rosário”, dirigido pela psicanalista Flávia Corpas, lançado no ano de 2013. De acordo com Corpas, coube ao fotógrafo Walter Firmo a tarefa de lançar um olhar artístico sobre Bispo, o que nos permite questionar sobre qual a imagem a respeito de qual personagem se consolidou no Brasil como maneira de contar que foi e como viveu Bispo do Rosário. O trabalho destes profissionais em visita à colônia Juliano Moreira pode ser entendido como um marco na veiculação de uma performance artística atribuída à Bispo, correspondendo à imagem geralmente cultivada em torno do artista. Ao mesmo tempo, os trabalhos produzidos naquela ocasião não conseguem deixar de expressar uma diversidade de experiências que vão além da performance artística, possibilitando enxergar performances culturais mais amplas, expressas nas relações de Bispo com o sagrado e o profano, com a reclusão e a loucura. Neste contexto, a fotografia alcançou os objetivos de culto e de veneração da exposição. Ao mesmo tempo, resumiu ao aspecto artístico a complexidade do sujeito Bispo, “sujeito cheio de si”, menos interessado na arte e mais interessado em revelar e organizar seu mundo, original e incompreendido, mas não isolado mundo das outras pessoas. A atitude de ouvir menos “quem fala sobre Bispo” para ouvir mais o próprio Bispo, nos permite perceber um sujeito repleto de desejos, obstinado em fazer cumprir sua missão e em concretizar sua passagem, que podemos sugerir tratar-se da morte, mas que ocupou um lugar alternativo, festivo, celebrado, esperado e temido. Bispo organizou sua própria morte, viveu para ela, conversou com outros mortos, apresentou-se como Jesus Cristo. Ao exigir “senhas secretas” como critério para permitir que alguém entre em sua cela, Bispo também exigiu tudo de si para carregar consigo a certeza de que viveria a vida dos santos após sua passagem. Em vida, organizou o lixo, fiou e desfiou, criou cenários, mudou a cela e tudo o mais que as “vozes” lhe requisitou. A performance de Bispo não pode ser resumida a uma performance artística. Podemos praticar a alteridade para enxergar um Bispo fora da “caixinha” da performance artística, para enxergar um sujeito complexo, que

viveu várias vidas em uma vida. Assim, podemos pensar em um Bispo a partir de um acervo de performances culturais amplas, que revelam um intenso diálogo do sujeito com o sagrado, com o profano, a loucura, a sexualidade, a exclusão, a criação, dentre outras possibilidades. Neste rico ambiente, Firmo e Castello constrangeram o sujeito a um tipo de enquadramento que terminou por apresentar o artista Bispo no cenário da arte contemporânea do século XX. Não há dúvida que o enquadramento foi eficaz o suficiente para ter sido apropriado, reproduzido e fabricado em outros espaços em momentos e lugares posteriores, a exemplo da imagem fabricada em Japaratuba, sua cidade natal, já no século XXI. Em todos estes espaços, vê-se menos o Bispo que viveu a vida em função da passagem (morte) em toda a complexidade da experiência do sagrado por ele mesmo criado para vê-se mais o artista, tal como enxergaram Firmo e Castello.

**Palavras-chave:** Performance Artística; Performance Cultural; Artur Bispo do Rosário.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter [et. Al.]. **Benjamin e a obra de arte:** técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CAMPOS, Marcelo. **Um canto, dois sertões:** Bispo do Rosário e os 90 anos da Colônia Juliano Moreira. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2016.

CORPAS, Flávia. **Walter Firmo:** um olhar sobre Bispo do Rosário. Rio de Janeiro: Caixa, 2013.

CAMARGO, Robson Correa de; REINATO, Eduardo José; CAPEL, Heloísa Selma Fernandes. **Performances culturais.** São Paulo: Hucitec, 2011.

## **A QUEIJADINHA DE DONA MARIETA EM SÃO CRISTÓVÃO/SE NO CONTEXTO DO FOLKTURISMO COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**Flávio Menezes Santana**

Pesquisador da Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação -  
Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.  
ms.flaviosantana@hotmail.com

**Severino Alves de Lucena Filho**

Pesquisador da Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação -  
Professor Pós Doutor do curso de turismo da Universidade Federal da Paraíba  
- FFPB e do Programa de Pós-Graduação do POSMEX - Universidade Federal  
Rural de Pernambuco.  
recifrevo@uol.com.br

Eixo temático: 01. Performances: tradições e contemporaneidades.

Tipo da produção: C.Trabalhos acadêmicos de pós-graduação e afins.

São Cristóvão, quarta cidade mais antiga do Brasil estabelece-se como histórica, pois mantém viva uma história caracterizada pela arquitetura ibérica e ricas tradições acumuladas ao longo das lutas e batalhas, as quais deram a Portugal domínio massivo pelo seu território. Dentre suas tradições, destaca-se a queijada (ou queijadinha, como também é popularmente chamada), denominada assim porque originalmente era feita com queijo, ingrediente de difícil acesso na época e, por isso, substituído pelo coco, elemento abundante no litoral do Nordeste do Brasil. Trazida pelos portugueses no início da colonização de São Cristóvão, é considerada uma herança dos escravos da cidade, afinal foram eles os principais responsáveis pela modificação. Hoje, a tradição é perpetuada por Dona Marieta Santos, descendente de negros, 74 anos, bisneta de uma escrava que foi trazida para São Cristóvão no período da escravidão. Cascudo (2014) menciona a forte presença de escravas na cozinha portuguesa, uma ocupação natural e própria. Inclusive, a negra se tornou importante na culinária brasileira, e segundo Freyre (2007), há comidas que só são saborosas se forem feitas por mãos negras. A continuação da prática a partir da herança das suas descendentes construiu a tradição da queijadinha em São Cristóvão. Diante disso, esse doce foi inserido como patrimônio imaterial da cidade sergipana. Assim como as manifestações culturais, Schlüter (2003) destaca que a gastronomia foi incorporada como patrimônio histórico pela dimensão social e cultural, possibilitando que ganhasse importância na atração turística. Percebemos que a cultura se configura como processo de síntese de saberes de uma determinada comunidade que gera produtos com profunda carga simbólica que poderá ser transmitido ao turista. Dessa forma, como processo de conhecimento acumulado, se estabelece a partir das tradições que são processadas e transmitidas na contemporaneidade acompanhando sua dinâmica e tornando cada comunidade única. A noção de cultura enquanto prática que acompanha as dinâmicas da vida social foi melhor desenvolvida por Luiz Beltrão (1918-1986), que possibilitou que nascesse a teoria da Folkcomunicação, trabalhada pela primeira vez na década de 60 e que tem por objetivo estudar as formas de comunicação presentes nas



comunidades populares através de meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. Seus seguidores criaram outros protocolos que contribuem na atualização do seu arsenal metodológico. O Folkturismo consiste em analisar a prática turística como elemento de fortalecimento da cultura popular através de ferramentas da comunicação e da informação. Deste modo, através de uma pesquisa qualitativa, o presente trabalho consiste em apontar a Queijada de Dona Marieta como elemento folkturístico na cidade de São Cristóvão e como esta iguaria contribui para o desenvolvimento local. Buscou-se também, um estudo bibliográfico e alguns depoimentos de atores sociais que estão ligados direta e indiretamente a prática da produção de queijadas em São Cristóvão. Este debate tem por obrigação ressaltar a importância dessa iguaria na cidade história sergipana, assim como colaborar para o reconhecimento da teoria beltraniana e expandir os olhares dos discípulos de Luiz Beltrão. Inicialmente, constatou-se que a doceria é um elemento cultural muito forte, constituindo-se como um dos símbolos identitários de São Cristóvão, principalmente porque se configura como uma cidade histórica pequena caracterizada pelo regionalismo e tradições culturais. Lucena Filho (2003) explica que a cultura popular se constitui como atração turística motivando despertar o interesse das pessoas em conhecer determinado lugar. E o folclore se torna um dos fatores que dão as suas regiões um tom de exotismo, diferente e especial. Mas, como bem declara Tigreiro (2005), manifestações como festas, danças e culinária, por exemplo, passam a não pertencerem apenas aos seus protagonistas. Contudo, se o turismo for aliado a prática cultural e ao povo, sua prática serve de efeito para o fortalecimento das manifestações artísticas. Logo, o turismo enquanto prática que busca a comercialização da cultura inserido na visão da folkcomunicação pode trazer para São Cristóvão alguns benefícios significativos, como por exemplo, a difusão das manifestações e da culinária local. É preciso esclarecer também que a relação desses dois elementos precisa, antes de mais nada, servir para preservar as manifestações e incluí-las em projetos de políticas públicas voltadas para o turismo e o desenvolvimento local.

**Palavras-chave:** Folkturismo; Queijadinha; São Cristóvão; Turismo.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore – invenção e comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial / Scortecci Editora, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 4. ed. São Paulo, SP: Global, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil**. 5. ed., rev. São Paulo, SP: Global, 2007.

LUCENA FILHO, S. Folkturismo: vivências do turismo popular. In: GASTAL S.; CASTRIGIOVANNI, A.(orgs). **Turismo na Pós-Modernidade: (des) inquietações**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxonomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHLÜTER, Regina G. **Gastronomia e turismo**. Traduzido por Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003.

SERGIPE. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E MEIO AMBIENTE. **Aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais da cidade de São Cristóvão**. Aracaju: SECMA, 1989.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, fev./ 2005 em Brasília–DF. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>.

## **PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO EM DANÇA: ALIMENTANDO-SE POETICAMENTE DOS ELEMENTOS DAS TAIEIRAS DE LARANJEIRAS/SE**

**Amanda Cristina da Conceição**

Graduada Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe  
amandacris-ufs@hotmail.com

Eixo temático: 01. Performances: tradições e contemporaneidades

Tipo de produção: C. Trabalhos acadêmicos de pós-graduação e afins

O presente trabalho abordará sobre uma pesquisa desenvolvida com base no meu envolvimento direto com o grupo popular Taieira do município de Laranjeiras estado de Sergipe, que tem como organizadora Bárbara Cristina, Alôxa da Irmandade Nagô Santa Bárbara Virgem. A pesquisa teve como foco o estudo da dança tradicional das Taieiras de Laranjeiras-SE, que a partir de seus elementos simbólicos buscou possibilidades de investigação e experimentação em dança, na perspectiva de uma estética criativa que dialoga com os saberes populares na contemporaneidade. A Taieira de Laranjeiras é uma manifestação folclórica formada por mulheres, crianças e idosos, que dançam e cantam em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito conhecidos como os santos protetores dos pretos. No dia 6 de janeiro em Laranjeiras é comemorada a Festa dos Reis Magos onde acontece anualmente o Encontro Cultural. Após a celebração da missa o celebrante retira a coroa da imagem de Nossa senhora e a coloca simbolicamente na cabeça da Rainha da Taieira, começando o louvor aos santos de devoção dos pretos, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em que a Taieiras entoam seus cantos e danças e os demais grupos prosseguem com as louvações. Considerando estes aspectos, esta pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento: de que forma, eu como pesquisadora intérprete da dança e ex-brincante da Taieira utilizarei e me apropriarei dos elementos já codificados de uma manifestação popular brasileira que possui como eixo norteador as formas tradicionais de dança, como ponto de ignição e transgressão dessa manifestação para um processo de investigação contemporânea em dança, que aponte para processos de criação? O estudo teve como objetivo geral desenvolver possibilidades de ensino por meio de processos investigativos a partir dos elementos ritualísticos existentes nas Taieiras, localizada na cidade de Laranjeiras Sergipe. Este estudo centra-se especificamente em: a) investigar sobre os aspectos históricos das Taieiras de Sergipe, na cidade de Laranjeiras; b) identificar os elementos ritualísticos que constituem a dança das Taieiras; c) trabalhar processos de investigação em dança a partir dos elementos simbólicos das Taieiras. A escolha por esse objeto de estudo deu-se primeiramente pelo fato da pesquisadora ter uma relação direta com as Taieiras enquanto ex-brincante, relação essa que despertou sensações e satisfação de ser mais uma que contribui para a perpetuação das Danças Tradicionais Populares da cidade de Laranjeiras. Esse estudo se faz relevante por possibilitar a investigação e o debate acerca de uma manifestação de extrema relevância cultural para o povo Laranjeirense e acima de tudo para o povo afrodescendente, enquanto lócus de pesquisa para a investigação com possibilidades para a criação em dança. Para o desenvolvimento deste estudo,

foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo do tipo experimental, a partir de laboratórios de dança com alunos do curso de Licenciatura em Dança, pertencentes ao Projeto de Extensão Aldeia Mangue. O trabalho de conclusão de curso estrutura-se em três capítulos, apresentando-se no primeiro capítulo breve contextualização sobre a cidade de Laranjeiras/Sergipe. No segundo capítulo é abordada a Dança Tradicional Popular Sergipana Taieira, envolvendo sua história, seu processo ritualístico e performático, mencionando a importância da preservação da sua tradicionalidade, evidenciando aspectos particulares que distinguem a Taieira de Laranjeiras das demais Taieiras do estado de Sergipe. O terceiro capítulo caracteriza a pesquisa de campo realizada com a Taieira envolvendo posteriormente a experimentação laboratorial aplicada ao grupo de extensão Aldeia Mangue da Universidade Federal de Sergipe. A realização desse estudo revelou que, por meio dos laboratórios os participantes compartilharam questões internas, voltando para as próprias raízes. Os corpos que estavam presentes nesse estudo, eram corpos permissivos para deixar vir essas memórias e brincar com o imaginário, criando paisagens de danças a partir do entrelaçar de histórias de vida e da poética da Taieira. Eu, enquanto propositora desses laboratórios dirigidos, descubro-me com outras potências para criar dança, para além da reprodução do repertório fixo das danças da Taieira.

**Palavras-chave:** Taieira; Dança; Laranjeiras; Investigação em dança.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. **Danças e folguedos**. Laranjeiras, 1998.

ARAGÃO, Ivan Rego. Hibridismo cultural-religioso em devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na cidade de Laranjeiras/Sergipe. **Anais 2ºSimpósio Nordeste da ABHR (Associação brasileira de história das religiões)**. Recife. GT-6, 2015.

DANTAS, Beatriz Góis. **Taieira de Sergipe**. Petrópolis. Ed vozes Ltda. 1972.

LEMOS, Andrey R. et al. A Taieira: **cultura e identidade no município de Laranjeiras**. Monografia (Licenciatura em História). Aracaju: UNIT, 2007.

LIRA, Ana. **Cortejos sob as bênçãos de Rosário e Benedito**. In: Revista Continente, ano XII, nº 133, janeiro de 2012, p. 36-43.

MACHADO, Lara Rodrigues. O jogo da construção poética: **processo criativo em Dança**. Tese (doutorado). Campinas, 2008.

OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **Registros dos fatos históricos de Laranjeiras**. 2ª edição. Introdução e notas de Luiz Antônio Barreto. Secretaria do Estado da Cultura. Aracaju. 2005.

RIBEIRO, H.L. **Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe**: Uma tradição revista. Tese (Mestrado). Bahia: UFBA, 2003.

RODRIGUES, Bianca Bazzo; MACHADO, Lara Rodrigues. Benza Quebranto: o jogo da construção poética e o saber popular do benzimento. **Revista Urdimento**. Santa Catarina. UDESC. v.1, n.24, p42-58, julho 2015.

RODRIGUES, Graziela E. F. O método BPI (bailarino-pesquisador-interprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: **Reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método**. Tese (doutorado). Campinas: UNICAMP, 2003.

SANTOS, Verônica C. Bispo. “Ó vós todos que passais pelos caminhos...” **Musealizando o percurso a indumentária e o canto da figura da Verônica nas procissões da Semana Santa em Laranjeiras-Se (1941- 2017)**. Monografia. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2017.

SILVA, Neide Santana da. Memórias Musicais: **a trajetória da Filarmônica Municipal Coração de Jesus em Laranjeiras (1981-2002)**. Monografia. Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana, out. 2002.

## **2.4.2 Eixo: Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas**

---

### **Barco-de-fogo: patrimônio imaterial de Sergipe**

Luan Lacerda Ramos  
Maria Augusta Mundim Vargas

### **A deposição de um rei:**

#### **Práticas de silenciamento na procissão de santos reis em Laranjeiras/SE**

Roberto Fernandes dos Santos Junior  
Darly Anderson Calumby dos Santos

### **Ilha Mem de Sá: perspectivas museológicas e atratividade turística**

Estefanni Patricia Santos Silva  
Fabiana Faxina  
Janaina Cardoso de Mello

### **A “invenção” da praia como patrimônio cultural para o veraneio e do turismo**

Priscila Pereira Santos  
José Wellington Carvalho Vilar

### **Educação patrimonial e turismo:**

#### **Os cursos de capacitação do Prodetur/SE no polo costa dos coqueirais**

Priscila Pereira Santos  
Verônica Santiago Teixeira de Alencar Façanha  
José Wellington Carvalho Vilar

### **A importância do patrimônio gastronômico na composição e no fortalecimento do cenário turístico da cidade de São Cristóvão - SE**

Eliane Avelina de Azevedo

### **Turismo cultural: perfil do visitante do museu da Polícia Militar de Sergipe (MPMSE)**

Mônica Maria Liberato  
Lício Valério Lima Vieira

### **Movimento das catadoras de mangaba, um patrimônio imaterial Sergipano**

Lara Brunelle Almeida Freitas  
Estefanni Patricia Santos Silva

### **Á água: um patrimônio**

Rodrigo Santos de Lima  
Maria Augusta Mundim Vargas

### **Uma leitura de Denis Cosgrove aplicada a paisagem dos parques eólicos no Brasil**

Vanessa Santos Costa  
Maria Augusta Mundim Vargas

## **BARCO-DE-FOGO: PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SERGIPE**

**Luan Lacerda Ramos**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS  
luan.lacerda.ramos@gmail.com

**Maria Augusta Mundim Vargas**

Profa. Dr<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS  
Líder do Grupo Sociedade e Cultura-PPGEO/UFS  
guta98@hotmail.com

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas.

Tipo de produção: Trabalhos acadêmicos de pós-graduação e afins.

A produção de Barco-de-fogo é uma atividade tradicional singular do município de Estância, Sergipe. Nesta prática os produtores imprimem, na figura de um barco, um conjunto de materialidades e significados que vivificam as ruas do município durante os festejos juninos. A criação do Barco-de-fogo deu-se no início do século XX, tendo como criador o ex-funcionário público Francisco da Silva Cardoso, popularmente conhecido como Chico Surdo. A proposta simbólica do Barco é clara: representar o principal meio de obtenção de alimento, recursos e transporte de pessoas. Em outras palavras, o Barco-de-fogo é a síntese que representa a (re)produção da vida na comunidade ribeirinha do bairro Porto D'Areia localizado às margens do rio Piauí. É certo que essa produção, nos dias atuais, não se restringe ao bairro citado, mas nossa proposta é de avaliar a produção no seu lugar de origem. A importância simbólica e econômica que o Barco-de-fogo exerceu em suas múltiplas escalas, viabilizou seu reconhecimento como patrimônio cultural e imaterial do estado de Sergipe através da lei n. 7.690 de 23 de julho de 2013, considerando Estância como a capital nacional do Barco-de-fogo. O dispositivo legal de tombamento de um patrimônio é o instrumento que possibilita o reconhecimento de bens culturais como pertencentes à identidade de um povo, comunidade, etc. Neste sentido, reconhecer o Barco-de-fogo como patrimônio cultural significa compreendê-lo como traço identitário da comunidade que inspirou, através de seus fazeres, sua idealização. Por patrimônio imaterial compactuamos com a definição que o toma como os processos e os significados das criações humanas. Deste modo, o patrimônio imaterial é concebido pela visão antropológica que reconhece como tal o conjunto de formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações artísticas, tecnológicas e científicas (VIANNA, 2004). Assim, neste estudo, objetivamos a apreensão do conjunto de fatores, materiais e simbólicos, que tornam possível o reconhecimento do Barco-de-fogo como um patrimônio imaterial de Sergipe. Neste intuito, um conjunto de procedimentos foram elencados com o propósito de comporem nosso corpus metodológico. O procedimento basilar consistiu da leitura e revisão bibliográfica. As obras e legislações lidas compreenderam abordagens pertinentes às categorias territorialidades, patrimônio imaterial e Barco-de-fogo. Compreendemos as territorialidades como o conjunto de relações que configuram os territórios. Outros procedimentos adotados referem-se às práticas de observação livre, entrevista semiestruturada e registro fotográfico. Pela observação livre tornou-se evidente as relações

existente entre moradores e produtores de Barco-de-fogo do bairro Porto D'Areia. Estas relações foram observadas em suas multidimensionalidades, o que significa dizer que à produção do Barco-de-fogo somam-se inúmeras territorialidades que se mesclam entre os produtores, moradores, turistas, governos, etc. e que compõem o território do Barco-de-fogo. Esta constatação, advinda das primeiras observações em campo, foram afirmadas através da aplicação das entrevistas semiestruturadas em que os sujeitos demonstraram em suas falas as múltiplas relações existentes na fabricação dos Barcos. As fotografias registradas também evidenciaram estas colocações: o memorial a céu aberto, os imóveis utilizados pelos produtores para desenvolvimento de suas atividades, o rio Piauí, foram alguns dos elementos registrados que representam a importância e o significado que o Barco-de-fogo tem para os múltiplos sujeitos a ele envolvidos. Assim, consideramos que as materialidades e simbolismos presentes na produção do Barco-de-fogo, ponderando as múltiplas territorialidades a ele atreladas, desvelam os modos de criar, fazer e viver da comunidade e de seus produtores, o que legitima a consideração do Barco-de-fogo como um patrimônio imaterial de Estância, de Sergipe e do Brasil.

**Palavras-chave:** Territorialidades; Patrimônio Imaterial; Barco-de-fogo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Constituição da República federativa do Brasil**. 1988.

ESNTÂNCIA. **Lei n. 1.474 de 18 de agosto de 2010**. Reconhece o Barco-de-fogo como Patrimônio Cultural e imaterial do Município de Estância e estabelece outras providências. Estância, SE. ago. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. Revista GEOgraphia, ano IX, n. 17, 2007.

SERGIPE. **Lei nº 7.690 de 23 de julho de 2013**. Torna o Barco-de-fogo da cidade de Estância patrimônio imemorial do Estado de Sergipe, e dá providências correlatas. Sergipe, jul. 2013.

VIANNA, Letícia C. R. **Patrimônio imaterial: legislação e inventário culturais. A experiência do projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular**. In. LONDRES, Cecília et. al. (Org.) *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Rio de Janeiro: Funarte, Iphan, CNFCP, 2004.



## **A DEPOSIÇÃO DE UM REI: PRÁTICAS DE SILENCIAMENTO NA PROCISSÃO DE SANTOS REIS EM LARANJEIRAS/SE**

**Roberto Fernandes dos Santos Junior**

Universidade Federal da Bahia  
Membro do Grupo de Pesquisa Observatório da Museologia Baiana  
Bolsista CAPES  
roberto.agroifect@gmail.com

**Darly Anderson Calumby dos Santos**

Universidade Federal de Sergipe  
Bolsista PIBIC  
darlycalumby@gmail.com

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e política  
Tipo da produção: A. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação,  
Extensão e afins

O presente trabalho tem por finalidade fazer uma abordagem em torno das práticas de silenciamento da imagem do Rei Mago Baltazar (São Baltazar), durante as festividades denominadas pelo catolicismo popular como “Santos Reis”. Tendo por objetivo principal, apresentar de que forma as políticas de preservação do patrimônio cultural material, atingem as manifestações voltadas a ressonância de uma imaterialidade, pensando a igreja e as procissões como lugares de memória. Algo em especial merece ser destacado em meio a toda essa efervescência, que por sua vez mobiliza e movimenta toda a cidade. A procissão de Santos Reis é uma prática antiga do catolicismo das irmandades para pretos, e é realizada em diversas cidades brasileiras como expoente de uma prática iniciada no período escravista, perpetuada até a atualidade. Em Laranjeiras, as festividades são inauguradas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, e continuam sendo realizadas anualmente, mesmo que com o tempo tenha perdido alguns dos seus aspectos. Anualmente, especificamente no mês de janeiro, uma explosão cultural toma conta das ruas da cidade de Laranjeiras. Merecendo destaque para as danças, cortejos, encenações, folguedos, performances, exposições e música. Um misto expressivo da cultura sergipana que se expõe durante uma semana de festa para a cultura popular, denominado Encontro Cultural de Laranjeiras-ECL. Com o início das atividades do Encontro Cultural de Laranjeiras algumas modificações começaram a implementadas na celebração de reis, que por sua vez, inicia o processo de silenciamentos de alguns momentos importantes para a prática processional que ocorria no dia 6 de janeiro. Pensando nesses silêncios fabricados, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Laranjeiras tinha em seus altares as iconografias de: São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Antônio, São José, São Gonçalo Garcia de Bessain e Santo Rei Baltazar. Essas imagens não estão expostas na igreja, hoje o que predomina nas igrejas de Laranjeiras são réplicas, devido ao roubo de peças de valor artístico e histórico para serem vendidas no mercado negro. Sendo assim, como mecanismo de proteção foi criado em 1978 o Museu de Arte Sacra de

Laranjeiras, com o objetivo principal de preservar e conservar a arte sacra em estado de vulnerabilidade do Vale do Cotinguiba, onde o município está localizado. Com isso alguns anos antes da instituição do museu, a criação do Encontro Cultural de Laranjeiras - ECL se tornaria um marco do início nas práticas de silenciamento na Festa de Santos Reis. Nos seus momentos iniciais o ECL era realizado no mês de maio, mas não demorou para que as atividades passassem a ser realizadas na primeira semana de janeiro atrelado as festividades de Reis. Com o passar dos anos o ECL passa a englobar um número maior de dias, deixando de ser realizado em três dias, para agora ser realizado em uma semana. Daí por diante, aspectos tradicionais começam a ser reinventados. A realização da procissão de Santos Reis passa a ser realizada em dias aleatórios de acordo com o fim do encontro. Deixando de ser realizado no seu dia inicial que é o 6 de janeiro, como previsto pelas irmandades de pretos. Durante os anos além da não realização das festividades no seu dia ordenado, o rei foi deposto e silenciado. A imagem que abriria a procissão de Santos Reis, a iconografia que dar sentido a toda festa do dia, deixa de ser utilizada nas procissões. A imagem do Santo Rei Baltazar está a anos sem sair na procissão. Diante disso o trabalho fará uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, através de pesquisa documental, bibliográfica e realização de entrevistas. Diante de estudos preliminares, á um grande incomodo da comunidade católica laranjeirense acerca da ausência do Rei Mago na procissão, a descaracterização dos festejos e a desvalorização da festa pelo Encontro Cultural de Laranjeiras.

**Palavras-chave:** Silenciamento, Catolicismo, Rei Mago Baltazar, Lugar de Memória.

## REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Jose Reginaldo S. **Ressonância, Materialidade e Subjetividade:** as culturas como patrimônios. In: \_ Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória.** Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v. 9, jan/dez, 1996.

KARASCH, Mary. **Construindo comunidades:** As Irmandades dos pretos e pardos no Brasil Colonial e em Goiás. In: The 12th Annual Gilder Lehrman Center International Conference at Yale University , 2010, Connecticut.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

NORA, Pierre. **“Entre memória e história: a problemática dos lugares”.** Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

## **ILHA MEM DE SÁ: PERSPECTIVAS MUSEOLÓGICAS E ATRATIVIDADE TURÍSTICA**

**Estefanni Patricia Santos Silva**

Museóloga e mestranda em Turismo pelo PPMTUR-IFS  
estefanni.p@gmail.com

**Fabiana Faxina**

Turismóloga e Dr<sup>a</sup> em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UESC  
Professora do departamento de Turismo pelo PPMTUR-IFS  
fabi\_fa@hotmail.com

**Janaina Cardoso de Mello**

Mestranda em Turismo pelo PPMTUR-IFS e Dra. em História Social  
Professora do Departamento de História DHI-UFS  
janainamello.ufs@gmail.com

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas  
Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

Abordando sobre as características pertinentes a um planejamento turístico, o artigo trata da comunicação entre referências que articulam as peculiaridades presentes em um processo de estruturação do plano. A respeito do fato, é apresentada a perspectiva de um caso de plano museológico, situado na ilha Mem de Sá que encontra-se no Polo Turístico Costa dos Coqueirais, no município de Itaporanga D'Ajuda, Sergipe, Brasil, que utiliza das estratégias do planejamento turístico para a sua constituição, uma vez que o mesmo possui o objetivo de ser um atrativo ao turismo local. A pesquisa é de revisão bibliográfica, analítica, realiza estudo de caso e se enquadra à natureza qualitativa. Cada comunidade precisa obter um planejamento para as ações do turismo voltadas aos seus potenciais. No caso da proposta de um plano museológico voltado para a comunidade da Ilha Mem de Sá, o documento visa apresentar diretrizes que organizarão uma futura implantação de um espaço museológico. Por isso, será realizada uma discussão sobre o espaço e onde o local está situado para compreender a importância do espaço museu numa comunidade, para entender como ocorre o gerenciamento de ideias entre planejadores e os anseios dos moradores do local, e como poderá ser efetivado o procedimento do planejamento nessa contextualização. Sempre é necessário lembrar que o museu é um espaço voltado, em sua gênese, à comunidade, pois é sobre ela que o espaço comunica por meio do seu acervo e é ela que o aceita. Nesse caso, esse museu será mais um atrativo turístico à ilha, se configurando em uma opção a mais para o visitante o que leva ao fortalecimento do turismo de base comunitária presente na localidade. Pensando na sustentabilidade e no papel do museu nesse cenário, percebe-se que por ser um local cuja beleza natural é seu principal atrativo, a ideia do museu, nesse planejamento, deverá estar integrada ao ideal de conservação da natureza. Afinal, "o produto turístico natural baseia-se na venda dos aspectos ambientais das localidades e a estrutura receptiva deve ser pequena, refinada, integrada e harmoniosa em relação ao meio", como dialoga o autor Ruschmann (1997, p. 25). Para o plano museológico serão considerados os

argumentos da comunidade quanto a tipologia de acervo que o local tem potencial para expor, as variedades de discursos sobre as peças que serão musealizadas e, principalmente, o que querem que a instituição promova, pois por consequência, o espaço museal promoverá conhecimento aos seus visitantes e comunicará a trajetória da historicidade do local, dos seus moradores e dos seus potenciais. Então, “mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar”, como ressalta o autor Yásigi (2001, p. 38). Percebe-se que um museu proporciona a afirmação identitária e agregação de valor ao patrimônio local. Conforme o IBRAM: “Os museus brasileiros fazem parte desse universo de atrativos turísticos e são potenciais indutores de visitas” (2014, p.45), capazes de dinamizar a produção artesanal, a gastronomia, a hospitalidade, dentre outros serviços ofertados pela comunidade. (SILVA, 2017, p. 8). Portanto, o espaço museológico, entre as suas características, possui o objetivo de preservar a memória, salvaguardar as peculiaridades contidas sobre a temática do espaço e proporcionar a reflexão sobre o tempo contemporâneo diante do encontro com o acervo que pode remeter a tempos remotos, dados presentes ou mesmo perspectivas de um futuro. Desse modo, a comunidade pretende obter um espaço de memória, para assim, concretizar esse objetivo de conservar informações a respeito de sua trajetória.

**Palavras-chave:** Planejamento; Atrativo Turístico; Museu.

## REFERÊNCIAS

EMBRAPA TABULEIROS COSTEIROS. **Gestão Participativa para o Desenvolvimento da Comunidade Mem de Sá - Itaporanga D'Ajuda/SE**. Aracaju:Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru EDUSC, 2002.

BRAGA, Debora Cordeiro. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HALL, C. M. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLINA, Sergio. **Turismo: metodologia e planejamento**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MTUR. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública/Ministério do Turismo**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010

MURPHY, Peter E. **Tourism as a community industry: an ecological model of tourism development**. *Tourism Management* September, p. 1980-1993, 1983.

PELEGRI, Sandra C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**, UNESP/FCLAs/CEDAP, v.3, n.1, p. 95-109, 2007.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: Planejamento e Gestão**. São Paulo: Futura, 2002.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997

SILVA, Estefanni Patricia Santos. **Um museu de aratus: plano museológico no tbc da ilha Mem de Sá**. 2017. 9f. Projeto de Mestrado (Profissional em Turismo) – Departamento de Pós-Graduação, Instituto Federal de Sergipe, Aracaju.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

## **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO: OS CURSOS DE CAPACITAÇÃO DO PRODETUR/SE NO POLO COSTA DOS COQUEIRAIS**

**Priscila Pereira Santos**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGeo/UFS  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Integrante do Grupo de Pesquisa em Gestão Territorial de Ambientes Costeiros  
GESTAC/IFS  
Instituto Federal de Sergipe - IFS  
p.p.s2902@gmail.com

**Verônica Santiago Teixeira de Alencar Façanha**

Discente do Curso de Especialização em Planejamento do Turismo –  
DTUR/UFS  
Departamento de Turismo - DTUR  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
veronicaages@hotmail.com

**José Wellington Carvalho Vilar**

Doutor em Análisis Geográfico en la Ordenación del Teritorio pela Universidade  
de Granada  
Professor do IFS  
Professor Colaborador do PPGeo/UFS  
Coordenador do Grupo de Pesquisa em Gestão Territorial de Ambientes  
Costeiros GESTAC/IFS  
wvilar@yahoo.com.br

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas  
Tipo de produção: C) Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

Turismo indica movimento e deslocamento pelo espaço geográfico. Ao mover-se entre o destino emissor e o receptor, o olhar tende a direcionar-se em busca da diferenciação espacial. O patrimônio do espaço turístico visitado, seja material ou imaterial, dá o tom as particularidades e as singularidades do lugar. Assim, verifica-se uma relação direta de dependência entre o turismo e o patrimônio na configuração do produto turístico. Sob a perspectiva de Melo e Cardozo (2015), pode-se entender que todas as formas de patrimônio resultam das ações humanas deixadas como herança para as próximas gerações. Neste contexto, o turismo mostra-se como mediador da democratização, socialização e apropriação histórico-cultural do patrimônio material e imaterial tanto pela população local quanto pelos turistas. Contudo, sem educação patrimonial a população local e os turistas podem tornar-se nocivos ao patrimônio. Sob o prisma da atuação do Estado, as políticas de turismo devem apresentar-se também como políticas de preservação e conservação do patrimônio, principalmente direcionadas a educação patrimonial. Neste entrelaçar entre patrimônio, turismo e educação, o objetivo desta pesquisa é analisar como a educação patrimonial manifesta-se nos cursos de capacitação de turismo estruturados pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) no Polo Costa dos Coqueirais em Sergipe. Para tanto, esta análise foi elaborada a

partir de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica, as leituras concentraram-se nos seguintes temas: patrimônio, educação patrimonial e turismo, com destaque para os autores Melo e Cardozo (2015), Barretto (2007), Figueira (2007), Pereiro Pérez (2009) e Horta; GrunBerg; Monteiro (1999). No que diz respeito aos documentos, realizou-se um estudo do Plano Nacional de Turismo (PNT) (2007-2010; 2013-2016), do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) em Sergipe e o Programa de Capacitação Profissional e Empresarial do Polo Costa dos Coqueirais. O trabalho de campo desenvolveu-se através de observação sistemática no processo de implantação dos cursos de capacitação do PRODETUR no Polo Costa dos Coqueirais. O PRODETUR em Sergipe com o intuito de “criar condições necessárias para a promoção do turismo sustentável na região (Polos Velho Chico e Costa dos Coqueirais)” (PRODETUR-SE) sob a perspectiva de um produto turístico socialmente inclusivo, implementa a partir de 2016 o Plano de Capacitação Profissional e Empresarial em consonância com o Programa de Capacitação Profissional e Empresarial do Polo Costa dos Coqueirais. Os cursos de capacitação ofertados são: cozinheiro(a), garçom/garçonete, camareiro(a), vendedor(a) de artigos para turista, artesão/artesã, prestador(a) de informações turísticas e elaborador(a) de roteiros para condutores de visitantes, eletrônica e manutenção geral para hotéis. Cada turma é composta por no mínimo 25 alunos e distribuídas espacialmente no Polo Costa dos Coqueirais da seguinte maneira: Aracaju com 19 turmas; Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro, Laranjeiras, Santo Amaro, Pirambu, Pacatuba e Brejo Grande totalizam 14 turmas e os municípios de Indiaroba, Santa Luzia do Itanhi, Itaporanga D’Ajuda, Estância e São Cristóvão com 12 turmas ao total. Os cursos de capacitação são estruturados em três módulos: o módulo introdutório, o módulo específico e o módulo complementar com noções de informática e idiomas, língua inglesa e espanhola. O módulo introdutório é segmentado em sete unidades. Na Unidade V – Geografia e Cultura Sergipana - verificou-se o direcionamento específico do conteúdo programático para a socialização, a conservação e a preservação do patrimônio de Sergipe nos seguintes conteúdos: Sergipe e o Polo Costa dos Coqueirais como Produto Turístico; Atrativo turístico; Geografia e História de Sergipe; Principais pontos turísticos do município; Manifestações folclóricas e artísticas da cultura popular. Nos módulos específicos, somente o curso de prestador(a) de informações turísticas apresenta conteúdo programático direcionado ao patrimônio. Na Unidade V – Processo de Trabalho do Informante Turístico - do referido curso aborda-se o conteúdo a saber: “potencial turístico: patrimônio turístico, cultural, histórico e ambiental ou natural”. Acredita-se que o estudo e a compreensão do patrimônio no contexto do turismo em Sergipe deve voltar-se especificamente em todos os cursos para o despertar da identidade do “ser” sergipano, do “ser” distinto dos demais, enfim, do “ser” patrimonial, que perpassa pelo complexo conceito de “sergipanidade”.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Educação; Turismo; Cursos de Capacitação; Políticas Públicas.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. **Turismo y cultura**. España: Colección Pasos Edita, 2007.

BRASIL. **Plano Nacional de Turismo 2007-2010. Uma viagem de inclusão**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

BRASIL. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016. O turismo fazendo muito mais pelo Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2013.

FIGUEIRA, G. K. **A educação patrimonial (cultural) e o desenvolvimento sustentável do turismo**. Pós-graduação Lato Sensu. Especialização em Turismo e Desenvolvimento Sustentável. Brasília: Centro de Excelência em Turismo, 2007. 64p. (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização).

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico da educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MELO, A.; CARDOZO, P. F. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas – SP, v. 36, nº 133, p. 1059-1075, 2015.

PEREIRO PÉREZ, X. **Turismo cultural: uma visão antropológica**. España: Colección Pasos Edita, 2009.

SERGIPE. **Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) em Sergipe. Programa de Capacitação Profissional e Empresarial do Polo Costa dos Coqueirais**. 2016. (Material não publicado).



## **A “INVENÇÃO” DA PRAIA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL PARA O VERANEIO E DO TURISMO**

**Priscila Pereira Santos**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGeo/UFS  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Integrante do Grupo de Pesquisa em Gestão Territorial de Ambientes Costeiros  
GESTAC/IFS  
Instituto Federal de Sergipe - IFS  
p.p.s2902@gmail.com

**José Wellington Carvalho Vilar**

Doutor em Análisis Geográfico en la Ordenación del Teritorio pela Universidade  
de Granada  
Professor do IFS  
Professor Colaborador do PPGeo/UFS  
Coordenador do Grupo de Pesquisa em Gestão Territorial de Ambientes  
Costeiros GESTAC/IFS  
wvilar@yahoo.com.br

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas  
Tipo de Produção: C) Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

O desejo de morar próximo ao mar parece hoje enraizado no imaginário ocidental. Porém nem sempre foi assim, a apropriação simbólica e cultural do espaço litorâneo passou por um processo de mudanças que transitou do medo ao culto à saúde e, posteriormente, ao prazer. Até a primeira metade do século XVIII os ocidentais temiam o mar e repugnavam as praias, como mostra o historiador Alain Corbin (1989) no seu livro clássico *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. O autor explica que tanto a literatura religiosa quanto a literatura antiga revelam uma visão negativa do litoral. Hoje, a praia é preenchida de signos e significados relacionados ao prazer, ao lazer, às férias, ao veraneio e ao turismo. Mas como praia tornou-se um patrimônio cultural? Para refletir sobre esta questão, o objetivo desta pesquisa é analisar a “invenção” da praia como patrimônio cultural sob a perspectiva das práticas socioculturais do o veraneio e do turismo de sol e praia. O procedimento metodológico utilizado fundamenta-se na pesquisa bibliográfica. Destacam-se no desvelar sobre a gênese do usos do espaço à beira-mar os estudos de Corbin (1989), Urry (2001), Turner e Ash (1991), Boyer (2003) e Vera Rebollo *et al.* (1997). A partir do século XVIII as descobertas das propriedades terapêuticas da água do mar e do ar geram na elite uma ‘corrida’ as praias para a cura dos desequilíbrios do corpo e da alma, concebe-se a prática da talassoterapia. Simultâneo à cura, nasce o prazer do contato com o mar e com os demais aspectos dos espaços litorâneos por meio das atividades recreativas, do morar temporariamente à beira-mar (vilegiatura marítima, veraneio) e do turismo de sol e praia. Os banhos terapêuticos estimularam a formação de balneários marítimos. Neste momento, a hospedagem se dava em alojamentos (*lodging houses*, espécie de albergues), em casas alugadas ou de amigos; geralmente as casas tinham as costas voltas para o mar e não haviam habitações especializadas na apreciação da paisagem à beira-mar. O banho

terapêutico contribuiu com a codificação de condutas na praia. Não se ia à praia para se expor ao sol nem ficar deitado na areia, ia-se a praia para conversar, andar e às vezes simplesmente para sentar-se e descansar. Os balneários foram inicialmente construídos ao longo das praias do Canal da Mancha, do mar do Norte e do mar Báltico, coordenados respectivamente pela Inglaterra, França e Alemanha (CORBIN, 1989). A praia ‘medicalizada’ (re)configura-se para a recreação e o prazer a partir do século XIX (URRY, 2001; TURNER; ASH, 1991). Neste sentido, Turner e Ash (1991) esclarecem que os aspectos de cura dos balneários são eclipsados pelos seus aspectos sociais, por sua própria moda. O habitar temporariamente no ambiente praial (re)modela a paisagem litorânea inglesa que se constitui num modelo de ocupação territorial da Europa continental. A vilegiatura marítima a partir do século XIX se desenha no prazer e passa a ser apreendida como as temporadas em casas de praia, ou seja, uma opção de moradia secundária utilizada nos momentos de recreação, a segunda residência. Os períodos de banhos de cura e a busca do prazer nas praias concentravam-se no outono e inverno. Somente em meados do século XX o bronzeado torna-se moda na Europa e as praias passam a ser frequentadas também no verão. Como se vê, a partir do século XVIII a água do mar e todos os aspectos do ambiente litorâneo são valorizados. As patologias urbanas físicas, psíquicas e sociais fizeram a alta aristocracia caminhar em direção ao litoral. O turismo se apresenta no século XIX como emulação da vilegiatura marítima. Boyer (2003) entende que a imitação acontecia por capilaridade, pois os estratos inferiores copiavam os comportamentos e os destinos escolhidos pelas famílias reais. Nos séculos XVIII e XIX as segundas residências se multiplicaram. A prática de morar temporariamente à beira-mar é territorializada em outras “periferias do prazer”, Buades (2006). A geografia da segunda residência se redesenha. O progresso dos meios de transporte possibilitou a rápida expansão de informações pelo Ocidente e conseqüentemente, as práticas marítimas desenvolvidas pelos europeus e americanos influenciaram a moda dos banhos de mar, da vilegiatura e do turismo em outros países, inclusive o Brasil. Assim, a talassoterapia, a vilegiatura marítima, o veraneio e turismo mostram-se como um conjunto de usos do litoral que tem a praia como patrimônio natural para territorialização do patrimônio cultural herdado pela sociedade ocidental europeia. A praia é um patrimônio público natural e cultural. A “invenção” de vários usos hedonistas torna a praia um patrimônio cultural também e nos convida a ampliar os horizontes sobre o conceito de patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** Praia; veraneio; turismo; patrimônio cultural.

## REFERÊNCIAS

- BOYER, M. **História do turismo de massa**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.
- BUADES, J. **Exportando paraísos**: La colonización turística del planeta. Palma de Mallorca: La Lucerna, 2006.
- CORBIN, A. **O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TURNER, L.; ASH, J. **La horda dorada. El turismo internacional y la periferia del placer.** Tradução: Miguel Martínez-Lage Alvarez. Madrid: Endymion, 1991.

URRY, J. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VERA REBOLLO, J. F. *et al.* **Análisis territorial del turismo.** Barcelona: Editora Ariel, 1997.

## **A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO GASTRONÔMICO NA COMPOSIÇÃO E NO FORTALECIMENTO DO CENÁRIO TURÍSTICO DA CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO - SE**

**Eliane Avelina de Azevedo**

Mestranda em Turismo-Instituto Federal de Sergipe;  
Pós graduanda em Planejamento do Turismo- Universidade Federal de Sergipe  
elianeavelina@yahoo.com.br

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas

Tipo de produção: C. Trabalhos acadêmicos de pós graduação e afins

A importância da gastronomia tem crescido, não apenas no âmbito do consumo cotidiano, como também do turístico. Frente a isso, um destino deve apostar na preservação da sua gastronomia enquanto patrimônio intangível, bem como na promoção, divulgação da qualidade e diferenciação dos seus produtos locais, com vista a potencializar a sua competitividade face aos seus concorrentes. Dessa maneira, a pesquisa em tela teve por objetivo geral: mostrar a gastronomia local e sua importância enquanto elemento de reforço identitário, com vistas para a promoção e diversificação da oferta turística, partindo de uma pesquisa de campo na cidade de São Cristóvão, cidade essa que está localizada a 23 km de Aracaju, capital Sergipana. Metodologicamente é uma pesquisa de natureza básica, cujo abordagem é exploratório-descritiva, exposta na construção do diálogo com a literatura especializada que apresentou conceitos correlatos ao tema Gastronomia, elementos identitários, Patrimônio Cultural e suas relações com o Turismo. O aporte teórico foi baseado em autores como: Cavaco (1995); Schlüter (2003; 2006); ); Fagliari (2005); Corner (2006); Funari; Pelegrini, (2006); Gimenes (2006; 2014); Coelho Neto; Azevedo (2010) ;Croce; Perri (2010); Aragão; Leal, (2012) e Mascarenhas; Gândara (2015), que mostram em seus escritos que a gastronomia e suas possibilidades de conferir afirmativas e diferenciação ao produto turístico é uma temática importante para ser tratada de maneira significativa, consistente e aplicada, para que assim como outros atrativos de ordem natural, cultural e artístico possam ser reconhecidos. A relevância dessas discussões acerca da produção de doces em São Cristóvão, se dá, mediante a sua Historicidade, intrínseca ao desenvolvimento arquitetônico da cidade, mas que diferente do patrimônio material ainda não tem o reconhecimento devido, é pouco explorado e pouco trabalhado. Ainda nesse contexto, percebe-se que mesmo diante da importância política, histórica e cultural, São Cristóvão, que detém um Patrimônio arquitetônico riquíssimo e que tem a praça São Francisco eleita patrimônio da Humanidade, ainda não se consolidou no turismo sergipano e brasileiro, havendo a necessidade de estudos que contribuam para melhorar essa realidade. No tocante aos resultados, através da observação in loco e elucidado na pesquisa de Aragão e Leal (2012) foi possível elencar uma vasta produção doceira que está presente no cotidiano e nas festividades. São especialidades culinárias tais como: cocadas de forno, doces em compota, geleia de pimenta, o *sarolho*, o beiju molhado, o pé de moleque, o má casado, a bolachinha de goma, além das famosas queijadinhas que é patrimônio imaterial de Sergipe desde março de 2011 através do decreto de número 27.720 e dos delicados *bricelets*. Face ao

exposto, as iguarias figuram como verdadeiros Patrimônios Imateriais e como tal são passíveis de serem experimentados no que pode ser chamado de consumo simbólico, apreciados e compartilhados com os turistas (Gândara, 2009). Conclui-se, portanto, que a vocação doceira de São Cristóvão é algo notório e traduz um ofício comum entre as mulheres do município. Assim, considera-se que esses elementos de referência identitária constituem uma fonte inesgotável de saberes da comunidade e apresentam o delinear de toda a trajetória histórica, econômica e social da cidade. Pode-se afirmar, que as “iguarias” figuram como uma oferta turística evidente e sua preservação e sinergia com outros atrativos turísticos compõem e enriquecem o cenário turístico de São Cristóvão e são passíveis de tornarem-se fortes elementos no desenvolvimento e consolidação da atividade turística na cidade.

**Palavras-chave:** Gastronomia local; Patrimônio Cultural; Atrativos Turísticos; Diversificação de oferta.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Ivan Rêgo; LEAL, Rosana Eduardo Silva. Memória, Patrimônio e Atrativo turístico: A doçaria na festa de Senhor dos Passos, em São Cristóvão – Sergipe. **Revista Rosa dos ventos**, v. 4, n. 3, Caxias do Sul, jul-set de 2012, p. 384-396. Disponível em [http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/viewFile/1561/pdf\\_83](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/viewFile/1561/pdf_83). Acesso em 11 de Julho de 2017

CAVACO, Carminda Maria Mariano. Turismo Rural e Desenvolvimento Local. In: CAVACO, Carminda Maria Mariano. **As Regiões de Fronteira - Inovações e Desenvolvimento do Mercado Único Europeu**, n. 43, Lisboa, 1995, p. 351-401.

COELHO NETO, Ernani; AZEVEDO, Marcelo. “Turismo, Imagem Territorial e Gastronomia: o valor simbólico da culinária na atratividade de destinos turísticos brasileiros”. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 5, n. 2, jan. 2010, p. 1-13. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5768/4480>. Acesso em 03 de Agosto de 2017.

CORNER, Dolores Martin Rodrigues. **A Gastronomia como atrativo no Turismo Cultural**. In: VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

CROCE, Erica; PERRI Giovanni. **Food and wine tourism: food, integration travel and territory**. Wallingford, UK: CABI, 2010.

FAGLIARI, Gabriela Scuta. **Turismo e Alimentação: análises introdutórias**. São Paulo: Rocca, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. “Reflexões sobre o turismo gastronômico na perspectiva da sociedade dos sonhos”. In: PANOSSO NETO, A.; ANSRAH,

M. G. R. **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas.** Barueri, São Paulo: Manole, 2009, p. 179-191.

GIMENES, Maria Henriqueta Sperandio Garcia. **Patrimônio Gastronômico, Patrimônio turístico: uma reflexão introdutória sobre a valorização das comidas tradicionais pelo IPHAN e a atividade turística no Brasil.** In: Anais do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, realizado entre 7 e 8 de julho de 2006. Caxias do Sul. p. 1-15.

GIMENES, Maria Henriqueta Sperandio Garcia. **Atrativos gastronômicos da cidade de São Paulo (SP): análise preliminar.** In: XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, realizado entre 24 e 26 de setembro de 2014. Fortaleza/CE, p. 1-17. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/v.10/Anais/DCL5/026.pdf>. Acesso em 10 junho de 2017.

## **TURISMO CULTURAL: PERFIL DO VISITANTE DO MUSEU DA POLÍCIA MILITAR DE SERGIPE (MPMSE)**

**Mônica Maria Liberato**

Instituto Federal de Sergipe  
Grupo de Pesquisa: Educação, Turismo e Cultura  
monicaliberato@hotmail.com

**Lício Valério Lima Vieira**

Instituto Federal de Sergipe  
Grupo de Pesquisa: Educação, Turismo e Cultura  
liciovalerio@gmail.com

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas  
Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

O turismo cultural representa uma área de grande benefício econômico para museus. Segundo Dias (2006) e Silberberg (1995) o turismo cultural é um dos principais segmentos do turismo que incorpora uma variedade de formas culturais, em que se incluem museus, galerias, eventos cultural, festivais, festas, arquitetura, monumentos históricos, apresentações artísticas e outras, que, identificam uma comunidade e que motivam os visitantes pelo interesse em conhecer características singulares de uma comunidade, região, grupo ou instituição. Em tempos em que a geração de renda no setor de turismo se torna um desafio para os gestores públicos e privados, os museus convivem com a perspectiva de encontrar formas de aumentar o fluxo de visitantes, ampliando os atrativos culturais e, em alguns casos, acrescentando opções de entretenimento (COGAN, 2011), com vistas à melhoria da qualidade dos seus serviços. O Museu da Polícia Militar de Sergipe (MPMSE) teve suas portas abertas ao público pela primeira vez em 1969, funcionando por 43 anos na rua Itabaiana, centro de Aracaju. Depois foi transferido para o Centro Histórico de São Cristóvão/SE, fazendo parte dos atrativos turísticos do município. O MPMSE tem um acervo de documentos, armamentos, fardamentos e equipamentos militares que se configuram como verdadeiros atrativos capazes de contar a sua história. Neste contexto, este estudo teve como objetivo principal diagnosticar o perfil do visitante do Museu da Polícia Militar de Sergipe (MPMSE). Com base no objetivo da pesquisa, a mesma teve caráter qualitativo, a partir das estratégias utilizadas em estudos exploratórios e descritivos, pois buscou construir o perfil do visitante do museu e descrevê-lo para fazer uma análise desse visitante e assim usar o resultado como um indicador para a gestão do museu. Os instrumentos utilizados basearam-se em: entrevista com o diretor do museu e análise dos registros de presenças nos livros de assinaturas do ano de 2016. Na primeira etapa da pesquisa foi feita uma entrevista em profundidade com o Diretor do MPMSE, e através dela foram coletados os dados sobre a história do Museu, a gestão e as estratégias utilizadas para aumentar o fluxo de visitantes. Na segunda etapa, as assinaturas dos livros foram digitadas em planilhas excel, onde os dados foram tabulados, cruzando variáveis (nome, gênero, dia da semana e mês) e transformados em gráficos estatísticos para analisar o perfil desse visitante. Em relação a gestão do MPMSE, observou-se que foram utilizadas estratégias

diferenciadas dos demais museus existentes em São Cristóvão/SE, como por exemplo abrir um salão para exposição de artes para artistas de diversos segmentos. Assim, além de conhecer as memórias militares de Sergipe, o visitante tem a oportunidade de apreciar obras de pinturas, fotográficas, monumentos, esculturas, dentre outras formas de artes. Outra estratégia identificada corresponde a presentear o visitante com um chaveiro com o brasão militar. O MPMSE também é o único do município que não cobra a entrada, portanto, pressupõe que todo turista visitante São Cristóvão/SE tenha interesse em visitar o museu. Ressalta-se neste estudo que os livros de assinaturas de visitação do museu são os únicos indicadores de fluxo de turismo mais próximo da realidade do município. Com a estatística criada a partir dos livros de assinaturas foi possível identificar que em 2016 o MPMSE recebeu 6.484 visitantes, desses 99% de brasileiros e apenas 1% provenientes de outros países. Dos brasileiros, 64% são de Sergipe, 9% de São Paulo, 8% de Bahia e 6% do Rio de Janeiro, os outros são distribuídos em percentuais entre 1% e 2% dos demais Estados. Pode-se analisar também que dos visitantes de Sergipe, 32% são de Aracaju, 25% de Itaporanga D'Ajuda e São Cristóvão e Itabaianinha aparecem com 9%. O gênero predominante dos visitantes de 2016 foi o feminino com 33% do total e 26% masculino, porém, 42% restantes não foram passíveis de identificação ou porque não se compreendeu o nome ou porque o mesmo foi abreviado. Considerando o mês com maior fluxo, 22% visitaram o museu em agosto, 14% em abril e 9% nos meses de janeiro e fevereiro. Também, a pesquisa mostra que o sábado é o dia da semana com maior índice de visitas com 34% do total, seguindo vem à sexta-feira com 18%, terça-feira com 12% e domingo com 11%. A partir dos resultados da pesquisa foi possível conhecer o perfil dos visitantes do MPMSE, seu ponto de origem, gênero, os meses e dias com maiores fluxos. Como os livros de assinaturas fornecem apenas os nomes e datas não foi possível obter mais variáveis, como idade, escolaridade, horários e motivações. A pesquisa possibilitou também ter uma noção de fluxo de turistas/visitantes no centro histórico de São Cristóvão/SE, a 4ª. Cidade mais antiga do Brasil, visto que não existe nenhum outro indicador que mensure esse fluxo. O perfil do visitante do MPMSE irá servir de ferramenta de gestão, permitindo a direção criar estratégias e ações de marketing focadas no perfil do visitante.

**Palavras-chaves:** Turismo Cultural, Museu da PMSE, Perfil Turístico.

## REFERÊNCIAS

COGAN Andrea. Pesquisa de Público do Museu Militar do Comando Militar do Sul: Quem são seus visitantes? **Mouseion**, n.10, jul-dez, 2011.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural**: Recursos que Acompanham o Crescimento das Cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

MPMSE. Museu da Polícia Militar de Sergipe. Disponível em: <http://www.pm.se.gov.br/museu-da-policia-militar-do-estado-de-sergipe-mpmse/>. Acessado em: 20 de novembro de 2017.

SILBERBERG Ted. Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. **Tourism Management**, Vol. 16, no. 5, pp. 361-365, 1995.



## **MOVIMENTO DAS CATADORAS DE MANGABA, UM PATRIMÔNIO IMATERIAL SERGIPANO**

**Lara Brunelle Almeida Freitas**

Gestora de Turismo IFS e Mestranda em Turismo –IFS  
brunellyalmeida@live.com

**Estefanni Patricia Santos Silva**

Museóloga-UFS e Mestranda em Turismo –IFS  
estefanni.p@gmail.com

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas;  
Tipo da produção: C: Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins;

Para o presente estudo analisam-se as catadoras de mangaba em Sergipe, enquanto um patrimônio sergipano por se enquadrar nos parâmetros do art. 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Além disso, nota-se o seu potencial atrativo turístico diante da exposição de seus elementos identitários que as diferenciam das demais regiões. A atividade das catadoras, inclusive, recebeu uma contribuição da Embrapa e Petrobras para ser iniciado e desenvolvido, resultando em conquistas significativas pelo seu engajamento. Ressalta-se que as famílias do povoado Pontal, Indiaroba, Sergipe, e do povoado Capuã em Barra dos Coqueiros tem sua base econômica fundamentada na pesca artesanal e no cultivo da mangaba *in natura* e, também, na utilização agroindustrial dos seus derivados, ora para subsistência da comunidade, ora para a comercialização destes produtos locais aos visitantes. Desta maneira, esta interação homem e meio ambiente reflete na relação que a comunidade tem com os recursos naturais disponíveis, enquanto base de subsistência material para o sustento das famílias no povoado. Partindo dessas premissas, a problemática desta pesquisa consiste em observar no modo de vida dessas famílias que sobrevivem do cultivo da mangaba, que tem sido ameaçado pelo processo de valorização da fruta no mercado. O objetivo desta pesquisa é compreender os procedimentos e as políticas em relação aos conceitos e princípios do turismo sustentável, da gestão funcional e de patrimonialização presentes nas localidades. A pesquisa abrange um estudo de caso nas comunidades, utilizando-se de técnicas de coletas como seleções e levantamentos bibliográficos sobre turismo, sustentabilidade, gestão funcional e patrimônio cultural; Posteriormente, a fim de uma melhor compreensão, as sedes foram visitadas e foram entrevistadas representantes e responsáveis pela gestão operacional dos movimentos das catadoras de mangaba em Sergipe. As observações em campo seguidas das entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas resultaram numa análise etnográfica e comparativa entre os municípios de Indiaroba e Barra dos Coqueiros, que possibilitou uma sistematização das informações análoga ao referencial teórico-conceitual de Mota et al. (2003; 2005; 2008; 2009; 2010; 2011); Do ponto de vista da gestão funcional e sustentável, neste estudo, observou-se sob o ponto de vista técnico metodológico e teórico-conceitual de Swarbrooke (2000) e Sachs (1993), através de atributos sociais, econômicos, culturais, ecológicos, políticos e institucionais. Assim sendo, destacou-se neste estudo a mangaba e processos derivados a extração, produção

comercialização, valorizando a tradições e modos de vida que passam de geração para geração. Os resultados foram embasados em respectivas vivências por meio da atuação e acompanhamento histórico dos movimentos que refletem lutas e reivindicações que ocasionaram numa forte atuação por meio de cobranças e parcerias do poder público e privado, fatos que promovem a garantia de direitos sociais que antes foram suprimidos ou negados por proprietários de terra e até pelos mesmos. Por fim, os dados constataram que as catadoras de mangaba visualizam essas áreas de cultivo como um patrimônio que precisa ser preservado para as gerações futuras. O movimento acredita que trabalhando em equipe pode-se desenvolver o turismo de forma sustentável na comunidade, visto que já partilham de regras comuns no trabalho e boas práticas para conservação da espécie, aspectos contribuintes para a proposta de sustentabilidade, preservação de aspectos identitários e patrimônio.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; sustentabilidade; turismo; catadoras de mangaba.

## REFERÊNCIAS

MOTA, D. M. da, SILVA JÚNIOR, J. F. da e GOMES, J. B. V. **Lógicas de reprodução social de uma população tradicional de catadores de mangaba no litoral sul sergipano.** In: Simpósio Brasileiro sobre a Cultura da Mangaba, 2003, Aracaju. Anais... Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2003. CD-ROM.

MOTA, Dalva Maria da; SILVA JUNIOR, Josué Francisco da; SCHMITZ, Heribert. **Os catadores de mangaba e a conservação da biodiversidade no território Sul sergipano.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43., 2005, Ribeirão Preto. Anais... Brasília: SOBER. Disponível em:< <http://www.catadorasdemangaba.com.br/publicacoes/texto-4.pdf>>.

\_\_\_\_\_; **Conflitos sociais cercam as catadoras de mangaba.** In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (Anppas), 4, Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_; **Gestão coletiva de bens comuns no extrativismo da mangaba no Nordeste do Brasil.** Ambiente & Sociedade, Campinas, v.12, n.2., p.273-293, jul.-dez. 2009.Nordeste, Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005. 256p. (Série Teses e Dissertações 1).

\_\_\_\_\_; **Conflito e consenso pelo acesso aos recursos naturais no extrativismo da mangaba.** Antropolítica. Niterói, n. 31, p. 123-146, 2. sem. 2011.

\_\_\_\_\_. **Divisão social do trabalho no extrativismo de mangaba no nordeste e norte do Brasil.** Agricultura Familiar. Belém: n5/8, p. 53-70, 2005/2008a.

MOTA, D.M. da, SCHMITZ, H., SILVA JUNIOR, J.F. da, RODRIGUES, R.F.A. e ALVES, J.N.F. **O extrativismo de mangaba é “trabalho de mulher”? Duas situações empíricas no Nordeste e Norte do Brasil.** Novos Cadernos NAEA, v. 11, n. 2, p. 155-168, dez. 2008.

PELEGRINI, Sandra C. A. **O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas.** Patrimônio e Memória, UNESP/FCLAs/CEDAP, v.3, n.1, p. 95-109, 2007.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI.** In: BURSZTYN, M. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: gestão e marketing.** 3. ed. Trad. Esther Eva Horovitz. São Paulo: Aleph, 2000.

## **Á ÁGUA: UM PATRIMÔNIO**

**Rodrigo Santos de Lima**  
Doutorando PPGeo/UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura  
rsrodrigo@gmail.com

**Maria Augusta Mundim Vargas**  
Líder do Grupo Sociedade e Cultura-PPGeo/UFS  
guta98@hotmail.com.br

Eixo temático: 02. Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas.  
Tipo da produção: Trabalhos acadêmicos de pós-graduação e afins.

Compreendemos o planeta como um sistema interconexo que reúne características únicas que proporcionaram ao longo do tempo a existência da vida num processo evolutivo que alcançou níveis máximos ao permitir a presença de seres considerados pensantes ao ponto de transformar intensamente os elementos naturais contidos nele. Nesse sentido, temos por objetivo mostrar a importância da água como patrimônio da humanidade. A vida presente na Terra está intrinsecamente ligada a hidrosfera, a atmosfera e a litosfera e se constitui uma teia ligada por elementos químicos e tendo a água o ponto convergente nessa trama de alta complexidade. “Tudo é água” como afirmara Tales de Mileto no século VI a.C e aos poucos tal frase foi se confirmando ao longo da evolução da ciência no decorrer do tempo histórico. A água adquiriu tanta importância que incorporou vários significados ao longo do tempo com três sentidos principais: água como fonte de vida, como meio de purificação e como centro de regeneração (BRUNI, 1994). O fato é que devemos compreender a água primordialmente pela sua concretude pelos mares, oceanos, rios, lagos, riachos, cascatas, torrentes, chuvas, fontes, nascentes, praias, gelo, orvalho, etc., sendo que cada cultura traça um sentido para as águas ao seu redor (BRUNI, 1994) e tem um trato diferenciado para ela, desde a veneração e a sacralidade à indiferença. Dentre os sentidos da água, o mais importante está relacionado à vida, pois é o sangue do Planeta Terra (PEDRAZA, 2009), é veículo de toda a vida, é um dom do céu, é fertilidade, é fecundidade (BRUNI, 1994), é vitalidade, está em nós (ROMANO FILHO *et al*, 2002) e continuará depois de nós e nesse contexto a importância da água é notada em todo o planeta, desde os locais de abundância e principalmente os de escassez. Em algumas religiões adquire sentidos associados a criação, a vida, a pureza, a graça e virtude (BRUNI, 1994). No campo da purificação, são encontradas vastas culturas que realizam seus rituais procurando purificar seus seguidores, desde os cristãos aos hindus dão tal sentido à água. Como símbolo de regeneração, está presente desde os cristãos aos ateus. “Assiste-se, então, a uma multiplicação infinita de simbolismos que unem o imaginário, apesar das diferenças existentes entre as crenças religiosas. A água é germinal e fecundante, ao mesmo tempo sexo masculino e o sexo feminino. As lendas que rodeiam o boto nos Estados amazônicos são elucidativas neste aspecto. A água é medicinal, por vezes comprovadamente, por outras ilusoriamente. A água é batismal, introdutória

aos rituais superiores. A água é diluvial, castigadora, orientada contra os infiéis e os imprudentes”. (SAADI, p. 19, 1989). Os sentidos criam apego, sentimento e identidade aos humanos perante a água, entretanto tal fenômeno pode ou não garantir a devida proteção e cuidado necessários à permanência da vida humana no planeta, já que a água está na Terra antes de nós e continuará depois de nós (ROMANO FILHO, *et al*, 2002). Notadamente, os sentidos para com a água são importantes para que compreendamos a relação simbiótica presente entre os elementos da Terra, e por isso precisamos garantir que o planeta continue nos prestigiando com a água. A água está presente em 70% do corpo humano e de 50 a 90% de quase todas as frutas, vegetais e outros alimentos consumidos por nós todos os dias (ROMANO FILHO, *et al*, 2002), devemos beber em média dois litros e meio de água por dia, a água está em todos os líquidos do corpo, é essencial para o transporte de nutrientes, eliminação de toxinas, lubrifica o corpo etc, e essa relação é muito mais profunda e íntima do que se possa imaginar (SANZ, 2007). “A presença ou ausência de água escreve a história, cria culturas e hábitos, determina a ocupação de territórios, vence batalhas, extingue e dá vida às espécies, determina o futuro de gerações. Nosso planeta não teria se transformado em ambiente apropriado para a vida sem a água. Desde a sua origem, os elementos hidrogênio e oxigênio se combinaram para dar origem ao elemento-chave da existência da vida”. (BACCI; PATACA, p. 211, 2008). O desenvolvimento econômico e a complexidade da organização das sociedades humanas produziram inúmeras alterações no ciclo hidrológico e na qualidade da água, a qual é afetada até mesmo pelas atividades de cunho religioso (TUNDISI; MATSUMURA-TUNDISI, 2011). Após a industrialização mundial, água deixou de ser percebida como um bem natural para ser considerada como um recurso hídrico, e seu uso aumentou exponencialmente causando desequilíbrios entre a quantidade disponível e a necessidade. Com o aumento da população mundial ocorreu um aumento no uso e a intensidade da escassez aumentou em determinadas áreas do planeta causando uma grave crise socioambiental a ponto da presença dos humanos na Terra ficar ameaçada. Mesmo dependendo da água para sobrevivência e para o desenvolvimento econômico, os humanos poluem e degradam tanto as águas superficiais quanto as subterrâneas. Os usos diversos, o lançamento de efluentes sólidos e líquidos em rios, lagos e represas, destruição das matas ciliares têm gerado incessante e ordenada degeneração e extravio elevados da quantidade e qualidade da água. (TUNDISI; MATSUMURA-TUNDISI, 2011). A trajetória da água no planeta é multifacetada e se relaciona diretamente com o crescimento populacional associado principalmente ao grau de urbanização e aos usos. Afeta também a saúde, gera conflitos e tensões afetando a convivência harmônica entre os homens e entre os homens e a natureza. Nesse sentido devemos encarar o problema que envolve a água levando em conta nossas necessidades e pelo que está descrito na Declaração Universal dos Direitos a Água, no qual “Art. 1º - A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão é plenamente responsável aos olhos de todos. Art. 2º - A água é a seiva do nosso planeta. Ela é a condição essencial de vida de todo ser vegetal, animal ou humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura.

**Palavras-Chave:** Água; Patrimônio; Símbolo.

## REFERÊNCIAS

BACCI, D. de la C. PATACA, E. M. Educação para água. **Estudos Avançados**. 22 (63), São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n63/v22n63a14.pdf>> Acesso em: 20 set. 2016.

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, 5(1-2): 53-65, 1993 (editado em novembro de 1994).

PEDRAZA, Lorenzo García. Hablemos del tiempo. **AME boletín**. Julho de 2009. N.º 25. Disponível em: < <http://pkp.ame-web.org/index.php/TyC/article/viewFile/423/419>> Acesso em: 20 set. 2016.

SAADI, Allaoua. Os rios: da constituição física à construção da sociedade. IN: **Revista Espaço Aberto**. AGB-Seção Fortaleza, 1995.

SANZ, Javier Sancho. Agua es vida. **Rev. Real Academia de Ciencias**. Zaragoza. 62: 65-74, 2007.

ROMANO FILHO, D. SARTINI, P. FERREIRA, M. M. **Gente cuidando das águas**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

TUNDISI, J. G. MATSUMURA-TUNDISI, T. **Recursos hídricos no século XXI**. – São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

## **UMA LEITURA DE DENIS COSGROVE APLICADA A PAISAGEM DOS PARQUES EÓLICOS NO BRASIL**

**Vanessa Santos Costa**

Doutoranda PPGeo/UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura  
vanygui@yahoo.com.br

**Maria Augusta Mundim Vargas**

Universidade Federal de Sergipe  
Programa de Pós-graduação em Geografia / UFS  
Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura  
guta98@hotmail.com.br

Eixo temático: 02: Patrimônio: dimensões materiais, simbólicas e políticas.  
Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins.

A energia elétrica é um dos insumos mais relevantes para o desenvolvimento econômico e social, contudo, um terço da população mundial não possui acesso à eletricidade. Na busca em atender essa carência e ao rápido crescimento do consumo mundial, as fontes energéticas renováveis apresentaram-se como a solução para esses problemas. A consciência pela preservação ambiental chamou atenção à necessidade da geração de energia alternativa que suprisse a demanda sem agregar poluição. No contexto da política energética brasileira, destaca-se a energia eólica, e a Região Nordeste representa um cenário de destaque devido às boas condições de vento que chega a ter velocidade média de 8 m/s (Amarante, 2001). Além, interesse declarado pelas concessionárias de energia elétrica, motivado principalmente pela necessidade de expansão da geração de energia; diversidade das características dos projetos quanto à localização, aspectos topográficos e características da rede; possibilidade de garantias de financiamento e desenvolvimento da indústria nacional de sistemas eólicos; estabelecimento de uma legislação favorável à disseminação da tecnologia eólica para geração de eletricidade em grande escala (ADALBÓ, 2002). Nela foram instaladas as primeiras centrais geradoras eólicas do país, com o intuito de aumentar a geração de energia, diversificar a matriz energética e contribuir para a preservação do meio ambiente. A proposta desse estudo é enfocar como um parque eólico pode ser visto de maneira simbólica. Para tanto buscamos através da leitura de Cosgrove (1998) fazer essa análise, uma vez que a chegada de parques eólicos ocasionam transformações na paisagem das localidades advindas pela instalação dos aerogeradores, bem como mudanças no cotidiano da população de entorno. Objetiva-se demonstrar a conexão entre a instalação de um parque eólico, a alteração visual do ambiente e da paisagem para garantia de direitos da comunidade local e de outros que se identificam com o espaço utilizado. Tomamos como caminho metodológico a pesquisa qualitativa que se dá por meio de pesquisa bibliográfica das normativas e das convenções internacionais para responder ao problema contido na necessidade de produção de uma energia de menor impacto ambiental, econômico e socialmente favorável como a energia eólica e a

paisagem, quando sua principal externalidade é a visual. Entendemos que a paisagem não é apenas o produto, mas um agente ativo que desempenha importante papel na reprodução da cultura. Ela, não é apenas uma forma material resultante da ação humana transformando a natureza, mas também é simbólica e traz consigo valores. Além de sua origem, estrutura e organização, devem ser levados em consideração os aspectos simbólicos. De acordo com Cosgrove (1998), a paisagem é um conceito precioso para a ciência geográfica, pois ela traz consigo a representação de diversos significados. Este autor considera a paisagem como “um texto cultural” que pode ser lido através de diversas leituras, que pode se aplicar a algumas habilidades interpretativas, tais como: o estudo de um romance, um poema, um quadro, uma música, de abordá-la como uma expressão humana intencional repleta de diversos significados. Para Cosgrove (1998), as paisagens tomadas como verdadeiras do no nosso dia-a-dia estão cheias de significados e a geografia se interessa em decodificá-las. E qualquer pessoa pode realizar essa tarefa, basta apenas se apropriar delas, porque a geografia está em toda parte, reproduzida por cada um de nós e o significado dessas paisagens dizem muito sobre nós mesmos. Assim, a paisagem deve ser considerada através do “modo de ver” daquele que a contempla, associado às transformações econômicas, sociais, políticas, técnicas e artísticas. A ideia de paisagem que registramos se vincula à ação prática em um período de transformações na sociedade, envolvendo a apropriação e o controle do espaço, sendo representada nas mediações, representações cartográficas, na pintura, nas artes. Corrêa e Rosendhal (2007) corroboram com Cosgrove possibilidade de estudar a paisagem por intermédio de textos diversos, como as letras de músicas, poesias, filmes, pinturas e outras representações. Para tanto, é necessário trabalhar a paisagem num cenário no qual cada pessoa se reconheça e se localize como ser no tempo e no espaço, sendo, inclusive, o lugar em que o indivíduo constrói seus caminhos, produzindo as modificações para se adequar vida em seu tempo, sem se distanciar de seus referenciais. Neste sentido, aparece a produção de energia, capaz de gerar mais segurança e conforto, mas que demanda alterações significativas do espaço. Percebe-se, dessa maneira, a importância e o significado das mudanças na paisagem impostas pelas estruturas de um parque eólico, e observa-se que a presença de torres traz alterações (positivas e negativas) não apenas nas paisagens, mas, sobretudo no modo de vida das pessoas. Como vimos, a implantação de parques eólicos causa transformações na paisagem. Assim busca-se através da nossa pesquisa desvelá-las para compreender a magnitude da instalação desses empreendimentos nas localidades na qual estão instalados, para a região nordeste e para o Brasil.

**Palavras-Chave:** Paisagem; Energia Eólica; Símbolo.

## REFERÊNCIAS

- ADALBO, Ricardo. **Energia Eólica**. São Paulo: Artliber, 2002.
- AMARANTE, O.A.C; ZACK. J; BROWER. M; SÁ.A.L. **Atlas do Potencial Eólico Brasileiro**. Brasília, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSGROVE, Denis E. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDERJ, 1998.



### **2.4.3 Eixo: Práticas festivas tradicionais e contemporâneas**

---

**Esse rio é minha rua: as memórias do “carnavalo” que emergem nas lembranças dos moradores do povoado Cabeço, município de Brejo Grande**

Darly Anderson Calumby dos Santos

**Taieiras no Tocantins: reelaboração do sagrado e do profano**

Verônica Dantas Meneses

**Festa de Nossa Senhora dos Remédios: decifrando quais os produtos comercializados na festa**

Júnior Castro Costa

Jorgeanny de Fátima R. Moreira

**Um olhar sobre os festejos de Nossa Senhora dos Remédios e o seu papel de lazer e comércio em Arraias-TO**

Maíza Dias Xavier

Jorgeanny de Fátima R. Moreira

**O reisado de Laranjeiras: presente no cenário cultural sergipano**

Josiane Alves Barreto Novais

Gilberto Correia Júnio

José Jairo Santos Lima

**Performances folkcomunicacionais nos ensaios de rua da Quadrilha Junina Tradição em Recife/PE**

Giselle Gomes da Silva Prazeres

Ítalo Rômany de Carvalho Andrade

Severino Alves de Lucena Filho

**Do rural para o mundo: uma periodização do forró**

Monaquelly Carmo de Jesus

**A ressignificação da cavalgada do povoado Tapera - Itaporanga D'Ajuda /SE**

Daniele Luciano Santos

Maria Augusta Mundim Vargas

**“Tambor é oco do pau, curtiço da uruço”: ancestralidade, cultura popular e memórias no Samba de Aboio (SE)**

Alexandra Gouvêa Dumas

Luan Vinícius Carvalho de Almeida

## **ESSE RIO É MINHA RUA: AS MEMÓRIAS DO “CARNAVALO” QUE EMERGEM NAS LEMBRAÇAS DOS MORADORES DO POVOADO CABEÇO, MUNICÍPIO DE BREJO GRANDE**

**Darly Anderson Calumby dos Santos**

Universidade Federal de Sergipe

darlycalumby@gmail.com

Eixo temático: 03. Práticas festivas tradicionais e contemporâneas  
Tipo da produção: A. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação,  
Extensão e afins

O “carnavalo” foi uma manifestação cultural que aconteceu todos os anos no povoado Cabeço, município de Brejo Grande/SE. Uma espécie de carnaval construído a partir do que o ambiente proporcionava aos indivíduos que residiam naquela comunidade. O enredo, distante do que era visto nas cidades grandes, ditas civilizadas, eram carregadas de energias sociais. A invenção do saber fazer tradicional proporcionava aos moradores um jeito peculiar de brincar; o cavalo, a carroça e as baterias faziam o cortejo carnavalesco, arrastando, além dos aproximados 400 moradores, os visitantes de todo o Brasil que freqüentava o local em busca do conhecimento e do modelo de vida simples. No ano 2000 a comunidade de pescadores sofre um episódio trágico por conta da construção da hidrelétrica de Xingó, localizada entre os estados de Sergipe e Alagoas, situando-se a 12 quilômetros do município de Piranhas e a 6 quilômetros do município de Canindé, trazendo efeitos no avanço do mar sobre o rio São Francisco que conseqüentemente adentra a comunidade do Cabeço destruindo aspectos materiais, físicos e simbólicos. A ideia do progresso eleva termos de destruição, morte e desterritorialização, porém, a ordem dos que tem poder econômico acaba por negligenciar a existência dos que não tem. O rio São Francisco é pensado como lugar de sociabilidade que constrói memórias diaspóricas, fazendo do lugar um não lugar e do rio a rua daqueles que tanto necessitam dele para a subsistência. A lembrança do passado faz com que a configuração do pensamento estabeleça mecanismos que proporcione a pensar os vários patrimônios culturais, de acordo com a afirmativa estabelecida por José Reginaldo Santos Gonçalves (2009). A festa tradicional do povo ribeirinho, do povoado Cabeço, se permite lembrar como única manifestação que celebra a alegria de viver no antigo local, hoje, cadastrado como primeiro sítio arqueológico subaquático do estado de Sergipe (2013), estabelecendo ao produto final como o povoado que vive submerso ao rio e negligenciam as lembranças e os discursos dos traumas que lhes foram causados durante toda a história, permitindo pensar, categorias de análises que estão cravadas como ancoras jogadas ao mar do esquecimento, mas que, ousam em gritar em sons firmes que as histórias e memórias do povoado Cabeço parte da manifestação daqueles que lembram, surgindo assim, a afirmativa de que rio e rua são palcos dos mesmos sentidos, sendo que, estes celebram as mesmas vivências e rituais fruto de uma determinada cultura, de um determinado lugar e de um determinado povo. Desse modo, o objetivo desse trabalho faz uso da abordagem Etnográfica, da pesquisa bibliográfica e da História Oral para buscar subsídios que constituem histórias silenciadas, dos perdedores da nação, que tiveram as lembranças arraigadas pelo trauma

da desterritorialização. A história existe a partir da lembrança, são essas, que permitem analisar como os indivíduos do antigo povoado pensam sobre suas ações festivas. Por conseguinte, é considerável perceber que as dimensões do pensamento social produzido em torno do povoado é poder crucial que dissemina através dos discursos, da oralidade e das vivências, testemunhos vivos, das memórias traumáticas, que tem a capacidade motora para que os indivíduos possam contar através das narrativas, aquilo que lhes é permitido lembrar e esquecer, como um direito humanitário. Quase nada se vê a respeito de comunidades ribeirinhas, que vivem diretamente da pesca artesã, é como se eles fossem excluídos do processo da noção de patrimônio, por isso, é importante trazer a história para que se possa pensar nas várias ruas e manifestações que existem nas lembranças dos indivíduos, através das festas tradicionais ancoradas nas lembranças do passado que permite constituir um novo presente. A história oral permitiu analisar a exclusão, marginalização e as lacunas existentes, permitindo romper com o discurso oficial, sendo, portanto, objetivo central, desvendar histórias e memórias que foram ocultadas e massacradas pelo poder, compreendendo que estes são os verdadeiros guardiões da sua verdadeira história.

**Palavras-chave:** Carnaval; Povoado Cabeço; Festas tradicionais.

## REFERÊNCIAS

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. **Povos do mar – herança sociocultural e perspectivas no Brasil**. Ciênc. Cult. SP; 62(3): 45-48, 2010.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luzia Carvalho da. **Etnografia: saberes e práticas**. Revista Iluminuras. V.9, n.21, 2008.

GONÇALVES, J. R. S. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Ministro da cultura IPHAN, 1996. 156 p; 15 x 20,5 cm.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Org). **Memória e Patrimônio. Ensaio Contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

RAMBELLI, Gilson. **Arqueologia até embaixo d'água**. São Paulo: Marante, 2002.

RIOS, Kênia, R. **HISTÓRIA ORAL que história é essa?** Cadernos do CEON – Ano 14 – nº 12 – Unoesc-Chapecó- junho/2000.

JÚNIOR, Ademir, R. RAMBELLI, Gilson. SANTOS, Luis, Felipe, D. Antigo povoado cabeço: **O primeiro Sítio Arqueológico Subaquático Cadastrado em Sergipe**. Disponível em: [https://issuu.com/canoadocs/docs/antigo\\_povoado\\_cabe\\_o\\_o\\_primeiro\\_s\\_tio\\_a\\_rqueol\\_gic](https://issuu.com/canoadocs/docs/antigo_povoado_cabe_o_o_primeiro_s_tio_a_rqueol_gic) Acessado em: 30 de outubro de 2017.

## **TAIEIRAS NO TOCANTINS: REELABORAÇÃO DO SAGRADO E DO PROFANO**

**Verônica Dantas Meneses**

Universidade Federal do Tocantins

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Imagem e Diversidade  
Cultural (CID)

veronica@uft.edu.br

Eixo Temático: 03. Práticas festivas tradicionais e contemporâneas

Tipo de produção: A. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação, Extensão e afins

O artigo estuda as Taieiras que se apresentam durante a Caçada da Rainha, ritual presente na festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada há mais de 200 anos no município de Monte do Carmo, Tocantins. Tem o objetivo de ampliar o conhecimento sobre os processos de comunicação articulados à memória e às identidades culturais regionais, presentes no folclore e outras manifestações da cultura popular no Tocantins. Buscou-se ainda compreender as configurações relativas a participação das Taieiras nos festejos, especificamente na Festa de Nossa Senhora do Rosário. A pesquisa segue o suporte teórico-metodológico da Folkcomunicação, que entende estas formas de expressão popular como mídias que transmitem, histórias, expressões e valores. Estas manifestações, como parte da cultura, mudam, agregam novos significados, pois "sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias, aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo" (BARRETO, 2005, p.85). Desenvolveu-se entrevistas e observação não-participante bem como a produção de vídeo etnográfico. A festa integra uma tríade realizada conjuntamente no mês de julho, conhecidos como Festejos de Monte Carmo. Compõem ainda a festa a Folia do divino Espírito Santo e a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo. Juntas, são uma das maiores manifestações daquela região e do Tocantins, marcadas por aspectos fortes da cultura popular, sincretismo religioso, demonstração de fé e espiritualidade junto com as manifestações de cunho popular e pagão que demonstram todo hibridismo de seus elementos históricos e tradições transmitidas entre as gerações (MARÇAL; CARACRISTI; MENESES, 2011). Rainha, rei, imperador, imperatriz, Taieiras, caretas, tamborzeiros e congos são as principais personagens. É na festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário que as Taieiras se apresentam. As Taieiras de Monte do Carmo, compostas por 12 mulheres vestidas com saias rodadas e coloridas, pulseiras, colares no pescoço e turbantes - vestimentas que lembram a tradição e herança negra, saem pelas ruas acompanhadas pelos congos bailando e entoando hinos durante o cortejo da rainha. Na festa, é realizada a caçada da rainha, que ritualiza a procura de uma imagem que desaparecia do altar e só permaneceu após um cortejo com danças e músicas. "O mistério do desaparecimento da imagem, que ocorreu pela segunda vez, levou um grupo de homens e mulheres a se organizarem e travarem uma verdadeira caçada à referida imagem [...] seguindo em cortejo, rumo a caçada da rainha [...] com os tambores, cantaram e dançaram intensamente e assim reencontraram a santa e em ritual levaram-na de volta a cidade" (MESSIAS, 2010, p.10). Em Monte do

Carmo, as Taieiras são, em sua maioria, idosas e negras, que se unem, todos os anos, seguindo a Rainha de Nossa Senhora do Rosário em seu cortejo. Durante o percurso são acompanhadas por 12 congos, que tocam instrumentos de percussão, feitos por eles próprios, e cantam cantigas regionais, enquanto elas dançam sussia - dança folclórica de origem escravagista, executada comumente na folia do Divino Espírito Santo em muitas cidades do Tocantins. Essas características são um reflexo da cultura afrodescendente, que deu origem a essa manifestação. Além disso, é possível perceber que as Taieiras de Monte do Carmo traduzem a forte identidade religiosa da cidade ao passo que inserem elementos mais populares, como uma dança que desenvolvem com uma garrafa na cabeça. "Dançamos com muita alegria!", explica uma taieira. A dinâmica inerente à própria cultura e os cambiamenti gerados no interior das culturas populares tem alterado as evoluções de muitos grupos folclóricos de cunho religioso, como as Taieiras, que tem apresentado, devido a "atuação em festas populares e seu repertório musical", características profanas (RIBEIRO, 2003, p. 4). O ritual de apresentação das Taieiras tem sido reelaborado durante os anos, em parte devido à força dos festejos e dos elementos de diversão e brincadeira, ainda que permaneça a devoção à padroeira local e aos demais santos, como Nossa Senhora do Rosário. De qualquer forma, para muitos as Taieiras ainda são vistas como uma simples diversão em homenagem ao Rei da Festa do Divino, e não à rainha, ou mesmo se dissociando de Nossa Senhora do Rosário; as festas reunidas acabam dando certo destaque aos foliões que integram a Festa do Divino, também realizada no mesmo período.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Taieiras; Ressignificação; Monte do Carmo.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore:** invenção e comunicação. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci Editora, 2005.

MARÇAL, D. C. ; CARACRISTI, M. F. A. ; MENESES, V. D.. *A Folkcomunicação nos festejos de Monte do Carmo/TO*. Anais... XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 2011, Juiz de Fora/MG, 2011.

MESSIAS, Noeci C. *Negros e Brancos em Monte do Carmo(TO): Manifestações culturais e Religiosidade*. Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/36\\_NoeciMessias\\_NegrosEBrancosEmMonteDoCarmo.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/36_NoeciMessias_NegrosEBrancosEmMonteDoCarmo.pdf). Acesso em: nov/2017.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe:** uma tradição revista. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Música - Mestrado em Música –Etnomusicologia). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

## **FESTA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS: DECIFRANDO QUAIS OS PRODUTOS COMERCIALIZADOS NA FESTA**

**Júnior Castro Costa**

Discente do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental  
Universidade Federal do Tocantins  
juniorcastro@uft.edu.br

**Jorgeanny de Fátima R. Moreira**

Docente do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental  
Universidade Federal do Tocantins  
jorgeanny.moreira@uft.edu.br

Eixo temático: 03. Práticas Festivas Tradicionais e Contemporâneas  
Tipo da produção: A. Trabalho/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação, Extensão  
e afins

Este trabalho irá discutir sobre a importância da cultura popular como instrumento de desenvolvimento local, considerando essas manifestações e expressões populares como um fator de identidade cultural. Quando conhecemos a nossa cultura e nos empoderamos dos elementos que a compõe reforçamos a ideia de valorização bem como o próprio incentivo ao desenvolvimento regional. Sabemos que essas práticas exercidas no dia-a-dia da comunidade vêm consolidar e valorizar ainda mais a cultura de maneira geral. Com isso algumas manifestações que perpassam de geração em geração, marcando a vida de várias pessoas principalmente quando diz respeito a fé e a religiosidade, pois são aspectos que conseguem revigorar a autoestima das pessoas. Desta forma, iremos no decorrer deste trabalho discutir sobre a Festa de Nossa Senhora dos Remédios que acontece na cidade de Arraias Tocantins no mês de Setembro, fazendo uma observação principalmente para os produtos que são comercializados no decorrer do evento. Sendo que a metodologia utilizada consistiu em uma pesquisa quantitativa, na qual Mattar (2001), a descreve como uma tentativa de validar hipóteses mediante a utilização de dados, estatísticos. Além disso, ela avalia os dados e desenvolve os resultados da amostra para os interessados, que no nosso caso será exposto para a comunidade arraiana. A cidade de Arraias Tocantins fica localizada na região norte do Brasil e sudeste do estado, com uma população em média de 10 mil habitantes segundo o último censo do IBGE (2010). A sua origem está relacionada ao processo de mineração aurífera, na qual ficou caracterizado como um dos mais ricos polos de extração do século XVIII na redondeza. Até os dias de hoje ainda se escuta boatos que a riqueza desta localidade era tão grande que o presidente da capitania paulista na época, Dom Luís de Mascarenhas veio pessoalmente tomar posse do arraial da Chapada dos Negros, local da mineração. Ainda hoje é possível identificar os vestígios desta exploração através dos costumes que se mantem até os dias atuais, como é o caso da festa em honra a Nossa Senhora dos Remédios, na qual acredita-se que esta santa veio juntamente com os escravos que vinham trabalhar no garimpo e servia como uma intercessora e protetora dos trabalhadores que viviam flagelados em virtude da carga de serviço maçante e a própria vivência em situação precária. A própria

arquitetura existente na parte central da cidade e os costumes que aqui ficaram e permanecem no dia-a-dia do povo arraiano. Além disso, a própria predominância das comunidades quilombolas no entorno da cidade, que nos remete a lembrar sobre esse passado um pouco negativo que levou a construção da cidade de Arraias. Considerada por muitos como a segunda maior festa religiosa do estado, ficando atrás somente da festa em honra ao Senhor do Bonfim que acontece em Natividade, a romaria a Nossa Senhora dos Remédios é uma festa que vem acontecendo há muitos anos na cidade de Arraias. Acredita-se que esta festa já acontece a mais de cem anos. A festa movimenta toda a cidade, atraindo milhares de romeiros de toda parte do estado e do país. Outro fato bastante que ocorre durante festa é a tradicional e frequente presença de comerciantes conhecidos por todos os moradores como “mascates”, que vem no período da romaria pra comercializarem seus produtos, aproveitando o público devoto que participa todos os anos. A festa já se inicia ao término de outra com a escolha dos mastreiros e festeiros do ano seguinte, isso faz com que estes encarregados tenha o ano pela frente para prepararem toda a programação do evento. O ato religioso em si de fato se inicia 9 dias antes com as novenas em preparação para o grande dia, que no caso é o dia 8. No decorrer da novena acontece bingos, rifas, leilões, bailes, quermesses entre outros elementos que engrandecem ainda mais a festividade. Porém, por ser uma festa que atraí várias pessoas, foram surgindo outros eventos paralelos para aproveitar a presença destas pessoas, como é o caso das tradicionais festas de noitadas que já ocorre a um certo tempo, e esse comércio a céu aberto que acontece nas ruas da cidade no período do festejo. Na tentativa de buscar decifrar quais os produtos comercializados neste mercado que acontece no mesmo período do festejo, foi proposto uma atividade da disciplina de Gestão das cidades e Patrimônio Cultural que é ministrada pela professora Dra. Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira a realização de uma pesquisa quantitativa que respondesse tanto essas quanto outros questionamentos. Por ser uma festa que atrai diversas pessoas de várias parte do país, vários vendedores ambulantes vem comercializar seus produtos na cidade durante a romaria. Eles ficam alojados na rua central e tem que pagar uma taxa a prefeitura pra comprarem os espaços pra montarem seus espaços. Para realização da pesquisa foram entrevistados mais de 50 comerciantes e onde tivemos em contrapartida que a maior parte dos comerciantes vendiam roupas em seus estabelecimentos, tendo um total de 44,0%, algo que comprova uma ideia muito antiga e que predomina a cidade até mesmo em tempos atuais, que diz que as pessoas vem pra festa e já aproveitam para comprar roupas novas pra irem participar da santa missa no dia 8. Além disso, como segundo colocado ficaram as confecções em geral com um total de 12% e em Acessórios e barraca de alimentos com 6% representando os três principais produtos comercializados no festejo conforme gráfico abaixo. Portanto, podemos evidenciar a importância das festividades culturais como importantes elementos revigorador da autoestima de uma população, principalmente quando diz respeito a fé. E por ter sido uma cidade colonizada em seu passado, Arraias dispõe de vários elementos que a configura como uma cidade com características fortes no aspecto religioso deixado pelos escravos e pelos europeus que faziam suas expedições anunciando a palavra de Deus e fazendo o batismo nas raças consideradas impuras na época. Porém, já nas sociedades contemporâneas, que são

marcadas pela fragmentação, por meio do consumo, as festas populares se caracterizam também como espaço de construção de identidades coletivas. E mesmo LARAIA (1986) dizendo que a cultura é dinâmica e que está em constante mudança devido as relações sociais que são produzidas, ajudando a manter a identidade e, ao mesmo tempo, construindo novas identidades em função da interação entre culturas diversas e as próprias necessidades dos seres humanos, esses elementos continuam enriquecendo o imaginário de diversas pessoas. Nesta perspectiva que os comerciantes dos festejos de Nossa Senhora dos Remédios ganham importância, por mais que seja um evento paralelo, ele já se configura como um importante complemento da festa, pois está ali para sanar um problema que a cidade enfrenta que é principalmente a falta de um comércio adequado pro tamanho da população. Ou seja, este fato de haver comerciantes durante o festejo pode ser que algum momento possa tirar o foco da romaria que é o principal evento da cidade, mas ele também acrescenta valores a festividade de certa forma, pois acaba atraindo movimento para a cidade, promovendo o entretenimento na vida dos moradores. E de certa forma esta valorização das manifestações populares englobando traços e características particulares que distinguem cada região, ao mesmo tempo trazendo elementos da globalização da modernidade envolvendo as relações culturais diversas só favorecem ao crescimento e desenvolvimento de cada localidade, por mais que exista aspectos negativos, pois eles sempre existirão.

**Palavras-Chaves:** Festa de Nossa Senhora dos Remédios; Arraiais; Comerciantes; Roupas; Globalização.

## **RERERÊNCIAS**

BUENO, Marielys Siqueira. Festas tradicionais e turismo. **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL**, v. 1, 2003.

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo-ISSN**, p. 700X, 1806.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1986.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. **Encontro de Estudos Multidisciplinares de Cultura, III**, 2007.



## **UM OLHAR SOBRE OS FESTEJOS DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS E O SEU PAPEL DE LAZER E COMÉRCIO EM ARRAIAS-TO**

**Maíza Dias Xavier**

Discente do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental  
Universidade Federal do Tocantins  
maizaxavier@mail.uft.edu.br

**Jorgeanny de Fátima R. Moreira**

Docente do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental  
Universidade Federal do Tocantins  
jorgeanny.moreira@uft.edu.br

Eixo temático: 03. Práticas Festivas Tradicionais e Contemporâneas  
Tipo da produção: A. Trabalhos/projeto do PIBID, PIBIC, graduação, extensão, afins

Festividade religiosa é um fenômeno que vem crescendo como atividade turística no Brasil, segundo dados da MTur (Ministério do Turismo 2015), uma vez que 96 destinos possuem calendário de eventos exclusivos do turismo religioso no país, e 344 municípios possuem atrativos nesse segmento. Ainda de acordo com estudos da MTur, essa atividade movimenta cerca de 17,7 milhões de brasileiros, sendo o setor responsável por gerar R\$ 15 bilhões anualmente e representa mais de 3% de toda a movimentação do turismo nacional, que gira em torno de 492 bilhões. O Tocantins é um dos estados brasileiros que carregam as festividades religiosas enraizadas em sua cultura. Nesse Estado algumas referências são fortes como expressão cultural, a exemplo a festa do Nosso Senhor do Bonfim em Natividade-TO, que acontece tradicionalmente na primeira quinzena de agosto, recebendo cerca de 60 mil fiéis vindos de diversas regiões do país, que caminham grandes distâncias em procissão (PORTAL BRASIL, 2014). Assim como essa festa religiosa de Natividade, outros municípios da região norte se destacam, dentre elas a Romaria de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias -TO. Nesta proposta tem-se por objetivo analisar a importância do festejo Nossa Senhora dos Remédios, Romaria tradicional em Arraias -TO, bem como refletir, se este comércio contribui com o desenvolvimento da economia local, ou apenas trata-se de um acontecimento efêmero que não traz benefícios econômicos para o município, mas cumpre o seu papel de lazer e recreação à comunidade. Esse evento é uma das tradições mais valorizadas no município, sendo que a padroeira de Arraias é uma referência da cultura e da religiosidade local. Localizada no Sudeste do Tocantins na região norte do Brasil, a cidade de Arraias tem origem com o ciclo do ouro, sua fundação ocorreu no ano de 1740. Com extensão territorial de 5.787 km<sup>2</sup> e altitude de 580 metros acima do nível do mar, o município destaca sua riqueza em seus aspectos naturais, culturais e religiosos. Em 2010 sua população atingia 10.645 habitantes (ARRAIAS, 2017). Arraias possui grandes tradições culturais e religiosas como a folia do Divino Espírito Santo, Folia dos Santos Reis, Carnaval com Entrudo, Festa Junina e a Romaria Nossa Senhora dos Remédios. Sendo que esta última atrai comerciantes de diversas regiões do país, tornando-a peculiar já que além dos

rituais religiosos, a festa abriga uma grande feira que ocupa todo o centro da cidade. Os produtos comercializados são variados, desde utensílios domésticos à acessórios de moda. Comemorada no dia 08 de setembro, a missa de Nossa Senhora dos Remédios, santa considerada padroeira do município, é uma tradição que reúne fiéis, romeiros e peregrinos de todo o Estado do Tocantins e a região norte do Estado de Goiás. Para os romeiros e devotos esse é o momento de cumprir promessas, de depositar sua fé e realizar rituais com familiares. Além da missa, outro momento que complementa os festejos da padroeira, é o comércio em todo o centro da cidade, onde vendedores ambulantes montam suas barracas e comercializam uma diversidade de mercadorias. Os fiéis e todos os participantes desse evento aproveitam este momento para comprar roupas, calçados, utensílios domésticos, acessórios de moda, além dos espaços destinados ao lazer e recreação como barraquinhas de tiro ao alvo e alimentação. De acordo com os questionários aplicados durante o evento à comerciantes, fiéis e outros participantes foi possível identificar informações referentes à origem dos produtos que são comercializados durante a festa. Com base na análise dos dados coletados é possível perceber que a cidade de Goiânia-GO apresenta 44% de comercialização de produtos a serem vendidos em Arraias Tocantins, por apresentar um índice superior das demais cidades representadas no gráfico. As explicações mais comuns é a proximidade da capital Goiânia à região sudeste do Tocantins. Outro fator refere-se por Goiânia representar um pólo de confecção no país, onde comerciantes ambulantes adquirem esses produtos para comercialização em eventos que envolvem feiras. De acordo com as informações, podemos afirmar que o comércio durante os festejos de Nossa Senhora dos Remédios causa impressão à comunidade local de que há movimentação na economia nesse período. Todavia, os recursos gerados não ficam no município, uma vez que os comerciantes não são oriundos de Arraias – TO. Mas ainda assim, esse evento é considerado importante pelos entrevistados, já que a cidade não oferece estrutura de comércio que atenda a necessidade da comunidade. Arraias ainda carece de comércios para serem oferecidos durante os festejos, conta com poucos supermercados, alguns bares, três restaurantes, mas há falta de lojas de roupas e acessórios, utensílios domésticos, brinquedos e não apresenta variedade em alimentos e bebidas. Dessa forma, contrariamos os conceitos que caracterizam a festa como momentos ainda não incorporados pelo mercado, como posto por Mariano (2006), mas admitimos que trata-se espaços para fortalecer o convívio social, onde se abandona as atividades ordinárias para dar lugar ao lazer (COX, 1974). É notável que o festejo de Nossa Senhora dos Remédios promove a ideia de desenvolvimento e crescimento da cidade de Arraias-Tocantins para a comunidade local. Mesmo que a cidade não se apropria da renda gerada, exceto os espaços alugados para a locação das barraquinhas. No entanto, observa-se que os Festejos de Nossa Senhora dos Remédios – romarias, procissões, missas e comércio -, são oportunidades para lazer e sociabilidade da comunidade local que carece de espaços e eventos que promova esses efeitos. Tanto moradores, como comerciantes vindos de fora, aguardam durante todo o ano a chegada desse momento. A festa cumpre o seu papel, apesar de desafios e entraves como falta de infraestrutura adequada – banheiros públicos para comerciantes e participantes, diversidade

de serviços -, de ofertar lazer e uma fuga do cotidiano baseado no trabalho baseado na agropecuária, característica da economia arraiana.

**Palavras-chaves:** Evento; Festa Religiosa; Comércio; Turismo.

## REFERÊNCIAS

ARRAIAS. **História da Cidade.** Disponível em <http://www.arraias.to.gov.br/Nossa-Cidade/Historia/>. Acesso em 22 de Nov. 2017.

COX, Harvey. **A festa dos foliões:** um ensaio teológico sobre festividade e fantasia. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1974.

MARIANO, Neusa F. **Divina Tradição Ilumina Moji das Cruzes:** o Espírito Santo faz a festa. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Geografia Humana. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo religioso continua em alta no Brasil.** Disponível em <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/712-turismo-religioso-continua-em-alta-no-brasil.html> >. Acesso em: 22 Nov. 2017.

## **O REISADO DE LARANJEIRAS: PRESENTE NO CENÁRIO CULTURAL SERGIPANO**

**Josiane Alves Barreto Novais**

Graduada em História pela Universidade Tiradentes - UNIT  
josieloah@hotmail.com

**Gilberto Correia Júnio**

Graduado em Gestão de Turismo – IFS  
gilberto\_praia@hotmail.com

**José Jairo Santos Lima**

Graduado em História pela Universidade Tiradentes – UNIT  
jairolima66@hotmail.com

Eixo temático: 03.práticas festivas tradicionais e contemporâneas  
Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de pós-graduação e afins.

O reisado veio para o Brasil através dos portugueses que no século XVI, com o intuito de explorar as terras brasileiras e catequizar os indígenas, bem como os africanos inseridos no Brasil através do tráfico de escravos, nesta mistura de povos, houve uma troca informativa permitindo o intercâmbio cultural, que deu origem as danças presente no Brasil, entre elas o Reisado que com outra dinâmica esta presente no cenário cultural sergipano, salientaremos também as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, e como afetas a cultura popular . Partindo do pressuposto que na atualidade o acesso á comunicação e os atrativos tecnológicos e a cultura de massa tornou-se atrativo passageiro para a geração atual, pressupõe uma ameaça de extinção aos grupos de folguedos, o seja percebeu-se a diminuição de pessoas nos grupos sua grande maioria jovem. Portanto nosso objeto de estudo é o reisado de Laranjeiras, intitulado, “O Reisado de Laranjeiras: presente no cenário cultural sergipano, tem como objetivo analisar, e fazer uma reflexão em torno da importância desse grupo para a cultura sergipana, salientar também contribuição dos africanos nesse processo de transmissão cultural, nesse sentido a historia da formação do povo brasileiro pode ser entendida pelo viés da arte, ou seja preservada e valorizada, que pode ser apresentada no ambiente escolar não somente de maneira simbólica e sim na prática com cantos danças e toda dinâmica que envolve a brincadeira de reis . Metodologia da pesquisa foi um trabalho de campo realizado nos dias 09 e 13 de agosto 2015 em torno das manifestações presente na cidade, no encontro cultural realizado anualmente, um trabalho investigativo e exploratório percebemos nitidamente a diminuição de jovens nos grupos, e o esforço de pessoas da terceira idade que tentam transmitir a tradição de dançar reis. Nosso referencial teórico, para o desenvolvimento desse artigo foi cadernos de graduação (2015) feito por docente da universidade Tiradentes, entre pétalas e espinhos, o reisado do bom fim de Itabaiana, que conta a história de dona Maria mulher que representa todas as mulheres que dançam o reisado e que lutam para prosseguir praticando a brincadeira enfrentando as dificuldades na atualidade evitando a extinção do seu grupo, e destacado também a cultura de massa que se tornou atrativo para uma sociedade atual que visa o consumo e o descarte,

não valorizando a cultura de tradição, usamos também MELO (2012) vozes que cantam, vozes que dançam práticas cotidianas e tradição cultural de Laranjeiras que destaca as origens dos centros históricos e suas transformações ao longo do tempo, as transformações na cidade que influenciam nas relações sociais. VI colóquio internacional de educação realizado em São Cristóvão (2012) revisando as danças populares nas escolas a partir de uma linguagem cênica, as escolas de Laranjeiras como palco, e como proposta desse encontro inclui as danças buscando refletir sobre o tratado pedagógico, proposta pertinente de grande significado para cultura e que dialoga com nosso trabalho. E para entender a origem das danças e cantos THIORÃO (2008) que nos remete ao Brasil colônia o autor reúne os primeiros registros das manifestações musicais no Brasil recorrendo às mais diversas formas de pesquisa, como cartas de missionários jesuítas, pinturas, poemas e relatos de viajantes, entre outros documentos. Fontes sobre o encontro cultural de Laranjeiras Múltiplas e dispersas feitas por DANTAS (2015) que muito contribui para valorização da cultura da cidade para Dantas Laranjeiras é o berço cultural de Sergipe e tem grande importância para o estado, e seu livro devoto dançante e Taieira nos ajuda a entender as manifestações presentes na cidade. LARAIA (2008) conceitua cultura e todas as suas formas e como essa cultura é passada de pai para filho, e para finalizar FREIRE (1996) pedagogia da autonomia, o autor conhecido mundialmente por implantar o método da aprendizagem significativa, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho, sua proposta coloca o aluno como sujeito da história atribuindo às suas ações significados, em que é sujeito do processo de aprendizagem. Por fim sabemos da importância dos folguedos presentes no estado, em especial Laranjeira que concentra boa parte desses grupos, que segue uma tradição dos seus antepassados, nesse sentido divulgar nas escolas nos festivais, encontros, é de fundamental importância porque, preserva e valoriza a história, bem como as tradições de um povo, nossa proposta de divulgar nas escolas de forma aprofundada, é algo a ser conquistado ao pouco, requer o apoio da equipe pedagógica e órgãos competentes, que incentive a divulgação e a participação de jovens que estão cada dia plugados na internet. Portanto diante desse cenário de mudanças, e rápidas informações propomos práticas pedagógicas que incluía a história afro-brasileira não somente pela escravização, e sim pelo viés da arte de dançar reis, colocando em prática a lei 10.639/2003, que a história do povo brasileiro seja contada de forma que valorize a contribuição dos negros nas danças e cantos presentes no cenário cultural do Brasil em especial Laranjeiras.

**Palavras-chave:** Reisado; Cultura; História; Prática.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Beatriz Góis Dantas. **Fontes sobre o encontro cultural de Laranjeiras: Múltiplas e Dispersas.** Acesso em 10/11/2015

CADERNO DE GRADUAÇÃO Universidade Tiradentes UNIT( 2015) **Entre Péta e Espinhos Dona Rosa e o Reisado do Bom Fim.**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. – Coleção Leitura

MELO Janaina Cardoso (2012) **Vozes que cantam, vozes dançam práticas cotidianas e tradição cultural de Laranjeiras.**

NASCIMENTO, Bráulio do. **Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos.** (Org.) Aracaju: Secretaria Especial da Cultura. 1995. p.11.

RAMOS, José Tinhorão **editora 34, 2008.**

## **PERFORMANCES FOLKCOMUNICACIONAIS NOS ENSAIOS DE RUA DA QUADRILHA JUNINA TRADIÇÃO EM RECIFE/PE**

**Giselle Gomes da Silva Prazeres**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE  
giselle.zeli@gmail.com

**Ítalo Rômany de Carvalho Andrade**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE  
italoromany@outlook.com

**Severino Alves de Lucena Filho**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE  
recifrevo@uol.com.br

Eixo temático: 03. Práticas festivas tradicionais e contemporâneas  
Tipo de produção: C. Trabalho acadêmico de pós-graduação e afins

Anarriê, Alavantu! Durante o mês de junho, o povo nordestino comemora os festejos populares dedicados aos santos juninos, ao som de muito xote e baião. As quadrilhas juninas constituem tal ambiente, mais que uma dança típica da festa, onde diversos casais gritam, se entrelaçam entre fitas e mãos, a exemplo da Junina Tradição, do Morro da Conceição, periferia do Recife, Pernambuco. Entretanto, os quadrilheiros desse grupo utilizam esse movimento cultural como um espaço de lutas, de resistência e de quebra de preconceitos (mobilizando toda a comunidade). Dentro desse contexto, o trabalho analisa as performances folkcomunicacionais na Quadrilha Junina Tradição, no tocante ao processo do desenvolvimento local, na perspectiva do empoderamento e do protagonismo social. O local da pesquisa é o Morro da Conceição, um espaço solidário, heterogêneo e territorializado por diversos segmentos culturais, religiosos e sociais. As ressocializações estabelecidas na comunidade trazem consigo também a troca e a partilha de bens materiais e imateriais entre os sujeitos. As escadarias estreitas do Morro levam os visitantes e moradores até o ponto extremo, onde fica o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, santa que deu origem ao nome do bairro. Os fios dos postes entrelaçados nas vielas refletem, de alguma maneira, as relações com a comunidade, onde o cenário é propício à exclusão social. No entanto, há ações de mobilização, como também de participação social, sobretudo a partir dos ensaios de rua e os processos criativos sob a ótica do social, no debate em torno da igualdade de gênero, valorização dos saberes e do endógeno, percepção da identidade cultural. Especificamente, o estudo identifica essas relações a partir do cotidiano dos quadrilheiros com os moradores do Morro da Conceição. É válido ressaltar, assim, como pontua Tauk Santos (2009), que os contextos populares devem ser compreendidos como cenários, onde predominam populações que vivem em condições de desigualdades do ponto de vista social, político e econômico. A principal característica desses grupos é a contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta, desigual e desnivelada (TAUK SANTOS, 2009). Segundo Hobsbawm (1995), esses grupos são unidos pela coletividade: é o domínio do “nós” sobre o “eu”, o que dá para a Quadrilha Junina Tradição uma força

original que é justificada pela convicção dos quadrilheiros que entendem que só podem melhorar e ganhar os campeonatos pela ação coletiva, daí a importância dos ensaios de rua e da participação dos moradores na construção das coreografias, a título de exemplo. O processo de participação popular, de ocupação de espaços, de cidadania são, dentro dessa conjuntura, valores endógenos na constituição da identidade e dos anseios entre os moradores do Morro. A Folkcomunicação, assim, vem a permear os estudos sob os aspectos sociais do popular, focalizando, principalmente, na comunicação marginalizada, nas performances culturais que são inerentes ao processo de construção do desenvolvimento local, na esfera do protagonismo enquanto ser participante das ações, segundo a visão de Beltrão (1980). Performances folkcomunicacionais, a partir desses esboços, ampliam as margens da teoria no século XXI, principalmente em tempos de discussões e debates acerca de gênero, cor, classe social, que surgem nas redes sociais e no cotidiano dos grupos marginalizados. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo de caso, onde foram usadas técnicas combinadas de coleta de dados, observação direta, análise documental e roteiro de entrevista semiestruturado com moradores do Morro da Conceição que assistem aos ensaios dessa manifestação cultural na rua. O período foi de abril a junho de 2017, pois antecede o ciclo junino. Para o aporte teórico, buscou-se Lucena Filho (2012), Tauk Santos (2009) e Jesus (2003). Nos resultados, constata-se que os moradores têm forte influência nos critérios avaliativos, mesmo informais, assim como apresentam uma relação diferenciada na Quadrilha Junina Tradição. Deve-se ressaltar ainda dois pontos importantes: a relação de parceria entre os moradores com os quadrilheiros, fortalecendo os espetáculos, motivando a parceria existente. A partir das considerações dos ensaios de rua, acontece os ajustes necessários para as performances folkcomunicacionais na quadrilha, avaliando os processos formativos e as especificidades de cada manifestação cultural.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Cultura popular; Performances; Quadrilha Junina.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX - 1914- 1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

JESUS. Desenvolvimento local. In: CATTANI, D. **A Outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **Festa Junina em Portugal: marcas culturais no contexto de folkmarketing**. João Pessoa: UFPB, 2012.

TAUK SANTOS, Maria Salett. **Inclusão digital, inclusão social?** Recife: UFRPE, 2009.



## DO RURAL PARA O MUNDO: UMA PERIODIZAÇÃO DO FORRÓ

**Monaquelly Carmo de Jesus**

Mestrado Profissional em Ensino de História (UFS)

monaquelly@hotmail.com

Eixo temático: 03. Práticas festivas tradicionais e contemporâneas

Tipo de produção: C. Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

No Nordeste, no início do século XX, forró ou forrobodó era o nome dado aos eventos onde havia dança e música, geralmente tocada por um sanfoneiro numa sanfona pé-de-bode de oito baixos executando diversos ritmos locais, como o xaxado, xote, toada, e baião (ALBIN, 2006). O uso da palavra forró como espaço aparece em diversas músicas do período inicial, começando, na obra de Luiz Gonzaga, em 1949, nas duas músicas de um 78 RPM: “Forró de Mano Vito” e “Dezessete Léguas e Meia” (MATOS, 2007). O uso da palavra forró para designar um ritmo só veio a ocorrer várias décadas depois, sendo encontrada nas letras de cantores da década de 1970, como “O bom do Amor”, composta por Agnaldo Alves e Ilmar Cavalcante e interpretada por Flávio José; e Forró do Xenhenhém, composta por Cecéu e interpretada por Elba Ramalho. Assim, a palavra forró pode significar um evento, um espaço em si, um gênero musical e até mesmo uma situação. No entanto, neste trabalho, utilizo o significado musical da palavra. O brasilianista Draper III divide a história do Forró em três fases: primeira, o apogeu das carreiras de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, seguidas de um declínio depois da ascensão da bossa nova; segunda, reemergência nos anos 1970 com uma segunda geração de artistas, incluindo Dominginhos, Elba Ramalho e Alceu Valença; e a terceira, a divisão do forró em três subgêneros após a aposentadoria e morte de Gonzaga. [...] Essas fases podem ser historicamente datadas, a grosso modo, correspondendo a três eras: primeira, modernização/urbanização pós-guerra e substituição de importação; segunda, liberação do comércio nos anos 1970 com crescimento da dívida externa e a transnacionalização da indústria musical; e, finalmente, a era pós-ditatorial na qual a renacionalização cultural ocorreu através da produção de grupos subalternos e regionais como os nordestinos e favelados. (2014, 35). Como se pode perceber, o brasilianista define o início do forró com Luiz Gonzaga. Dessa maneira, parece significar que o forró surgiu de repente, e do zero, com o aparecimento do cantor, e que ele criou algo completamente novo, negando a música nordestina pré-existente. Além disso, é importante destacar que Luiz Gonzaga afirma, nesse momento, ter criado o baião, apenas um dos elementos que afirmamos fazer parte do forró. Sendo assim, é possível incluir outras manifestações musicais anteriores ao cantor como pertencentes à história do forró. Neste artigo, pretendo propor uma outra periodização histórica, a partir de pesquisa bibliográfica. O forró tem origem nas mais diversas expressões musicais do nordeste, como as cantigas de cantadores, de onde se percebe a extensão de uma oitava e a presença de acordes de sétimas menores (LOPES, 2007). No lundu, dança e canto de origem africana, provavelmente angolana (ALBIN, 2002) e nas bandas cabaçais, que já utilizavam o triângulo e a zabumba (CARVALHO, 1999). No entanto, a popularização da música rural nordestina em rede nacional ocorreu a partir do lançamento de Luiz Gonzaga em 1946.

Tido como o precursor do gênero, acabou sendo reconhecido como o criador do forró. No entanto, Luiz Gonzaga apenas estilizou, ou adaptou para um público urbano, vários ritmos rurais. O próprio baião, que em alguns momentos Gonzaga diz ter criado, já existia anteriormente, conforme defende Tinhorão (1991), provavelmente nascido de uma forma especial dos violeiros tocarem lundus na zona rural do nordeste (onde essa dança e depois canção citadina chamada de lundu chegou com o nome de baiano), com o que concorda Ellmerich (1962), dizendo também que é uma dança cantada, de pares solistas, com sapateados, palmas umbigadas e meneios, em allegreto, compasso binário. Assim, pode-se dizer que antes de Luiz Gonzaga havia um Forró rural, produzido, tocado e fruído apenas no âmbito das áreas rurais nordestinas. Com a música Baião (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), inicialmente gravada pelo grupo Quatro Ases e Um Curinga e depois por ele mesmo, Gonzaga lança para o público urbano o ritmo que seria até o ano de 1954 o de maior sucesso no país e com repercussão até no exterior. Feito que se deve, em boa parte, a uma estratégia de conquista de mercado especialmente voltada ao migrante nordestino que vivia no sudeste e ao público das capitais nordestinas que podia consumir discos, mas aceita por outros grupos da sociedade pela curiosidade nacionalista (DRAPPER III, 2014) (ALBUQUERQUE JR, 2011). É por esse foco na afirmação da identidade do nordestino que podemos entender o forró de Gonzaga e daqueles sob a sua égide como forró de afirmação. É claro, a existência de um período não exclui o outro, mas apenas acrescenta uma nova camada de referências e fazeres que é sustentada pela anterior. Como não poderia deixar de ser, já que a cultura se significa pela própria mutabilidade.

**Palavras-chave:** Forró; Cultura; História.

## REFERÊNCIAS

- ALBIN, Ricardo Cravo. (Org.) **Dicionário Houaiss ilustrado da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: Cultura e Memória**. Annablume: São Paulo, 1999.
- DRAPER III, Jack A. **Forró e regionalismo redentor do Nordeste brasileiro: Música popular em uma cultura de migração**. Tradução de Newton Milanez. São Paulo: Intermeios, 2014
- ELLMERICH, Luiz. **Guia da Música e da Dança**. Boa Leitura Editora: São Paulo, 1962
- LOPES, Ibrantina Guedes de Carvalho. **Forró de pé-de-serra: Descompasso entre letra e música**. Recife. 2007. 61f. Monografia (pós-graduação em letras com especialização em Cultura Pernambucana). Faculdade Frassinetti, Recife, 2007.
- MATOS, C. N. Namoro e briga, as artes do forró: auto-retrato de um baile popular brasileiro. In: COSTA, Nelson Barros da. (Org.) **O charme dessa nação: música popular, discurso e sociedade brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007, p. 421-441.

## **A RESSIGNIFICAÇÃO DA CAVALGADA DO POVOADO TAPERA - ITAPORANGA D'AJUDA /SE**

**Daniele Luciano Santos**

Universidade Federal de Sergipe  
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia  
Integrante do Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura  
danilucisan@gmail.com

**Maria Augusta Mundim Vargas**

Universidade Federal de Sergipe  
Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia  
Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura  
guta98@hotmail.com.br

Eixo temático: 03 Práticas festivas tradicionais e contemporâneas  
Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

A variação ocorrida desde a década de 1990 na composição e na estrutura da cavalgada no povoado Tapera em Itaporanga d'Ajuda/SE levou-nos a questionar suas sócio-espacialidades, em que pese sua manifestação como prática festiva tradicional e contemporânea. Temos por objetivo expor pela abordagem da Geografia cultural as sócio-espaciais que envolvem a cavalgada como tradição ressignificada nesse povoado. Embasamos nossas reflexões em Hobsbawm & Ranger (2002) sobre tradição inventada; Vargas & Neves (2009) e Marques & Brandão (2015) sobre as festas populares e suas ressignificações e, Tuan (2012) sobre a topofilia e a topofobia para entendermos o lugar da festa enquanto afetivo ou repulsivo. Adotamos como metodologia a pesquisa documental em sites e jornais e a pesquisa de campo com uso da observação, aplicação de entrevistas e registro fotográfico. Em Itaporanga d'Ajuda a junção do casamento caipira e da missa do vaqueiro deu origem ao casamento dos tabaréus que posteriormente passou a ser chamado de cavalgada. A Tapera é um povoado distante 14 km da sede municipal de Itaporanga d'Ajuda, os taperenses preservam práticas cotidianas ligadas à criação de animais e ao trabalho com a terra ao mesmo tempo em que lidam com atividades comerciais e prestação de serviços básicos. Essa mistura entre o tradicional e o contemporâneo é refletida em suas festas, como é o caso da cavalgada que ocorre em data móvel no ciclo junino. Os sujeitos locais estimam que o percurso da cavalgada de 4,5 km, que se estende da praça do povoado Telha até a praça da Tapera, possui aproximadamente 50 anos. No passado as carroças ornamentadas com palhas saíam pelas estradas em direção à Tapera, onde um padre esperava para a celebração da missa do vaqueiro. Posteriormente, todos assistiam a encenação do casamento caipira com a presença de alguns personagens como o “padre” vivido por Zé Orgines e posteriormente por Zé Ralino, antigos moradores do povoado; os “noivos” e o “Grilo” responsáveis por dar graça à encenação eram escolhidos anualmente e, a “Primeira Dama da Tapera”, vivida por Dona Darcilene, é lembrada por sua dança irreverente com forte batida dos pés no chão “levantando a poeira”, em seguida a quadrilha local se apresentava e a festa era encerrada com o forró pé de serra. Na década de 1990, com o objetivo de projetar a imagem dos

festes juninos do município, a prefeitura assume explicitamente a realização da festa que deixa de ser casamento dos tabaréus e passa a ser chamada de cavalgada. Houve uma intensificação na divulgação, melhorias estruturais e funcionais como palanques mais estruturados, banheiros químicos, ornamentação do espaço da festa, serviço de segurança, atendimento médico, registro e controle de vendedores ambulantes, contratações de atrações artísticas do município, do estado e do Brasil. Nesse contexto Marques; Brandão (2015) afirmam que a resignificação das festas populares pode ser desencadeada a partir do momento que determinados fenômenos como a modernização, o sistema capitalista e suas atividades comerciais, e a formação de redes de interação e comunicação se infiltram e alteram o sentido das mesmas. A ideia dos autores é confirmada quando os padres começaram a se recusar a celebrar a missa do vaqueiro alegando que a festa havia se tornado mundana; quando o falecimento de alguns dos moradores mais antigos e o pouco envolvimento dos mais jovens resultaram no fim da encenação do casamento caipira. As contribuições de Vargas e Neves (2009) nos ajudam a compreender a resignificação da cavalgada da Tapera, perceber as variações em sua estrutura, que o antigo e o novo passaram a coexistir no processo de manutenção da cavalgada, como por exemplo, vestimentas de couro que fazem referência ao vaqueiro e camisas de equipes organizadas semelhantes ao abadá, carroças rústicas e trio elétrico com tecnologia moderna, entre outros. A cavalgada da Tapera continua ser tradicional porque após anos de existência, com a inserção de novos elementos em sua estrutura, rigorosamente mantém a periodicidade, o mesmo percurso e o caráter mobilizador local. Entendemos por tradição tal como Hobsbawm & Ranger (2002, p. 9), o conjunto de práticas, ritos e símbolos construído no passado e que continua a ser aceito e atuante no presente, “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem antigas são bastante recentes, quando não são inventadas, [...] e que se estabeleceram com enorme rapidez”. Inspirados em Tuan (2012) identificamos que o perfil dos participantes também foi modificado, as atrações e shows de artistas do momento vêm atraindo jovens que se afeiçoam ao ambiente da festa (Topofilia) e o aumento da comercialização de bebidas alcoólicas e da violência tem despertado nos mais antigos a aversão (Topofobia) ao mesmo tempo em que lembram, saudosistas, das antigas cavalgadas que remetiam a familiaridade do lugar e das pessoas. Com base no exposto, esperamos construir uma análise na qual, elementos e dimensões da Geografia de abordagem cultural sejam enfatizados e, sobretudo, que elucidem as tessituras que envolvem o antigo e o novo na manutenção da Cavalgada do povoado Tapera.

**Palavras-chaves:** Socioespacialidades; Festa Populares; Resignificações; Cavalgadas.

## REFERÊNCIAS

- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7 – 26, dez/ 2015.

TUAN, Yi-Fu **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** (Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

VARGAS, Maria Augusta Mundim; NEVES, Paulo Sergio da Costa. **Inventario Cultural dos territórios de Sergipe e elaboração de um atlas da cultura sergipana**. Relatório. Seplan/SE: Aracaju, 2009.

## **“TAMBOR É OCO DO PAU, CURTIÇO DA URUÇO”: ANCESTRALIDADE, CULTURA POPULAR E MEMÓRIAS NO SAMBA DE ABOIO (SE)**

**Alexandra Gouvêa Dumas**

Universidade Federal de Sergipe-UFS  
alexandradumas@gmail.com

**Luan Vinícius Carvalho de Almeida**

Universidade Federal de Sergipe-UFS  
luanvinicius\_23@hotmail.com

Eixo temático: 03. Memórias, espaços e tempos da Cultura Popular  
Tipo de produção: B. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação,  
Extensão e afins.

O samba geralmente está atrelado a diversas outras manifestações populares e garante um lugar de bastante expressividade e relevância, além de representação, na cultura popular brasileira. Por ser um gênero musical de bastantes vertentes e modalidades no leque de sambas existente, alguns sambas possuem projeções e alcance mais amplos do que outras. O samba a ser abordado aqui é o não tão popular Samba de Aboio que ocorre no povoado de Aguada, cidade de Carmópolis, em Sergipe. A espetacularidade dessa manifestação evidencia seu caráter festivo, sem eliminar, porém, sua complexa rede de significados e tensões aliados às suas origens afro-religiosas. No Samba de Aboio, a delimitação aqui apresentada traz para o campo da análise de comportamentos espetaculares, o ciclo de tensões e suas consequentes formas de resolução que tangem os discursos e práticas dos envolvidos nessa festa. A busca por outras sonoridades e histórias do samba dá seus passos em solo sergipano. Apesar de ser um dos ritmos que mais identifique o Brasil, tendo como referência a popularidade do samba de estética carioca, pensá-lo de forma homogênea é um risco por colocá-lo numa perspectiva única em relação aos demais tipos e variações de expressões acolhidas por essa denominação, samba. O pesquisador Hermano Vianna localiza no tempo essa “colonização” quando afirma que: “Foi só nos anos 30 que o samba carioca começou a colonizar o carnaval brasileiro, transformando-se em símbolo de nacionalidade.” (VIANNA, 2002, p. 29). A vontade de observar, falar e vivenciar mais o samba foi evoluindo, até que nossa interferência desde o início teve a licença e permissão dos mestres, mestras e da comunidade local para que pesquisássemos mais sobre o samba de aboio. O samba se mostra totalmente envolto de um ritual em homenagem a Santa Bárbara e para que a festa aconteça, é preciso que o ritual para a santa também ocorra, em todo sábado de aleluia e domingo da ressurreição, unicamente. Observando esses dois dias, notamos a extrema ligação da religiosidade sincrética para a existência deste samba nos moldes como o encontramos hoje. O passado histórico do samba possui origem escravista e a cidade onde ele ocorre era um ponto de bastante fluxo de pessoas devido à economia que alimentava a região no período colonial. Os elementos que encontramos vão de questões profanas as sagradas. De acordo com o mestre Zé de Paizinho e com a mestra Maria José,

o samba de aboio acontece desde o século XIX e possui ligação remota com os Nagôs e as/os sambadeiras/sambadeiros remontam em todo ano da festa o mito de origem do samba, que nasceu depois que uma pedra em forma de santa foi encontrada por descendentes de africanos. A pedra possui destaque no altar produzido para ela e outras imagens de santos/santas, outras pedras das mais variadas origens. Além de também estarem presentes elementos relacionados a matrizes africanas, a exemplo do azeite de dendê e do mel, usado para abençoar e purificar os/as participantes da festa e do banho de ervas e sangue nas pedras, este foi um fator intrigante que nos chamou atenção, pois ao tempo que existem esses elementos de matrizes africanas, os nativos negam qualquer relação com o candomblé e reforçam a extinção da presença dos Nagôs na manifestação atualmente. No entanto, mais do que esses elementos no ritual do samba de aboio, outro fator bastante crucial e marcante como característica fundamental na execução do samba, é o sacrifício de animais (machos) para a comunidade e como forma de agradecer a Santa Bárbara pelas graças alcançadas, o que os locais chamam de “matança”, também bastante frequente nos rituais de matrizes africanas. Analisamos que os processos ritualísticos observados no Samba de Aboio de Santa Bárbara aproximam-se de religiões como o candomblé, e mesmo que esse samba possua em sua ancestralidade elo com os Nagôs, os realizadores do Samba, em seus depoimentos, negam que hoje exista qualquer resquício de tal ligação, como dito anteriormente. No entanto, a afirmação do catolicismo mostra-se bastante presente e expressiva, exemplo disto está nas várias imagens de Santas Bárbaras dispostas no altar na sala da sede do Samba de Aboio. Chegamos a um ponto extremamente crucial nessa pesquisa, compreendendo que tal negação das africanidades gera problematizações acerca do “embaquencimento” de tais expressões, devido um fator colonizador ou mesmo como um acordo de resistência e subsistência no contexto de violências sofridas por intolerância religiosa, que é fator sintomático na sociedade brasileira do século XXI. Ao identificar e discutir os elementos presentes, assim como seus significados, nos leva a um caminho de questionamentos sobre até que ponto algumas interferências religiosas ou mesmo motivações pessoais contribuem com a preservação da memória do Samba de Aboio. Ao enxergar sob esse viés, enxergamos um horizonte que não existe, e que continua vivo na tradição que perdura até os dias de hoje, independente das modificações que sofre ou dos obstáculos que surgem que poderiam impedir que a festa acontecesse. Como uma expressão de caráter popular, o Samba de Aboio permeia a esfera da religiosidade, pois é realizada apenas uma vez ao ano como promessa pelas graças alcançadas para Santa Bárbara, e de uma identidade coletiva, através do Samba como comemoração, como celebração dessas graças, além de prosseguir com o legado deixado por sua fundadora e que resiste até atualmente.

**Palavras-chave:** Samba; Cultura afro-sergipana; Etnocenologia.

## REFERÊNCIAS

ALBIN, RICARDO CRAVO. "O livro de ouro da MPB: a história de nossa música popular de sua origem até hoje". Ediouro Publicações, 2003.

CABRAL, SÉRGIO. **Falando de samba e de bambas**. In: História da música popular brasileira (Fascículo Bide, Marçal e Paulo da Portela). Abril Cultural, 1984, p. 2

CASTRO, Felipe; COSTA, Luana; MARQUESINI, Janaína; MUNHOZ, Raquel. **Quelê, a voz da cor**: biografia de Clementina de Jesus. Ed.1. Vol.1. Editora Civilização Brasileira. 2017.



#### **2.4.4 Eixo: Memória, espaços e tempos da cultura popular**

---

##### **Alimentação e cultura no ensino de história: uma experiência com alunos do 8º ano**

Monaquelly Carmo de Jesus

##### **(Re)discutindo a presença indígena na festa do Lambe Sujo e Caboclinho**

Bernardo Ferraz Pinheiro

Hildenia Santos de Oliveira

##### **A quadrilha junina no contexto escolar: ações dançantes**

Thiago da Silva Santana

Bianca Bazzo Rodrigues

##### **Zabumba biográfica do Encontro Cultural de Laranjeiras nos periódicos sergipanos**

Elianoan Silva Cruz

Janaina Cardoso de Mello

Eixo Gestão e políticas de cultura

## **ALIMENTAÇÃO E CULTURA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 8º ANO**

**Monaquelly Carmo de Jesus**

Mestrado Profissional em Ensino de História (UFS)  
monaquelly@hotmail.com

Eixo temático: 04. Memória, espaços e tempos da cultura popular;  
Tipo de produção: B. Relatos de Experiência de professores da  
Educação Básica, produtores de cultura e afins;

A chave do verdadeiro aprendizado está na motivação. Mas como motivar um público tão diverso, com desejos tão diferentes? Embora seja difícil encontrar um ponto de convergência, há um tema que parece ser quase unanimidade: a comida. Assim, quando decidi trabalhar diretamente com conceitos-chave do Ensino de História, tendo dessa maneira liberdade para escolher o tema gerador, percebi que a alimentação seria uma escolha adequada. Esta temática possibilita criar vínculo afetivo com a História, levando os alunos a se reconhecerem dentro dela, o que aumenta a possibilidade de que aprendam. Mas para além de trabalhar conceitos-chave, percebi a necessidade de trazer os pais para escola, de modo a demonstrar tanto aos alunos como aos próprios pais que a escola não é a detentora do conhecimento, e que a família em muito pode contribuir no aprendizado. Também nesse sentido a temática alimentação contribui, já que possibilita uma ampla gama de familiares com conhecimento sobre o assunto, de modo a ser possível driblar as dificuldades de horário que os pais porventura poderiam ter. Assim, o presente artigo tem como objetivo relatar uma experiência de aplicação de uma sequência didática utilizando a temática alimentação para trabalhar os conceitos de cultura, identidade e mudanças e permanências, bem como para abrir a sala de aula para a participação da família. A escolha do conceito de cultura se deve a que esta é um dos principais temas das ciências humanas e aparece de maneira protagônica nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História. No entanto, os conceitos de cultura são múltiplos e podem ser contraditórios. Para alguns, a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Já para outros se refere à produção artística e cultural. Seja qual for o significado a ela atribuído, a cultura é peça chave para a compreensão da sociedade (SILVA E SILVA, 2009). Outro conceito diretamente ligado ao Ensino de História é a memória pois “Não há como recordarmos quem somos sem recordarmos nosso passado” (FERREIRA E FRANCO, 2010). Mas como a alimentação se relaciona à cultura? O ato de comer não se resume apenas à saciação das necessidades nutricionais, mas carrega toda uma ritualística e conjunto de preferências que são produto da cultura. O próprio gostar e desgostar de certas comidas são aprendidos dentro das idiossincrasias inerentes à nossa cultura. (TOSCANO, 2013). Sendo assim, a alimentação é um tema que possibilita o estudo da cultura e da identidade(s), como também das mudanças e permanências, já que tanto os gostos como as preparações culinárias se modificam com o passar do tempo. Tendo em mente esse arcabouço teórico, produzi uma sequência didática que gira em torno de três atividades principais: entrevista com familiares, pesquisa sobre uma comida considerada típica e análise de cadernos de receita. Esta sequência foi

aplicada em duas turmas de 8º ano da Escola Municipal Manoel Bomfim, localizada no Conjunto Bugio, Aracaju-SE. Para a primeira atividade, antes da entrevista com um familiar, os alunos responderam a questões sobre seus gostos e hábitos alimentares, de modo a posteriormente comparar com as respostas do familiar. Ao cotejar as respostas junto com os alunos, eles puderam perceber que alguns costumes alimentares eram os mesmos para a maioria deles, e que já eram uma prática na infância de seus familiares. Ao mesmo tempo, alguns outros pratos passaram a ser mais consumidos em sua geração. Sendo assim, eles puderam perceber que ao mesmo tempo em que houve mudanças nos hábitos alimentares, alguns outros permaneceram quase que inalterados. A partir das respostas dos questionários, pedi que os alunos, em grupo, trouxessem um prato que fizesse parte da história deles e de sua família, bem como um familiar que pudesse explicar o processo de produção desse alimento hoje e no passado, e a sua história com a cozinha. As mães ficaram bastante à vontade em falar sobre o assunto e agradeceram a oportunidade de participar, além de se mostrarem dispostas a participar em outra oportunidade. A fala das mães foi significativa, pois os alunos ficaram admirados pela dificuldade que elas enfrentavam para a produção de certos alimentos sem as facilidades dos eletroportáteis. Para a pesquisa sobre comidas, as turmas foram separadas em grupos, onde deveriam fazer um trabalho escrito e apresentar brevemente as origens daqueles alimentos. Essa etapa possibilitou aos alunos perceber as influências indígenas, africanas e europeias na culinária brasileira. Já o trabalho com cadernos de receita foi inspirado numa sequência didática de Marcella Lopes de Guimarães (2012). Os alunos analisaram tanto o conteúdo como a forma e o aspecto do caderno de receitas, bem como entrevistaram a proprietária, de modo a saber as intenções por trás da produção daquele objeto. Dessa maneira, os estudantes puderam conhecer e exercitar algumas técnicas do trabalho do historiador, como a análise de fonte documental e entrevistas. Ao final da sequência didática, os alunos quiseram continuar estudando sobre alimentação, principalmente ao saber que há livros inteiros falando sobre a temática, já que pensavam que temas do cotidiano não eram relevantes historicamente. Quando mostrei o livro *História da Alimentação* (FLANDRIN E MONTANARI, 1998) e comentei alguns temas presentes nele, eles disseram que queriam estudar todo o livro.

**Palavras-chave:** Alimentação, Ensino de História, Cultura

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marieta; FRANCO, Renato. **Aprendendo História:** reflexão e ensino. São Paulo: Editora do Brasil, 2010

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação.** Estação Liberdade, 1998.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História:** o trabalho com fontes. Curitiba: Aymará Educação, 2012

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

TOSCANO, Frederico de Oliveira. Alimentação e Cultura: Caminhos para o estudo da Gastronomia. In: **Revista Contextos.** SESC-SP, vol. 1 p. 215-227 – abril.2013

## **(RE)DISCUTINDO A PRESENÇA INDÍGENA NA FESTA DO LAMBE SUJO E CABOCLINHO**

**Bernardo Ferraz Pinheiro**

Universidade Federal de Alagoas  
berafp@gmail.com

**Hildenia Santos de Oliveira**

Eixo Temático: 04. Memória, espaços e tempos da cultura popular  
Tipo da produção: A. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação,  
Extensão e afins

A festa do Lambe-sujo e Caboclinhos é tradicional no município de laranjeiras, sendo ela, umas das celebrações mais aguardadas do calendário cultural do município. A manifestação conta com a encenação de dois grupos de brincantes, os lambe-sujos representando os escravos fugidos, e os caboclinhos, sendo os indígenas encarregados de prender escravos e destruir o mocambo. A manifestação toma todo o primeiro final de semana de outubro, sendo o sábado o espaço dado para ação de esmolar, que seria recolher mantimentos na feira para confecção da feijoada do dia seguinte e no domingo acontecem os atos da celebração ao longo de todo o dia, iniciando com a alvorada e terminando com os confrontos e a destruição do mucambo. O ponto de partida para as discussões realizadas nesse trabalho surgem da percepção dos dois grupos, visto que, a própria população demonstra uma identificação muito grande com o grupo dos lambe-sujos, sendo perceptível na cidade a venda de vários objetos relacionados com o grupo dos negros, enquanto o outro lado da manifestação, ou seja, os caboclinhos não possuem uma ligação tão forte com os moradores, tornando a festividade voltada praticamente para as figuras do lambe-sujos e invisibilizando o outro lado necessário para que tudo aconteça, sendo assim, o principal objetivo desse trabalho em produção é perceber como foi construída essa imagem do caboclinho junto da memória coletiva de brincantes, membros dos grupos e população de laranjeiras, visando assim, não somente compreender a negação implícita desse personagem, mas também dialogar numa perspectiva histórica a ponto de entender o desaparecimento desse grupo étnico. Partindo do referencial de tradição popular exposto por E. P. Thompson em sua obra “costumes em comum”, essas manifestações são baseadas em acontecimentos e experiências humanas, dinâmicas sociais formulando assim valores crenças e costumes; colaborando com essa ideia existe a na memória coletiva do município de laranjeiras que a tal celebração ela remete ao contexto histórico de conflitos do séc. XIX. Então é possível que essa presença indígena realmente tenha ocorrido na região, acabou “desaparecendo” fisicamente, mas permaneceu na celebração reproduzida ao longo do tempo. O segundo ponto utilizado para fundamentação metodológica se encontra no paradigma posto por Maria Regina Celestino de Almeida para tratar do indígena como protagonista e agente da história. Diferente do tratado anterior a suas discussões, acordos, alianças e práticas de aldeamentos pode ser são consideradas formas de resistência indígena. Ideia esta, que fomenta possíveis hipóteses para trazer a luz de uma análise histórica possíveis motivações para os grupos indígenas

locais participarem dessa captura de escravos, que é representada na festa. Isso seria uma tentativa de trazer uma discussão para rever esse olhar sobre esse indivíduo, o que remeteria ao que o historiador Eric Hobsbawn chama de perspectiva de uma “história de baixo para cima”. O ponto final da fundamentação metodológica seria a busca pela memória desses eventos através de entrevistas com brincantes, membros do grupo e moradores de Laranjeiras a fim de encontrar uma memória coletiva nas memórias singulares dos entrevistados e assim construir uma memória história em que os indígenas possam estar visíveis. Trata-se de um trabalho que ainda está em construção, mas já conta com informações relevantes sobre o auto reconhecimento da população de Laranjeiras e reflexos dessa aceitação presentes na celebração do Lambe-sujo e Caboclinho. Contudo a discussão dessa perspectiva é inovadora, no sentido de que a atenção dada pelas produções acadêmicas se encontra também apenas na figura do lambe-sujo, e trazer inicialmente esse debate cria a possibilidade de uma abertura para formulação de novas hipóteses sobre a presença indígena na região.

**Palavras-chave:** Festas tradicionais; Lambe Sujo e Caboclinhos; Laranjeiras.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar** – Textos em História Oral. Rio de Janeiro, FGV, 2004

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, coleção FGV de Bolso, 2010

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWN, Eric. **Introdução: a invenção das tradições**. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWN, Eric. **A história de baixo para cima**. In HOBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff;- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

## **A QUADRILHA JUNINA NO CONTEXTO ESCOLAR: AÇÕES DANÇANTES**

**Thiago da Silva Santana**

Universidade Federal de Sergipe.

Grupo de Pesquisa Interinstitucional Corpo e Ancestralidade/CNPq

thiag.osantana@hotmail.com

**Bianca Bazzo Rodrigues**

Universidade Federal de Sergipe.

Grupo de Pesquisa Interinstitucional Corpo e Ancestralidade/CNPq

bibs\_bazzo@yahoo.com.br

Eixo temático: 04. Memória, espaços e tempos da cultura popular.

Tipo de produção: A. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação, Extensão e afins

A escrita apresenta uma possibilidade de trazer a cultura popular para o âmbito escolar a partir de ações desenvolvidas na disciplina de Artes/Dança, realizadas durante o Estágio Obrigatório do Ensino da Dança III, do curso de licenciatura em Dança/UFS, com os discentes do Colégio Estadual Nossa Senhora de Fátima, localizada na cidade de Fátima-BA. Tendo a prática como uma abordagem didática integrativa, no qual o discente se fez importante no desenvolvimento das aulas. A proposta se baseou na aplicação de aulas de Dança tendo a Quadrilha Junina como ponto de conexão, apresentando possibilidades coreográficas embasadas no contexto do Cangaço. Propiciando aos participantes, novas experiências com as Culturas Populares, aprofundando seu lado de construção de conhecimento dentro do ambiente escolar. Observou-se certo descompasso em relação ao contexto das festas de São João, mais especificamente a dança da Quadrilha, no que toca aos saberes que a envolvem, como exemplo, o ritmo do xaxado já marcante dessa dança e que adentra as histórias e feitos de Lampião e seu bando. Ao percebermos esse desconhecimento por parte dos discentes, foi possível oportunizar esse reconhecimento das culturas nordestinas, discutindo fatores históricos, culturais e de saberes que envolvem esses locais. Sublinho que o ciclo junino, que se faz muito presente no nosso Nordeste, traz com ele toda uma bagagem que apesar das modificações constantes na atualidade, principalmente nas formas de viver, prevalece um cuidado em se manter viva certas tradições, buscando não deixar morrer a essência da festa. É importante frisar que trabalhar a Quadrilha na escola foi muito significativo para os discentes e à comunidade, visto possibilitar uma reflexão em torno do contexto cultural dessas pessoas, no qual nossas raízes prevalecem firmes até hoje. Para Graziela Rodrigues há uma peculiaridade de ser nas pessoas que estão dentro das manifestações populares brasileiras. Para a autora, esses corpos são movidos por lembranças ancestrais que religa, a todo o momento, o passado no presente e projetando para o futuro, resistindo dessa forma as dificuldades existentes. Nesse ponto, a proposta buscou se concentrar no seguinte propósito: não deixar a cultura que pertencem ser esquecida e, a partir dela, propiciar reflexões através da dança da Quadrilha. Os objetivos traçados ao longo da proposta, iniciaram-se com aulas atravessadas pelos

gêneros musicais e ritmos dançantes do xote, baião, xaxado e arrasta-pé, seguidos das discussões que envolvem a construção e fazer dessas danças dentro dos espaços que atuam, ligadas à tradição dos festejos juninos e da cultura nordestina. Aos poucos, foram sendo introduzidos o contexto histórico, social e cultural que envolve o fenômeno do Cangaço, mais particularmente a figura de Lampião e seu bando. Discussões essas costuradas a partir de possibilidade de criação coreográfica. A proposta de composição partiu da ideia de incentivar os discentes a investigarem suas próprias histórias, sejam particulares, familiares e/ou coletivas dentro desse contexto e a partir disso, serem criadores através dos seus próprios entendimentos sobre a questão, seguindo os questionamentos levantados por Isabel Marques, no que tange as particularidades e individualidades de cada um na dança. Estimulando-os a serem intérpretes de suas próprias histórias. Ressalto que a danças populares brasileiras, infelizmente, tem sido pouco trabalhada nas escolas, principalmente como espaço de conhecimento. Tem sido colocada como algo mais demonstrativo, sem um significado conciso nas vidas desses discentes. As danças populares quando ensinadas de forma mais cuidadosa e aprofundada, pode propor trabalhos que saiam do lugar de reprodução de movimentos codificados que não contextualizam o lugar de onde nascem e estão. É necessário destacar que a Quadrilha Junina vem sofrendo modificações há muito tempo. Modificações essas que perpassam por um processo natural se tratando de Cultura (em constante movimento e adaptações). Porém, o problema é que muitos hoje se esqueceram que ela traz consigo conhecimentos e simbologias únicas. De acordo com Aglaé Alencar, já em 1820 a quadrilha já era dançada no Brasil, de influências europeias e reorganizadas aqui, particularmente no Nordeste. Friso que esse processo desenvolvido no Estágio III, possibilitou através de uma das expressões da Quadrilha Junina e todo o contexto que a envolve, problematizar o lugar da Dança, assim como da Cultura Popular nos espaços escolares. Todo o processo sobre o contexto retratado pôde ser relacionado com outros questionamentos que perpassam a atualidade, saindo do comodismo de como a Quadrilha costuma ser desenvolvida nos festejos juninos escolares. Propondo dinâmicas de processos de criação com os discentes, sendo esses não apenas reprodutores do que é estabelecido e sim, podem ampliar as discussões desses lugares. Compreendendo o quanto a dança popular pode ser repensada, de forma que não perca suas particularidades e, principalmente, continue fortemente viva na nossa identidade cultural.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Dança; Quadrilha Junina; Escola.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Aglaé. **São João Dormiu, São Pedro acordou**. Aracaju: Caderno Secretária da Cultura/FUNDESC, 1994.

MARQUES, Isabel. **Ensino de Dança Hoje Textos e Contextos**. São Paulo: Cortez, 2011.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de criação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

## **ZABUMBA BIOGRÁFICA DO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS NOS PERIÓDICOS SERGIPANOS**

**Elinoan Silva Cruz**

PIBIC Voluntário/DHI-UFS  
elinoansilva@hotmail.com

**Janaina Cardoso de Mello**

DHI-UFS  
janainamello.ufs@gmail.com

Eixo temático: 04. Memória, espaço e tempos da cultura popular  
Tipo de produção: A. Trabalhos/projetos de PIBID, PIBIC, Graduação,  
Extensão e afins

É na festa dos reis em janeiro, sob os auspícios da colina azulada que os brincantes sergipanos ressignificam em seu cotidiano a memória que lhes foi transmitida. Entre danças e cantorias, um ritual se consolida no “palco das ruas”. O patrimônio cultural imaterial se agiganta nos cortejos dos grupos, na coroação da rainha das Taieiras, na emoção de quem acompanha o festejo. Entretanto, o olhar sobre a historicidade do Encontro Cultural de Laranjeiras nos faz lembrar dos coturnos, rifles e fardas militares. A memória da repressão, da destituição do governador Seixas Dória em Sergipe, de mandatos cassados e medo nos olhares permeia a cultura local e nacional. Entre os ecos do AI-5 e o início de uma distensão programada, a cultura sergipana vai de encontro ao público mesclado entre intelectuais e brincantes populares, agentes políticos e institucionais e artistas que já integravam a indústria fonográfica. É nesse contexto que a pesquisa busca responder: quais as representações políticas do Encontro Cultural de Laranjeiras nos periódicos sergipanos do contexto da Ditadura civil-militar brasileira (1976-1985)? O trabalho intitulado “Zabumba Biográfica: O Encontro Cultural de Laranjeiras nas Hemerotecas” visa coletar informações das hemerotecas aracajuanas sobre os Encontros Culturais da cidade de Laranjeiras, especificamente durante o contexto político da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1976-1985). Em 2015, o ECL chegou à 40ª edição do evento, marcado pela mescla da participação entre intelectuais e brincantes que anualmente se reúnem nesse evento para celebração da cultura, transmitida através da memória e da oralidade em suas expressões artísticas, assim como visivelmente presente nas estruturas arquitetônicas da cidade, ressignificando sua preciosidade histórica e patrimonial. Em 1976, o Brasil se encontrava vivendo o governo do presidente Ernesto Geisel, 4º presidente do Regime Militar que 2 anos antes no começo de seu mandato, acabava de dar início a uma política de distensão e de abertura política, amenizando a rigorosidade da Ditadura Civil-Militar, extinguindo, por exemplo, um de seus vestígios mais famosos: o AI-5. É nesse contexto político que nasce o primeiro encontro cultural de laranjeiras. A nível nacional, aquele era o momento de valorização do folclore e do patrimônio arquitetônico das cidades históricas para potencialização do turismo no país, no entanto, Laranjeiras estava em estado de decadência e todas as atenções se voltavam para São Cristóvão, ponto de atração turística para a qual eram designados os visitantes que iam à Sergipe. A Criação do PNDA (Programa Nacional de Desenvolvimento ao



Artesanato) em 1977, que viria a dar uma maior visibilidade à temática artesanal inspirando o ECL de 1981, estava inserido em um dos processos de política cultural do governo militar para incentivo de criação de órgãos que desenvolvesse e prestigiasse a cultura popular e assim, com a percepção da herança histórica e cultural da Cidade, reiterada pelo próprio ex ministro da Educação e da Cultura Jarbas Passarinho quando disse que “Laranjeiras é um museu a céu aberto”, a população da cidade passa a trazer de volta para o cotidiano interiorano a memória do passado enquanto colônia mesclada às tradições provenientes dos negros escravizados, reconstruindo sua identidade enquanto povo e dando uma nova feição ao local. Desse conúbio de forças, nasce então em 1976 o primeiro ECL, na gestão do governador José Rollemberg Leite que se empenhou junto ao prefeito de Laranjeiras José Monteiro Sobral para garantir a permanência do evento. Mas qual era o posicionamento do governo sergipano em relação à ditadura militar instaurada 12 anos antes, passando por momentos de austeridade sob a política de governantes como Costa e Silva e Emilio Médici? O foco da pesquisa se centraliza justamente na questão da compreensão de uma vertente ainda não abordada no referente aos aspectos políticos do Encontro Cultural de Laranjeiras dentro desse recorte de tempo estabelecido. Inúmeros agentes políticos são elencados durante o processo de levantamento de fontes a cerca do assunto e nesse curto espaço de tempo de pesquisa, nada ainda pode ser afirmado sem que seja feito um estudo mais detalhado nas hemerotecas sergipanas para coleta de informações que se encontram em estado de desorganização arquivística, dificultando o processo de coleta de dados para os pesquisadores. Com o material trabalhado, o que se tem de respostas às perguntas anteriormente feitas são apenas pressupostos. Devido à ausência dos anais a partir do III ECL, tendo sido apenas alguns resgatados pelo Bráulio Nascimento e publicados em seu livro “Encontro Cultural de Laranjeiras – 20 anos”, tem-se como consequência a impossibilidade de respostas precisas até o presente momento, sem que uma investigação mais árdua seja feita para que se possa fazer entender os interesses políticos existentes por trás do surgimento do Encontro Cultural de Laranjeiras

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar; Encontro cultural de Laranjeiras; periódicos sergipanos.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Beatriz Góis. **Encontro Cultural de Laranjeiras: 40 anos de Simpósio**. Aracaju: IHGSE, 2015.

DANTAS, Beatriz Góis. **As Fontes Sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras: Múltiplas e Dispersas**. Aracaju: IHGSE, 2015.

CRUZ, Jackeline Fernandes da. **Um Estudo sobre as Práticas Intelectuais no Encontro Cultural de Laranjeiras – SE**. São Cristóvão: UFS, 2015.

AGUIAR, Luciana de Araújo. **O Encontro Cultural de Laranjeiras e a cidade de Laranjeiras: uma análise da apropriação dos lugares da cidade pelo evento**. Disponível em: < <http://www.cp2.g12.br/blog/perspectivasociologica/edicoes-anteriores/jan-jul-2011-no-6-e-7/o-encontro-cultural-de-laranjeiras-e-a-cidade-de-laranjeiras-uma-analise-da-apropriacao-dos-lugares-da-cidade-pelo-evento> >

## **2.4.5 Eixo: Gestão e políticas de cultura**

---

### **Laranjeiras e as práticas do espeleoturismo no estado de Sergipe**

Jorginaldo Calazans dos Santos

Maria Augusta Mundim Vargas

### **O sketchup como auxílio na concepção de espaços expositivos: estudo de caso da Casa de Cultura João Ribeiro**

Ranielle Menezes de Figueiredo

Edilene Rodrigues Guimarães

Erica Cristina Pereira de Souza

## LARANJEIRAS E AS PRÁTICAS DO ESPELEOTURISMO NO ESTADO DE SERGIPE

**Jorginaldo Calazans dos Santos**

Doutorando PPGeo/UFS

Universidade Federal de Sergipe

Pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura

jorgenaldoc@hotmail.com

**Maria Augusta Mundim Vargas**

Universidade Federal de Sergipe

Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura

guta98@hotmail.com.br

Eixo temático: 05. Gestão e políticas de cultura

Tipo da produção: C. Trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação e afins

No estado de Sergipe, Laranjeiras é o município possui maior número de grutas catalogadas pelo CECAV, são 18 grutas que formam o seu conjunto espeleológico. Nesse estudo apresentam-se as características das principais grutas cársticas situadas nas áreas rurais do município de Laranjeiras, Estado de Sergipe, com foco em suas singularidades culturais, isto é, como são apropriadas pela população do entorno e as possibilidades da exploração dessas cavidades para o uso turístico. Além de uma rápida abordagem sobre condições de acesso ao local e acessibilidade das grutas, tratamos dos principais elementos que fazem parte do imaginário das comunidades, suas histórias, lendas, rituais religiosos, dentre outros. Os dados foram obtidos através da observação de campo e entrevistas realizadas com moradores de entorno de três grutas situadas no município de Laranjeiras, todas elas de fácil acesso e de boas condições de uso turístico. O município é um sítio arqueológico a céu aberto que mantém viva a tradição das culturas indígena, negra e portuguesa, distante 20 km da capital Aracaju, sua sede é considerada uma das mais importantes cidades históricas do estado, com expressivo número de manifestações culturais, a exemplo: Reisado, Taieira, Lambe-Sujo, Caboclinho, Cacumbi, Dança de São Gonçalo, Chegança, Samba de Coco, marcas da preservação de sua riqueza cultural. Além do panorama cultural a cidade possui belezas naturais expressivas a proposta do espeleoturismo, modalidade do turismo que utilizam as grutas como principal atrativo da prática turística. A **Gruta da Matriana**, situada no povoado Vila do Faleiro, é uma gruta que está entre os atrativos turísticos da cidade, possuindo boa sinalização turística que conduz o visitante da entrada do município até a gruta. As moradias mais próximas da gruta estão situadas em média de 1 km, segundo os moradores mais antigos a gruta foi utilizada pelos jesuítas para orações e recolhimento, por estar em uma região afastada do complexo urbano da cidade. Nessa gruta ocasionalmente ocorre visitação, reconhecida pelo governo municipal, que a considera um local turístico, já os moradores de Laranjeiras considera a gruta como exemplo de lugar belo. A **Gruta da Pedra Furada**, está situada no Povoado Machado distante 5km da sede de Laranjeiras, esse povoado possui registro de 10 grutas, dentre elas a Gruta da Pedra Furada, que mesmo estando em uma propriedade particular o acesso

aos visitantes e curiosos é sempre franqueado. A Gruta está incluída no mapeamento turístico do município de Laranjeira, sendo assim, ao chegar à cidade é possível notar a sinalização turística desde a entrada da cidade até o Povoado Machado. É a gruta mais conhecida entre os moradores, muitos depoimentos informam que a gruta serviu de refúgio para os nativos da região. Nessa gruta os jesuítas celebravam missas durante o período de invasão dos holandeses. Muitas lendas rondam a história dessa gruta, inclusive a de que existia um túnel que levaria até a capela de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, que era utilizado pelos padres, como rota de fuga em caso de invasões dos holandeses. A distancia existente entre a gruta e a igreja são de aproximadamente 2km, sendo confirmada a existência desse túnel a Gruta da Pedra Furada se tornaria a maior do estado de Sergipe. Devido a Gruta da Pedra Furada estar localizada em uma área urbana, torna-se um instrumento de uso educacional, periodicamente professores acompanham os seus alunos para atividades práticas na gruta. A **Gruta da Pedra Furada II**, situada em uma propriedade particular no Povoado Mussuca, com distancia aproximada de 10km da sede do município de Laranjeiras, não possui sinalização, para chegar até a entrada da sede é necessário estar acompanhado por condutores locais. É uma gruta menos conhecida, com relação as anteriores, mas que detém elementos importantes para o possível desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo. Nessa gruta também existem aspectos culturais devido a várias lendas que estão a ela relacionadas. Uma delas é a presença de espíritos que habitam a gruta. Segundo relatos de moradores antigos a gruta serviu de abrigo para escravos e que existia uma conexão entre ela e a Gruta da Pedra Furada, servindo também como rota de fuga. Apesar de não estar inserida como produto turístico natural do município a gruta apresenta belezas peculiares, como a entrada bem espaçosa e com fácil acesso, possui largas dimensões que permite tranquilamente que o visitante conheça toda parte interna da gruta. Do inicio ao final da gruta onde se encontra o maior salão, é possível fazer todo o percurso sem curvar o corpo devido a altura do teto. Foi constatada uma forte relação de topofilia entre os moradores do entorno das três grutas pesquisadas, principalmente aqueles que desenvolvem algum tipo de uso nesses espaços, sobretudo os relacionados as religiões de matriz africana, como o candomblé, que as utilizam para depositar oferendas aos seus orixás. Todavia, embora constatados potenciais turísticos, verificou-se desinteresse imediato da iniciativa privada e da gestão pública de dotar esses espaços com infraestrutura, bem como das agências que atuam no estado em abarcar a modalidade do espeleoturismo.

**Palavras-Chave:** Potencialidades turísticas; Espeleoturismo; Grutas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representação. In: ALMEIDA M. G. de RATTIS A. J. P **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa 2003.

CROSGROVE, Denis E. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny (Org.) **Paisagem, tempo e cultura**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Edual, 2012.

## **O SKETCHUP COMO AUXÍLIO NA CONCEPÇÃO DE ESPAÇOS EXPOSITIVOS: ESTUDO DE CASO DA CASA DE CULTURA JOÃO RIBEIRO**

**Ranielle Menezes de Figueiredo**

Profª substituta do departamento de Museologia- UFS  
ranielle.m@gmail.com

**Edilene Rodrigues Guimarães**

Graduanda em museologia- UFS  
edilener347@gmail.com

**Erica Cristina Pereira de Souza**

Graduanda em museologia- UFS  
pereiraerica@live.com

Eixo temático: 05. Gestão e políticas de cultura

Tipo da produção: A. Trabalhos/projetos do PIBID, PIBIC, Graduação,  
Extensão e afins

Os Museus são meios de comunicação que transmitem informações, sendo as exposições museológicas, a sua principal forma de diálogo com os visitantes. Nesse contexto, esse trabalho visa desenvolver uma reflexão e análise da utilização do SketchUp, um software livre, que auxilia na concepção de espaços expositivos. Iniciamos esta pesquisa a partir de uma observação da exposição de longa duração da Casa de Cultura João Ribeiro, buscando sintetizar alguns conceitos e entender como a mensagem pode vir a ser processada a partir de um projeto expositivo em 3D e de que forma esse projeto pode otimizar a criação de um espaço expositivo. Partimos de uma abordagem do procedimento da comunicação e suas características no campo da museologia, de modo a verificar qual a importância da utilização do software no enquadramento comunicativo dos museus. Faz parte da metodologia deste trabalho, a leitura sistematizada de textos teóricos e técnicos, na área de design e comunicação museológica. Foram realizados, a partir desses textos, um projeto expositivo para uma das salas da Casa de Cultura João Ribeiro. A abordagem teórica se fez a partir do entendimento de conceitos de museologia trabalhados por Desvallées e Mairesse (2013), Granato (2015), e o conceito de museologia sob o ponto de vista Cury (2006 e 2003). A intenção do projeto é mostrar e propor uma reflexão sobre os métodos de exposição, averiguando os diversos fatores que interferem nas relações museológicas, partindo do plano de que os museus são instituições construtoras de conhecimento. Para tal, é necessário que possuam um espaço expositivo que atenda as necessidades da sociedade, sempre levando em conta o seu caráter educativo. Desta maneira, buscamos compreender quais mudanças estão ocorrendo na contemporaneidade a partir de uma análise da aplicação dos elementos visuais e do design, tendo como estudo de caso, a criação de um projeto expositivo para uma das salas da Casa de Cultura João Ribeiro, situada na cidade de Laranjeiras Estado de Sergipe. A casa de Cultura tem como finalidade difundir e preservar a cultura de Laranjeiras salvaguardando obras de João Ribeiro, um sergipano de destaque nacional no

campo intelectual brasileiro. A pesquisa enfoca a técnica criativa de um espaço expositivo utilizando o SketchUp como ferramenta de modelagem, se trata de um software que permite a criação de projetos em 3D com técnicas tradicionais para gerar uma geometria do objeto. A criação de projetos nesta plataforma permite a concepção mais precisa da sala expositiva trabalhada, utilizando das suas ferramentas básicas, proporcionando uma amplitude na descrição tanto em cômodos quanto em objetos, possibilitando uma recuperação rápida e eficiente dos dados armazenados obtendo assim a organização de metodologias com ênfase na comunicação. Sendo assim, buscamos refletir sobre o papel do SketchUp no contexto informacional do museu e observar a forma como a representação descritiva é utilizada. O trabalho congrega a evolução, ao longo de sua história, dos métodos de organização de seu acervo e das informações dele derivadas. No decorrer da pesquisa constatou-se que todo o processo de comunicação da Casa de Cultura João Ribeiro seguiu os procedimentos relativos ao processo museológico, girando em torno de três eixos: gerenciamento das coleções, o expositivo (envolvendo a pesquisa) e o documental (identificativo dos objetos/coleções), sendo que cada um deles responde às necessidades informativas diferenciadas. Esse software de modelagem permitiu tanto criações totalmente flexíveis e livres de parâmetros fixos, quanto modelagens precisas, passíveis, inclusive, de servirem diretamente de parâmetro para construções. Possibilitando integração total com os principais programas de edição de imagens, modelos e vídeos. Com a utilização desse software o museu pode vir a experimentar e buscar organizar seus espaços expositivos através de reflexões sobre os processos de comunicação, averiguando os diversos fatores que interferem nas relações museológicas. Portanto, acreditamos que, o desenvolvimento tecnológico e novas ferramentas podem vir a ser utilizadas a favor da concepção de espaços culturais, possibilitando a criação de circuitos interativos, minimizando os riscos causados no manuseio dos objetos, ampliando a possibilidade de deslocamento, apenas no meio virtual. Permitindo, assim, criar uma dinâmica na concepção dos espaços expositivos, e ampliar as possibilidades.

**Palavras-chave:** Comunicação; Informação; Memória; Preservação.

## REFERÊNCIAS

CURY, Marília Xavier. **Exposição, Concepção, Montagem e Avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.

DESVALLÉES, André.; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Paris: Armand Colin, 2013.

GRANATO, Marcus (Org.). **Museologia e Patrimônio, Coleção**. MAST: 30 Anos de Pesquisa. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2015.

\_\_\_\_\_. **O exercício metodológico da exposição Brasil 50 Mil Anos e outras considerações**. In: Encontro de profissionais de museus. A comunicação em questão: exposição e educação, proposta e compromissos. São Paulo; Brasília: MAE, USP, 2003

### **3 INDICE REMISSIVO**

---

AUTORES	TÍTULO	PÁG
ARAÚJO, A. S. de SANTOS, G.J. dos	No trilhar da percepção: a procissão de Nosso Senhor dos Passos e seus sentidos	32
AZEVEDO, E. A. de	A importância do patrimônio gastronômico na composição e no fortalecimento do cenário turístico da cidade de São Cristóvão-SE	92
BARBOSA, J. R. M SOUZA, M. V. dos S.	A utilização do cordel no ensino de geografia nas séries iniciais: um relato de experiência	20
CELESTINO, T. B. de S.	Performance artística ou experiência com o sagrado? O olhar de Walter Firmo e José Castello sobre Arthur Bispo do Rosário	70
CONCEIÇÃO, A. C. da	Processo de investigação em dança: alimentando-se poeticamente dos elementos das Taieiras de Laranjeiras/SE	75
COSTA, J. C. MOREIRA, J. de F. R.	Festa de Nossa Senhora dos Remédios: decifrando quais os produtos comercializados na festa	110
COSTA, V. S. VARGAS, M. A. M.	Uma leitura de Denis Cosgrove aplicada à paisagem dos parques eólicos no Brasil	103
CRUZ, E. S. MELLO, J. C. de	Zabumba biográfica do Encontro Cultural de Laranjeiras nos periódicos sergipanos	136
DUMAS, A. G. ALMEIDA, L. V. C.	“Tambor é oco do pau, curtiço da uruçó”: ancestralidade, cultura popular e memórias no Samba de Aboio (SE)	126
FIGUEIREDO, R. M. de GUIMARÃES, E. R. SOUZA, E. C. P. de	O Sketchup como auxílio na concepção de espaços expositivos: estudo de caso da Casa de Cultura João Ribeiro	141
FREITAS, L. B. A. SILVA, E. P. S.	Movimento das Catadoras de Mangaba, um patrimônio imaterial sergipano	97
JESUS, M. C. de J.	Alimentação e cultura no ensino de história: uma experiência com alunos do 8º ano	130
JESUS, M. C. de J.	Do rural para o mundo: uma periodização do forró	121
LIBERATO, M. M VIEIRA, L. V. L	Turismo cultural: perfil do visitante do Museu da Polícia Militar de Sergipe (MPMSE)	95
LIMA, D. R. de SIMÕES, A. F	O chão da festa: sobre resíduos, catadores e carnaval	36
LIMA, R. S. de VARGAS, M. A. M.	Á água: um patrimônio	100
LOPES, J. R. SCHIERHOLT, A. F. P.	Sociabilidade tradicional, festas e modernização em Cabo Verde, África	29
MENESES, V. D.	Taieiras no Tocantins: reelaboração do sagrado e do profano	108
MENESES, V. D. FERRAS, M. E. C. de S. SANTOS, L. S. dos	Reelaboração, comunicação e cultura popular: Taieiras e Cavalhada no Tocantins	28
MENESES, V. D. MARTINS, B. de C. BORGES, N. K. B.	Comunicação, sociabilidade e tradição no Entrudo de Arraias, Tocantins	24
NASCIMENTO, I. C. S. do LEMONS, W. G.	A representação do cangaço nos cordeis de Manoel D'almeida Filho: um recorte temático	19
NOVAIS, J. A. B. CORREIA JÚNIOR, G. LIMA, J.J. S.	O Reisado de Laranjeiras: presente no cenário cultural sergipano	116
PINHEIRO, B. F. OLIVEIRA, H. S. de	(Re)discutindo a presença indígena na Festa do Lambe Sujo e Caboclinho	132
PRAZERES, G. G. da S. ANDRADE, Í.R. de C. LUCENA FILHO, S. A. de	Performances folkcomunicacionais nos ensaios de rua da Quadrilha Junina Tradição em Recife/PE	119
RAMOS, L. L. VARGAS, M. A. M.	Barco-de-fogo: patrimônio imaterial de Sergipe	79
RIBEIRO, L. F. SILVA, J. M. de O. SANTOS, S. V. dos	Reflexões da construção do roteiro integrado da civilização do açúcar no estado de Alagoas (2007 –2011)	38
RIBEIRO, L. F. SILVA, J. M. de O.	Renda de Bilro - tecendo história com identidade, memória e meio de viver na cidade de São Sebastião - AL	37



SANTOS, S. V. dos		
ROCHA, P. Q. SOUZA, A. F. G. de	Os significados da tradicional festa do padroeiro São José da comunidade Alto dos Coelhos em Água Branca – AL	27
ROZA, E. S.	A (des)naturalização do gênero: leitura de um folheto de cordel de Valeriano Felix dos Santos	18
SANTANA, F. M. LUCENA FILHO, S. A. de	A queijadinha de Dona Marieta em São Cristóvão/se no contexto do folkturismo como estratégia para o desenvolvimento local	72
SANTANA, T. da S. RODRIGUES, B. B.	A quadrilha junina no contexto escolar: ações dançantes	134
SANTOS, C. C. dos SILVA, I. C.C. SANTOS, A. F. dos	A dança e o cordel	32
SANTOS, D. L. VARGAS, M. A. M.	A ressignificação da cavalgada do povoado Tapera - Itaporanga D'ajuda /SE	123
SANTOS, D. A. C dos	Esse rio é minha rua: as memórias do “carnavalo” que emergem nas lembranças dos moradores do povoado Cabeço, município de Brejo Grande	106
SANTOS, J. C. dos VARGAS, M. A. M.	Laranjeiras e as práticas do espeleturismo no estado de Sergipe	139
SANTOS, K. S. L. SILVA, M. de F. C. da	A escola e o compromisso com a sergipanidade: um estudo sobre a presença das manifestações culturais nas práticas curriculares	33
SANTOS, L. M. MARTINS, L. M.	Cultura popular: um olhar acerca da tradição dos caminhoneiros de Itabaiana/SE	25
SANTOS, P. P. VILAR, J. W. C.	A “invenção” da praia como patrimônio cultural para o veraneio e do turismo	89
SANTOS, P. P. S. FAÇANHA, V. S. T. de A. VILAR, J. W. C.	Educação patrimonial e turismo: os cursos de capacitação do PRODETUR/SE no polo Costa dos Coqueirais	86
SANTOS, S. V. dos RIBEIRO, L.F.	Notas sobre o patrimônio e o pertencimento: uma análise dos resultados no estudo sobre a Igreja e Convento Nossa Sr. <sup>a</sup> dos Anjos, Penedo, AL	35
SANTOS, S. V. dos SILVA, J. M. de O.	Memória e identidade: o ofício das rezadeiras em Delmiro Gouveia, sertão alagoano	31
SANTOS, V. R. dos	Festa como performance e contradição : negros e índios , caboclos e escravos em conflito	26
SANTOS JUNIOR, R. F. dos SANTOS, D. A. C. dos	A deposição de um rei: práticas de silenciamento na procissão de Santos Reis em Laranjeiras/SE	81
SERPA, A.	Tradição e contemporaneidade nas festas de rua: o exemplo de Salvador	52
SILVA, E. P. S. FAXINA, F. MELLO, J. C. de	Ilha Mem de Sá: perspectivas museológicas e atratividade turística	83
SILVA, M. de F. C. da SANTOS, K. S. L.	Revalorização da cultura educacional no município de Laranjeiras–SE	39
SILVA, U.J. da SANTOS, S.V.dos	Cultura popular em cordel: o projeto Cordel e Cia. e sua contribuição para a educação pública	21
XAVIER, M. D. MOREIRA, J. de F. R.	Um olhar sobre os festejos de Nossa Senhora dos Remédios e o seu papel de lazer e comércio em Arraias-TO	113